PÁGINAS VERMELHAS

CACO BARCELLOS

O CHICO BUARQUE DO JORNALISMO BAIXA A GUARDA E FALA DO CASAMENTO, DOS FILHOS E DE MARCINHO VP

36

R$ 8,50

Setembro 2004 Ano 04, Nº 36

IMAGEM NÃO É TUDO

BELEZA PLASTIFICADA: VAMOS FICAR TODAS IGUAIS À BARBIE?

A VOLTA DE ROBI ROSA

EX-MENUDO GRAVA DISCO E ENGANA KID VINIL, JAIRZINHO E PAULA LIMA

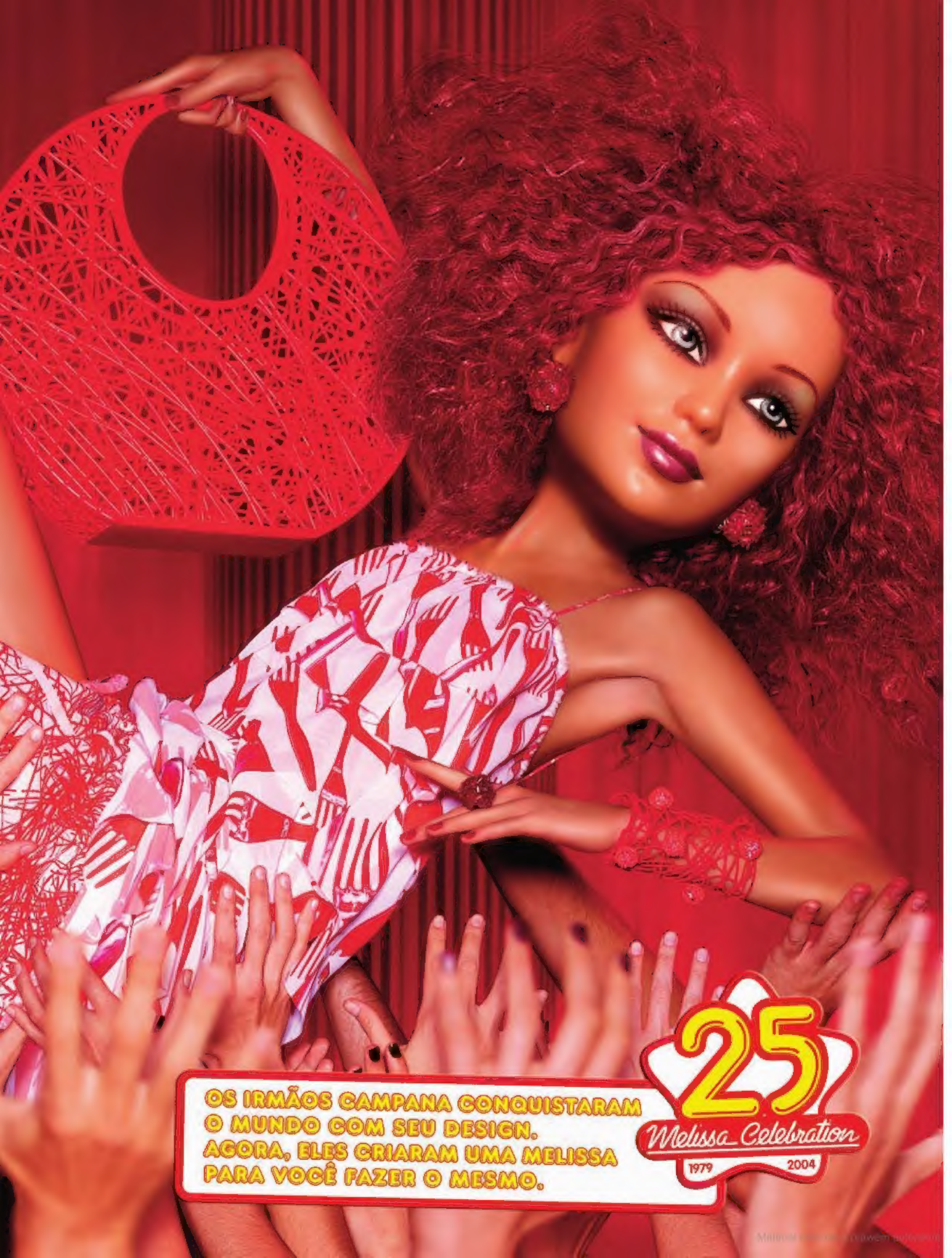
E MAIS:

ISABELLA GIOBBI, CYNTHIA HOWLETT, ANA STRUMPF, ISABELLE TUCHBAND, CAROL BUENO E JULIANA SUASSUNA REVELAM A INTIMIDADE DE SEUS QUARTOS

ISSN 1519-4035

Material chroniony prawem autorskim

melissa + campana


OS IRMÃOS CAMPANA CONQUISTARAM
O MUNDO COM SEU DESIGN.
AGORA, ELES CRIARAM UMA MELISSA
PARA VOCÊ FAZER O MESMO.
25
Melissa Celebration
1979
2004

ÍNDICE

PÁGINAS VERMELHAS

12 **CACO BARCELLOS** Uma batida na vida pessoal do maior repórter policial do Brasil: antes de ser o Barcellos que conhecemos, ele foi motorista de táxi, hippie e estudante de engenharia

ENSAIOS

34 **ÁLVARO JACOMOSSI** Ele formava o casal 20 da moda com a top Isabelli Fontana. Mas acaba de se separar. Alguém quer dar colo para o pai do Zion?

80 **ROBI DRACO ROSA** Ele está de volta. O mais meigo dos Menudos troca os bastidores de sua bem-sucedida carreira de produtor musical pelos palcos. E ganha elogios de Kid Vinil, Jairzinho e até da revista *Rolling Stone*

IMAGEM NÃO É TUDO

41 **SEU ROSTO ESTÁ NA MODA?** Sua boca é carnuda? Seu nariz é fino e arrebitado? Cirurgiões plásticos prometem resolver seus complexos e deixar você com a aparência perfeita. Tudo parcelado em dez vezes sem juros. Será que no futuro seremos todos iguais? A *Tpm* reflete sobre essas e outras questões num especial de dez páginas

COMPORTAMENTO

52 **A GRANDE FAMÍLIA** Um dos clãs mais tradicionais de São Paulo também é uma máquina de fazer campeões. Na vela, na piscina, no vôlei, no triatlo, no surf – eles encaram qualquer parada. Tome fôlego e mergulhe no mundo dos Nabuco

ARQUITETURA

58 **LEITO DE MULHER** Seis moças de estilo deixam a reportagem da *Tpm* entrar em seus quartos para mostrar como elas vestem seus ninhos

PERFIL

66 **THALMA DE FREITAS** Contrato com a Globo, sucesso com a Orquestra Imperial, disco solo, namorado, paz familiar. Os 30 anos chegaram bem para a filha do maestro

SEMPRE NA *TPM*

22 **EDITORAS CONVIDADAS**

71 **BADULAQUE**

86 **SACOLÃO**

COLUNAS

92 **PENETRA** João Paulo Cuenca e o charme discreto da vida a três

93 **COLUNA DO MEIO** Um varão invadiu a vida de nossa colunista gay

94 **UM PENSAMENTO** Mara Gabrilli se mexe outra vez: agora ela é candidata a vereadora

PEÇA PELO NÚMERO QUE A GENTE MANDA A REVISTA. ENVIE UM CHEQUE NOMINAL OU VALE-POSTAL NO VALOR DE R$ 7,50 PARA A TRIP EDITORA E PROPAGANDA S/A E RECEBA A EDIÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHER PELO CORREIO, NA SUA CASA. ENVIE TAMBÉM UM TELEFONE PARA CONTATO. NOSSO ENDEREÇO: RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP, AOS CUIDADOS DO DEPTO. DE CIRCULAÇÃO.

Material chroniony prawem autorskim

Editor Paulo Lima cartas@revistatpm.com.br **Diretor Superintendente** Carlos Sarli sarli@trip.com.br **Diretor Conselheiro** Marcos de Moraes mmoraes@trip.com.br **Diretores de Planejamento e Gestão** Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona **Diretor Editorial** Fernando Luna fluna@trip.com.br **Diretor Financeiro** Fabio Suda suda@trip.com.br

REDAÇÃO **Diretora de Redação** Daniela Falcão dfalcao@trip.com.br **Editora Executiva** Milly Lacombe milly@trip.com.br **Repórter Especial** Nina Lemos nina@trip.com.br **Reportagem** Renata Leão Bavaresco renataleao@trip.com.br e Ana Maria Peres anamaria@trip.com.br **Estagiárias** Ariane Abdallah ariane@trip.com.br e Carol Sganzerla carolina@trip.com.br **Colunistas** João Paulo Cuenca e Mara Gabrilli **Revisão** Daniela Lima e Fabiana Biscaro

ARTE **Diretora de Arte** Paola Giavina-Bianchi paola@trip.com.br **Chefe de Arte** Sérgio Brandão Cury sergio@trip.com.br **Estagiário** Rodrigo Villas Boas rodrigovillas@trip.com.br **Projeto Gráfico** Beth Slamek e Paola Giavina-Bianchi (Rafic Farah Estúdio)

PRODUÇÃO **Coordenação** Anita Castanheira anita@trip.com.br **Produção** Regina Trama regina@trip.com.br **Estagiárias** Marina Ragusa e Thais Rabay (revista e site)

PRODUÇÃO GRÁFICA Walmir S. Graciano walmir@trip.com.br, Monica Yamamoto monica@trip.com.br e Leticia Ueoka leticia@trip.com.br

INTERNET web@trip.com.br **Diretora de Arte** Eva Uviedo eva@trip.com.br **Chefe de Arte** Ivan Obara ivanobara@trip.com.br **Assistente de Arte** Fábio Módena fabiomodena@trip.com.br **Produção** Juliana Hirschmann julianah@trip.com.br **Reportagem** Bruna Bittencourt bruna@trip.com.br **Estagiária** Gabriela Borges gabriela@trip.com.br

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO **Texto** Bia Abramo, Daniela Souza Pinto, Fernanda Mena, Juliana Calderari, Juliana Loureiro, Juliana Pinheiro Mota, Juliana Sampaio, Jô Hallack, Laura Guimarães, Lorena Calábria, Marcelo Bernardes, Vanessa Bárbara, Verônica Campos, Silvana Gurgel **Fotos** André Brandão, Bob Wolfenson, Christian Gaul, Gustavo Malheiros, Guto Seixas, Kiko Ferrite, Paula Prandini, Rafael Quintino, Tuca Reinés **Ilustração** Isabelle Tuchband, Tiago Almeida e Zed

DEPARTAMENTO DE MARKETING / PUBLICIDADE **Gerente** Daniela Basile danielab@trip.com.br **Assistentes** Gustavo Giglio guga@trip.com.br e Márcio Cruz marcio@trip.com.br **Estagiária** Gabriela Bauab gabi@trip.com.br

DEPARTAMENTO COMERCIAL **Diretor** Cris Moreira crismoreira@trip.com.br
Gerente de clientes diretos Antonio Bonfá Junior (11) 3898 8235 toto@trip.com.br
Executivos de Contas Ana Paula de Camargo acamargo@trip.com.br (11) 3898 8258
Mauricio Silveira mauricio@trip.com.br
Executivo de Contas on-line e *TRIP* FM Marcelo Rocha marcelorocha@trip.com.br (11) 3898 8203
Assistente Comercial Carol Serra carolserra@trip.com.br (11) 3898 8241
Representante Rio de Janeiro Sandra Cortez sandra_cortez@ig.com.br (21) 9122 8294, Sólida Conceitual (Márcia Alvaredo) (21) 3491 1350
Representante Sul Ado Henrichs ado@trip.com.br (51) 3325 0328 / (51) 9191 8744
Representante Minas Gerais Gustavo Zilfer contatomg@trip.com.br (31) 3225 5888
Representante Brasília Alaor Machado alaormachado@uol.com.br (61) 223 7005
Representante Paraná Luiz Cezar Pimentel bestseller@uol.com.br (43) 9996 6507

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO / FINANCEIRO
Coordenação Rodrigo Lutfi rodrigo@trip.com.br
Analista Financeiro Juliana von Krüger Toledo juliana@trip.com.br
Recursos Humanos Bettina Ranoya bettina@trip.com.br
Estagiária Juliana Albuquerque Gross jugross@trip.com.br
Representante Jurídica Claudine Koide claudine@trip.com.br
Analista de Circulação Carla Arakaki carla@trip.com.br
Assistente Administrativo Vanessa Marçal vanessa@trip.com.br
Estagiária Samira Bissiguini samira@trip.com.br
Assistente Financeiro Ricardo Braga braga@trip.com.br
Manutenção e Expedição Nivaldo Ferreira Alves
Recepção Maria Fernanda Medeiros e Sarah Maia
Serviços Externos Osvaldo de Oliveira Braga Junior

ASSINATURAS **Supervisor de Assinaturas** Jessica De Silva jessicanet@trip.com.br **Bancas** Carla Arakaki carla@trip.com.br **Assinaturas e Atendimento ao leitor** Jéssica Panazzolo jessica@trip.com.br **Atendimento TRIP Editora:** (11) 3038 1480 2ª a 6ª, das 9h às 20h trip@teletarget.com.br

PROJETOS ESPECIAIS E EVENTOS **Diretora** Ana Paula Wehba anapaulaw@trip.com.br **Arte** Ricardo M. Quero Luque queroluque@trip.com.br

PESQUISA DE IMAGENS **Coordenador** Aldrin Ferraz imagem@trip.com.br (11) 3898 8267 **Assistente** Telma Rodrigues telma@trip.com.br (11) 3898 8247

ENDEREÇO Rua Lisboa, 78, Jardim Paulista, São Paulo, SP, 05413-000 PABX (11) 3898 8200

NÚMEROS ATRASADOS Peça ao seu jornaleiro ou ligue para (11) 3081 4511

FALE COM A GENTE E-mail cartas@revistatpm.com.br

VISITE NOSSA COZINHA TRIP Para Mulher na internet: www.revistatpm.com.br

IMPRESSÃO Padilla

A REVISTA *TPM* É IMPRESSA EM PAPÉIS COUCHE IMAGE ART, FABRICADOS PELA RIPASA S/A CELULOSE E PAPEL, EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE

A TRIP Para Mulher não aceita publicidade de cigarros. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista TRIP Para Mulher, uma publicação mensal da TRIP Editora e Propaganda S/A (ISSN 1414 350X)

NÓS VENDEMOS ESPAÇO, MAS NÃO VENDEMOS OPINIÕES · FILIADO AO IVC

DISTRIBUIÇÃO Em todo território nacional e em Portugal – Fernando Chinaglia S/A R. Teodoro Silva, 907, Rio de Janeiro, RJ

PARA ASSINAR A *TPM* trip@teletarget.com.br tel.: (11) 3038 1480

Material chroniony prawem autorskim

EDITORIAL

TRANSFORMAÇÃO

CADA NÚMERO DA *Tpm* TEM DUAS CAPAS. PEÇA AO JORNALEIRO PARA VER AS OPÇÕES E ESCOLHA A SUA. CACO BARCELLOS FOI CLICADO POR PAULA PRANDINI. A GAROTA VIRTUAL FOI FOTOGRAFADA POR ANDRÉ BRANDÃO

Uma máquina que voa pode tirá-lo da América do Sul e colocá-lo no meio da África em cerca de oito horas, uma decisão relativamente simples pode tornar um executivo de multinacional num monge budista, um processo burocrático e uma cirurgia podem transformar Everaldo em Arlete, uma pílula azul minúscula pode devolver a um senhor octogenário, no crepúsculo da vida, as ereções e o apetite sexual de um cadete da Aeronáutica, uma maquininha de mil reais transforma qualquer fulano numa máquina eficientíssima, capaz de se comunicar com o mundo inteiro ao mesmo tempo em questão de segundos e quase de graça, e de interferir em governos, corporações e vidas alheias...

A suposta evolução da civilização e a tecnologia nos trouxeram a um ponto em que, literalmente, um indivíduo pode tudo. Basta querer.

Mais recentemente, procedimentos cirúrgicos relativamente simples são capazes de alterar os planos da genética ou de Deus, para o bem e para o mal. Narizes podem encolher, seios podem aumentar, pênis esticam, faces repuxam. Serram-se queixos, estufam-se bochechas, aspiram-se culotes e modelam-se glúteos. Tudo em nome da busca desesperada da felicidade que o simples consumo desenfreado ou a puída fórmula infância-juventude-escola-trabalho-casamento-filhos-velhice não entregaram.

Nesta *Tpm* não queremos, de maneira nenhuma, endemonizar os incríveis feitos da ciência. Menos ainda deixar escapar uma falsa impressão de que não reconhecemos a importância da cirurgia plástica para aliviar sofrimentos, reparar defeitos ou mesmo aplacar angústias pessoais. A cirurgia plástica, como qualquer ferramenta moderna, não é em si um mal. Nesse caso, o contrário. Assim como com o automóvel ou com o avião a jato, é fundamental que saibamos lidar com nossas potencialidades, para que não nos transformemos em instrumentos de destruição lenta de nós mesmos.

E, como já disse alguém, quanto mais pudermos ser o que e quem quisermos, mais fundamental será descobrirmos quem de fato somos ou queremos ser.

É aí que mora a verdadeira transformação.

Paulo Lima, editor

CURSOS 2004
INSCRIÇÕES ABERTAS

ARTES PLÁSTICAS
CENOGRAFIA
FIGURINO
FOTOGRAFIA
HISTÓRIA DA ARTE
TEATRO
TEXTO
YOGA

MUSEU DE
ARTE MODERNA
mam
DE SÃO PAULO

PARQUE DO IBIRAPUERA S/Nº PORTÃO 3 - TEL 11 5549-9688 / WWW.MAM.ORG.BR - CURSOS@MAM.ORG.BR

E-MAILS E CARTAS

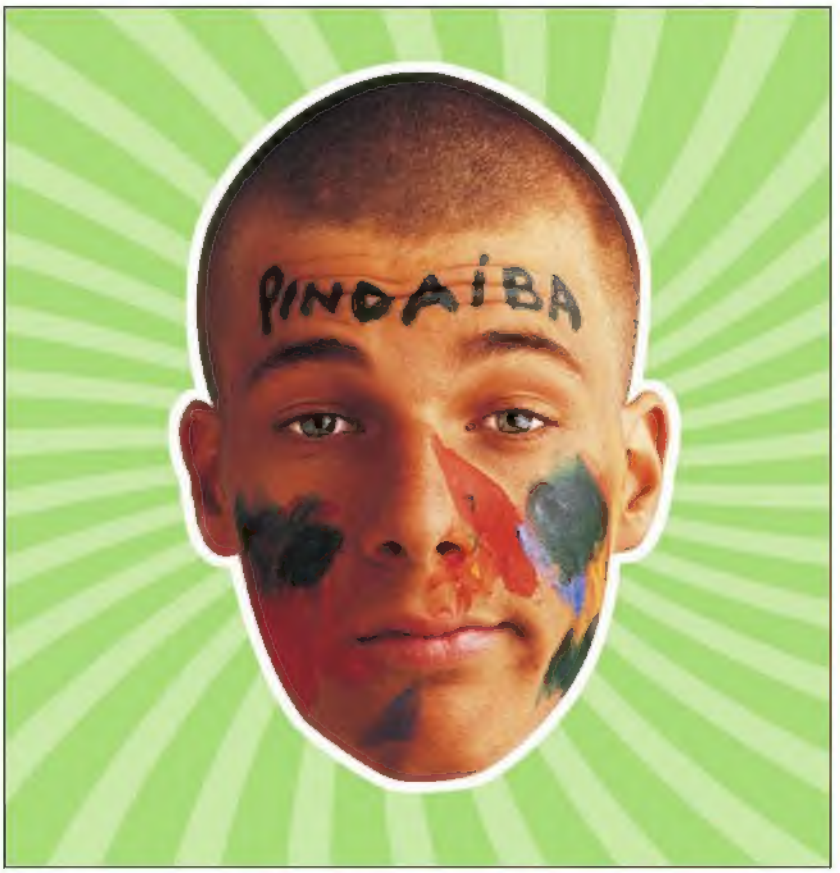
MÁGOAS, ELOGIOS? CONTE PARA A GENTE TUDO O QUE ACHA DA REVISTA E ESCREVA PARA **CARTAS@REVISTATPM.COM.BR** OU PARA RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP. SE PREFERIR BOTAR A BOCA NO TROMBONE, LIGUE PARA (11) 3081 4511

VERA GATA

Sou jornalista e, como tal, gostaria de cumprimentar a Nina e a Milly pelo belo texto da matéria com Vera Zimmermann. Que bela introdução! Um convite irrecusável para continuarmos lendo até a última palavra. Como colega de profissão, faço questão de elogiá-las, pois não é sempre que uma matéria é tão bem escrita.
Raquel Proença, São José dos Campos (SP)

ROLOU!

Escrevo para avisá-las que o projeto Teatro nas Prisões, minha matéria que vocês bravamente conseguiram publicar na *Tpm* ["*As mulheres que amavam o homem*", Tpm *# 30*], foi aprovado na Lei de Fomento de São Paulo e estréia na segunda semana de outubro. O espetáculo é baseado em *O Muro*, de Jean-Paul Sartre, com ex-presidiários e presos do semi-aberto, além dos atores. Bacana, não? A propósito, a *Tpm* está cada vez melhor, se posicionando politicamente, mas feminina sem ser "mulherzinha". Parabéns pelo trabalho de vocês.
Ademir Correa, São Paulo (SP)



PARA **ASSINAR** A *Tpm*, ESCREVA PARA TRIP@TELETARGET.COM.BR OU TELEFONE PARA **(11) 3038 1480**, DE 2ª A 6ª, DAS 8H ÀS 20H.

ENCANTADAS

Venho aqui para agradecer pela entrevista com o Lirinha do Cordel. Já gostava, mas não tinha ligado o nome à pessoa. Fui assistir a um show e posso dizer uma coisa: saí de lá completamente encantada. No mesmo sábado comprei os dois CDs pra ficar mais encantada em casa. Obrigada pela *Tpm* ser uma revista pra lá de feminina, inteligente e moderna. Obrigada por abrir mais um pouco minha mente, já estava cansada de Charlie Brown Jr.
Ana Claudia Silva, São Paulo (SP)

Dois homens sacudiram a *Tpm* este mês: João Paulo Cuenca e Lirinha. O primeiro foi certeiro como um tiro na nuca da gente. Quem é mulher e não está triste que esvazie o tambor do revólver deste rapaz. E Lirinha dispensa comentários. O melhor conselho que eu posso dar é: vão ver o show. Daí entenderão por que gritei histericamente quando recebi a revista!
Julliana Veloso, Bayeux (PB)

DIVÓRCIO

Adoro a *Tpm* e é justamente por isso que mando umas críticas - e elogios - de vez em quando. Desta vez fiquei profundamente decepcionada com a reportagem sobre casamentos. A repórter usa muitas vezes um tom pejorativo e preconceituoso. E daí se a noiva quer uma decoração pink? Qual o problema de casar com um índio no lugar do padre, sendo ele pajé ou não? Pelo amor de Deus, que coisa mais retrógrada. Imagem não é tudo, mas é muito. Deixa cada um realizar seus sonhos da maneira que quiser, ainda mais esse tipo de sonho, tão inofensivo.
Carolina Mathias Moreira, Piracicaba (SP)

Material chroniony prawem autorskim

MP3 MTV MUSIC TELEVISION MOTO
motorola c650
seu celular vai bombar uma música em mp3 sempre que alguém ligar para você. também dá para fazer downloads de vídeos, papéis de parede e de conteúdos da mtv, como clipes e ringtones. mais um pouquinho, você vira vj.
você pode baixar os conteúdos da mtv no site hellomoto.com.br
MOTOROLA
intelligence everywhere™
SAC: 0800 701-1244 – Grande São Paulo: 3328-3838. Disponível na tecnologia GSM. Consulte sua operadora sobre a disponibilidade do serviço. Foto meramente ilustrativa.

E-MAILS E CARTAS

MÁGOAS, ELOGIOS? CONTE PARA A GENTE TUDO O QUE ACHA DA REVISTA E ESCREVA PARA **CARTAS@REVISTATPM.COM.BR** OU PARA RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP. SE PREFERIR BOTAR A BOCA NO TROMBONE, LIGUE PARA (11) 3081 4511

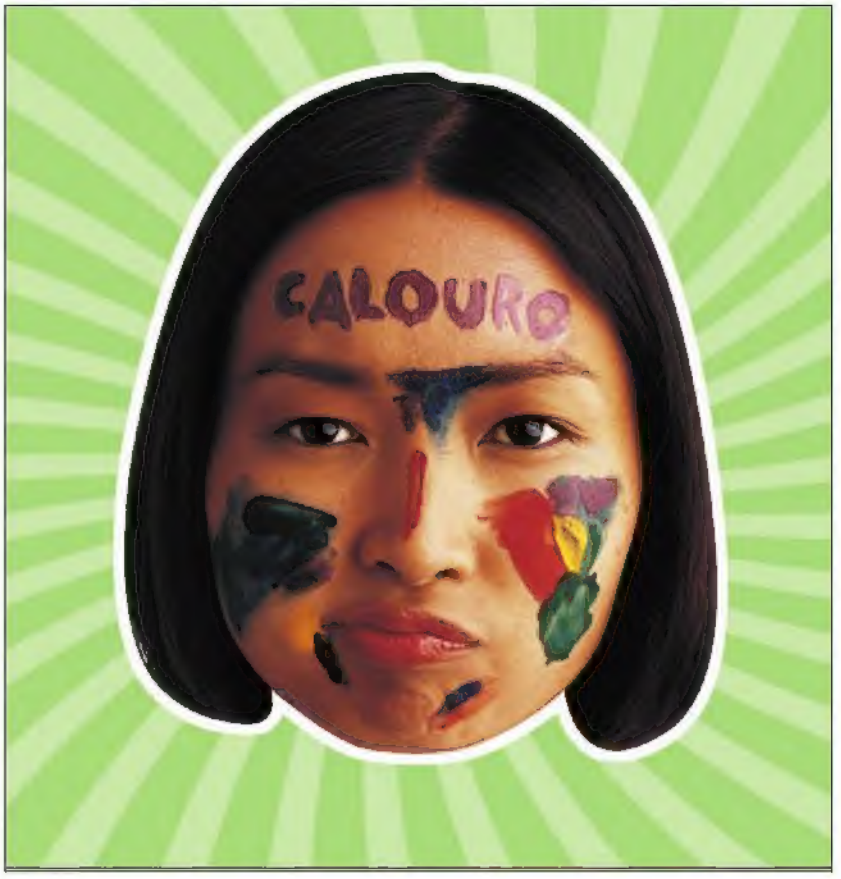
PERAÍ

Gosto tanto da *Tpm* que até ganhei uma assinatura surpresa do meu maridão. Apenas tenho sentido muito ver vocês publicando perfis de pessoas que eu acredito não serem tão fortes assim. Não desmereço a "aprendiz" de chef Vanessa Trefois ou aquele rapaz que faz jóias que vocês publicaram alguns meses atrás *[Ara Vartanian,* Tpm *# 31].* Acho que eles podem e devem ser muito bons, apenas sinto que são pessoas que vêm de berço de ouro e muitas vezes acabam sendo exaltadas demais. Gostaria de ver reportagens de gente que não tem pai rico e famoso e mesmo assim estão se destacando. Cuidado para que vocês, na ânsia de se diferenciar tanto das revistas que mais criticam, não acabem exatamente como elas, apenas "tentando parecer" mais cool!
Larissa Cunha Moschetta Schultze

RESPOSTA: Cara Larissa, a *Tpm* não tem preconceito. Quem é bom merece espaço. Seja nascido "em berço de ouro", seja numa favela, seja numa casinha de sapê.

MENINAS TRISTES

Sou uma menina triste. É até difícil admitir, mas, por mais que doa, esta é a realidade. É uma tristeza estranha, parece que algo se perdeu entre a noite na balada e o dia na praia, parece que a vida é como a segunda-feira dos Buendia em *Cem Anos de Solidão*. Tudo se repete e me pergunto se tudo vale realmente a pena. Suspiros e falar de amor já não resolvem, fumar já não resolve. Queria só uma explicação para a tristeza que acalenta o peito enquanto escrevo para não sei quem que definiu como ninguém minha alma.
Luita Maria Nunes da Silva, Pelotas (RS)



João Paulo,
"Menina Triste" é uma das coisas mais lindas (e reais) que li ultimamente. Não sei se é o excesso de informação, a falta de perspectiva na vida, a falta de amor, sabe lá o que é isso, mas todos os dias, quando acordo, todo final de tarde, quando acabo parte do trabalho, toda vez que encontro o namorado no final da noite é sempre a mesma pergunta: "E agora?". Como eu, muitas mulheres devem ter se identificado com esse texto e devem se perguntar a mesma coisa todos os dias... Deve ser um mal moderno ou, pior, um mal eterno, completamente feminino. Obrigada por inspirar!
Luciana Mastrorosa, São Paulo (SP)

MILLY LACOMBE NO METRÔ LONDRINO

Meninas, recebi alguns exemplares da *Tpm* aqui em Londres e fui lendo no metrô. Quando cheguei na página da Milly, aquela que fala sobre elogio de mãe (*Tpm* # 33), tive um acesso de choro no metrô quando terminei de ler o texto. E um amigo meu italiano me perguntou: "Escuta, você deveria estar rindo lendo esta revista com um peladão na capa". Achei engraçado e fiquei tentando explicar...
Luciana Braga, de Londres

Descobri sua coluna há pouco, e gostaria de te parabenizar. Realmente precisamos de pessoas que coloquem o assunto "homossexualismo" de maneira natural, para que haja maior aceitação da sociedade. E você faz isso muito bem. Parabéns.
Andréa Carvalho

Apesar de ser uma leitora assídua da Milly, nunca pensei em ter a honra de enviar algumas palavras para parabenizá-la. Mas hoje não me contive: ao ler a última coluna, minha reação imediata foi mandar este e-mail e agradecer pelo belo texto. Acho invejável a forma como consegue transformar sensações em palavras. Sem contar seus ideais, pois é muito fácil tê-los, mas é difícil explicá-los com clareza. Sou sua fã.
Vanessa Pedrosa, São Paulo (SP)

FOI MAL

Na edição passada, na página da editora convidada Juliana Loureiro, publicamos que "algumas pesquisas supervisionadas pela Universidade Federal de Maringá atestam para o poder terapêutico do fungo de Piedade". Erramos, e o correto é Universidade Estadual de Maringá.

Material chroniony prawem autorskim

Esses produtos estão condicionados à inexistência de restrições cadastrais e financeiras. *A partir do 11º dia de utilização do limite de crédito, serão cobrados juros por todo o período.

REAL UNIVERSITÁRIO. É O REAL INVESTINDO

- **CRÉDITO PRÉ-APROVADO DE R$ 800,00**
- CHEQUE COM SEU NOME
- REALMASTER: CHEQUE ESPECIAL COM 10 DIAS SEM JUROS POR MÊS*
- SEM COMPROVAÇÃO DE RENDA

SE VOCÊ JÁ É CLIENTE REAL UNIVERSITÁRIO, PASSE NA SUA AGÊNCIA E PEÇA TAMBÉM UM CRÉDITO DE R$800,00.

REAL UNIVERSITÁRIO
www.bancoreal.com.br/universitario

Material chroniony prawem autorskim

TALENT

EM VOCÊ QUANDO VOCÊ MAIS PRECISA.

- CARTÃO DE CRÉDITO INTERNACIONAL COM DESCONTO NA ANUIDADE E REAL MINICARD GRATUITO
- TARIFAS REDUZIDAS
- ESPAÇO REAL UNIVERSITÁRIO NA INTERNET
- MAIS UM ANO COM TODOS ESSES BENEFÍCIOS APÓS A FORMATURA

O banco da sua vida.

BANCO REAL
ABN AMRO

JUNTANDO OS CACOS

texto e foto **Renata Leão**, de Paris

ANTES DE SE TRANSFORMAR NO MAIOR REPÓRTER POLICIAL DO BRASIL, ELE FOI MENINO POBRE, MOTORISTA DE TÁXI, HIPPIE E ESTUDANTE DE ENGENHARIA. CASADO HÁ 18 ANOS E PAI DE TRÊS FILHOS, O RESERVADO CACO BARCELLOS ABRE SEU APARTAMENTO PARISIENSE À REPORTAGEM DA *TPM* PARA FALAR DE CASAMENTO, FAMÍLIA, MARCINHO VP, AMEAÇAS DE MORTE E ENVELHECIMENTO

Apesar de aparecer quase diariamente na tela da TV Globo fazendo reportagens cabeludas, Cláudio Barcellos, 54, o Caco, é um cara tímido. Fica vermelho quando sabe que foi apelidado pela redação da *Tpm* de "Chico Buarque do jornalismo", engasga ao ser questionado sobre cantadas e, quando o assunto é família, a voz sai baixa e trêmula. É que ele detesta a idéia de virar celebridade. Acha que sua vida pessoal não tem nada de interessante e que seu dia-a-dia é um tédio. "Minha vida é trabalhar, jogar futebol, fazer minha comidinha natureba e ler. Quer mais tédio que isso?"

Ainda que seu cotidiano não tenha nada de mais, Caco se esqueceu de contar o que já conquistou desde que andava pelo Partenon, bairro pobre na periferia de Porto Alegre, catando ossos para depois transformá-los em jogadores de botão. Do táxi que pilotava para pagar a faculdade até o microfone da Globo, se passaram 17 anos. Todos intensos. Caco viveu em comunidades hippies, esteve na Nicarágua em plena revolução, trabalhou na *Veja* e na *IstoÉ*, casou, teve um filho, se separou e casou de novo.

Foi um dos primeiros repórteres policiais a ganhar credibilidade na TV brasileira e escreveu dois clássicos do jornalismo literário, *Rota 66* (sobre crimes praticados pela Polícia Militar de São Paulo, publicado em 92 e que até hoje lhe rende dor de cabeça com a corporação) e *Abusado*, não-ficção mais consumida no Brasil no ano passado. A obra, que já vendeu 60 mil exemplares, conta a história da formação do Comando Vermelho através da vida do traficante Marcinho VP.

Para escrever *Abusado*, vencedor do prêmio Jabuti, o mais importante da literatura brasileira, freqüentou durante sete anos o morro Dona Marta, no Rio de Janeiro. Entrevistou quase uma centena de pessoas, mas sua principal fonte foi o próprio Marcinho VP. Quando o traficante foi assassinado na penitenciária Bangu 3, dois meses após o livro ter sido lançado, o repórter estava em Londres. A notícia deixou-o sem rumo. Sobretudo depois que a imprensa cogitou a hipótese de o crime ter acontecido porque outros bandidos se aborreceram com o conteúdo do livro. Mas Caco não acredita nisso.

Também nega que tenha sido ameaçado de morte por traficantes do Comando Vermelho. E garante que sua mudança com a família para Londres não teve nada a ver com isso. Mas insistiu para que nenhuma foto recente dos filhos e da mulher fosse publicada nesta reportagem.

Festinha e babá

Caco demorou a concordar em falar com a *Tpm*. Foram seis meses de troca de e-mails. Outros quatro até que ele conseguisse marcar uma data para receber a repórter Renata Leão em Paris, cidade onde vive desde o início do ano. Foi um entrevistado dos mais cordiais, permitindo que a repórter ficasse de olho em sua rotina durante os cinco dias em que esteve na capital francesa. Além das cinco horas de conversa no apartamento do próprio Caco, o seguimos por toda parte: nas saídas para gravar matérias pra Globo, em cafés, mercados, restaurantes e até na hora de trocar um sapato.

Pela primeira vez, o gaúcho mora longe da mulher e dos três filhos, que ficaram em Londres. Ian, o mais velho, tem 28 anos e é fruto do primeiro casamento. Iuri, 13, e Alice, 6, são filhos da hoje esthlista Beatriz Fragelli, a Bibi, que conheceu o marido quando resolveu entrevistá-lo para um trabalho na faculdade de jornalismo, em 1983. Caco visita a família todo fim de semana, mas vive com o coração apertado. Durante os dias em que estivemos com ele na capital francesa, seus assuntos preferidos eram a festa de aniversário de Alice e os problemas com a babá que trouxe do Brasil. Além da doença do pai, vítima de uma isquemia cerebral, que terminou morrendo uma semana depois desta entrevista. Nas próximas páginas, ele fala a *Tpm* sobre os altos e baixos da vida que só ele acha tediosa.

[illegible] com o pai e a irmã na praia de Tramandaí, no RS, pouco depois [illegible]. Caco dança com a irmã na festa de formatura do ginásio, em 1954. com a irmã na rua onde moravam, na periferia de Porto Alegre.

Tpm. Apesar de ser um jornalista premiado, boa-pinta e autor de best-sellers, ninguém sabe muita coisa sobre sua vida. Como conseguiu manter a discrição nesses 20 anos de Globo?

Caco Barcellos. A vida particular de um jornalista não deve ser objeto de curiosidade. Antes de trabalhar na TV, era tímido pra caramba. Sou muito mais de ouvir e pensar que de falar. E nunca achei minha vida interessante. Se tenho algum talento, é observar o que tem de interessante na vida dos outros. Minha vida mesmo eu acho um tédio. E para que ficar expondo esse tédio? Não tem muito para mostrar mesmo. Minha vida é trabalhar, jogar futebol, fazer minha comidinha natureba e ler. Leio muito. Quer mais tédio que ficar lendo?

É sempre assim? Não há momentos de extravagâncias?

Não. Mas eu até que tentei. Quando estava apurando meu livro na Nicarágua *[o primeiro que escreveu, A Revolução das Crianças, em 1982]*, um amigo quis me embebedar. Nessa mesma noite, houve um terremoto. Quando achei que finalmente estava bêbado, percebi que era o terremoto, não o álcool. Depois comecei a achar que a ausência dessas extravagâncias tem a ver com as emoções que vivo no trabalho. Minha temperatura não muda muito. Tem alguns dias em que fico um pouco mais deprimido. Aliás isso aqui *[mostra o apartamento com pouquíssimos móveis]* tem um pouco de depressão, não acha?

Você se sente sozinho aqui em Paris?

Sempre. Dá até um certo peso. Se pensar nos equipamentos que tenho de carregar, então, nem se fala *[Caco filma as próprias reportagens e carrega a câmera e o tripé sozinho]*.

Por que você veio para Paris e deixou sua família em Londres?

Topei porque achei interessante experimentar esse tipo de cobertura sozinho. Morro de saudades deles e todo fim de semana vou para lá ou trago eles pra cá. Além disso, eu já queria, há bastante tempo, estudar mais. No Brasil estava tomado pela overdose de informações. Deixava de atender centenas de telefonemas por dia e, em vez de curtir os três que tive tempo de atender, ficava lamentando os 97 que não tiveram minha atenção. Acabava trabalhando 20 horas por dia e não estava conseguindo administrar isso. O excesso de notoriedade na rua também estava complicado. Passava 25 dias viajando e, quando voltava, ia almoçar com meu filho para tratar de um assunto sério e chegava alguém para pedir um autógrafo e perguntar se eu conhecia a Xuxa e o Faustão.

Sua vida estava meio infernal em São Paulo?

Um pouco, mas tinha momentos maravilhosos, como no dia em que uma velhinha me parou na rua e disse: "Olha, Caco, desde 1986 eu rezo por você sempre que te vejo no vídeo". Mas achei que deveria dar um stop. Os médicos me deram uns toques. Disseram para não tirar mais férias no Brasil de jeito nenhum porque eu continuava trabalhando de alguma forma. Estou na praia e aí começa: "Parece aquele repórter da Globo". Quando vejo, tem uns sete agachados me olhando.

Mesmo aqui em Paris você parece viver o trabalho 24 horas por dia. Tem algum momento em que deixa ele de lado?

Não, já joguei a toalha há uns dez anos. Tentei ficar separando as coisas, mas não dá. Mergulho nas histórias, me acabo. Mas também cuido de mim. Chega uma hora em que quero descansar, ler coisas que me fascinam, ir pro sítio... Me esgotei escrevendo *Abusado* e agora estou só com a minha obrigação diária na TV. Recentemente recebi três propostas de livro. Neguei todas. Estou numa fase de estudar coisas que me interessam. Agora estou centrado no terrorismo internacional, uma curiosidade pessoal. Não é para escrever livro ou reportagem.

OBRA SOCIAL SÃO JOSÉ DE MURIALDO

ASSOCIAÇÃO DOS COROINHAS

Nome CLÁUDIO BARCELLOS

Idade: 9 anos - Insc. 31 / 12 / 52

Endereço: R. V. Herreiros, 322

(Assistente)

GOBIERNO DE RECONSTRUCCION NACIONAL

Nombre: CLAUDIO BARCELOS

No. 534

Medio: PRENSA

País: BRASIL

Firma del Portador

Em sentido horário: Caco com o pai, a mãe e a irmã no dia da festa de 15 anos dela; carteirinha da igreja que freqüentava em Porto Alegre; aos 14 anos, com o pai, ao lado do táxi que ajudava no sustento da família; em 1981, depois da Revolução Sandinista, Caco conseguiu [illegible]

Você sempre passou longas temporadas imerso em projetos profissionais. Como conseguiu manter seus relacionamentos amorosos e ser pai três vezes?

Minha profissão faz com que meu casamento seja uma coisa extremamente dinâmica, de eternos recomeços. Você nem imagina os formatos que já teve o meu último casamento

Você e a Bibi, sua mulher, estão juntos há 18 anos. Qual a receita?

Não defendo o casamento como uma coisa que tem de ser para sempre. O que defendo é a qualidade. Se está bom, continua. Senão, acaba. Acho que o nosso está bom até hoje porque trabalhamos muito para isso. A gente senta, discute, fala, tenta novos formatos. Nos últimos tempos, conseguimos uma harmonia muito interessante e não tem sido mais necessário sentar para conversar.

Me dá um exemplo de alguma decisão que vocês tomaram para tornar a rotina do casamento menos maçante.

Os amigos dela são dela, e os meus são meus. É interessante cada um ter sua vida e seu espaço. Tem gente que não combina comigo e combina com ela e vice-versa. Claro que temos amigos em comum, mas isso não é regra. Assim não tem aquela obrigação de sempre ter que sair junto, jantar junto.

Você não se sente meio deslocado no seu meio profissional por ser esse cara tranqüilo, paizão, família?

Sou totalmente careta, me sinto um ser de outro planeta quando penso que tenho três filhos. Até admiro as extravagâncias de alguns amigos e, às vezes, fico pensando que queria ser galinha como um deles, que não consegue namorar alguém mais que uma semana. Podia ser divertido, engraçado, não ter de partilhar problemas e responsabilidades. Mas não adianta. Isso não é da minha natureza

"ÀS VEZES FICO PENSANDO QUE QUERIA SER GALINHA COMO UM DOS MEUS AMIGOS, MAS ISSO NÃO É DA MINHA NATUREZA"

Você é feliz com a vida que tem hoje?

Tenho à minha volta pessoas que gostam de mim. Meu trabalho é reconhecido, e sou feliz por isso. Porque poderia fazer um trabalho com a mesma qualidade, mas sem reconhecimento. Estaria tomando vinho de pior qualidade e comendo sanduíche. Acho muito legal ter esse reconhecimento num veículo poderoso, forte. Sou feliz por fazer TV e ter tanta gente ouvindo as minhas histórias. Isso é um privilégio. Sou feliz porque faço as coisas com convicção, dedicação, empenho, envolvimento, respeitando as pessoas. Aprendi isso com meus pais, que são pessoas simplórias do ponto de vista intelectual, mas de uma ousadia e inteligência grandes. Eles me ensinaram a viver. Sou muito agradecido por essa base que tive.

E seus filhos têm essa base também?

Acho que meu jeito de lidar com meus filhos vem muito do que aprendi com meu pai. Sou bem parecido com ele nessa coisa de afeto com os filhos. Mas tenho uma imensa dificuldade em colocar limites, acho tudo muito engraçado. Por exemplo, se minha filha derrama um balde de café na minha roupa, acho engraçadíssimo. Ou então fico preocupado em saber se ela não queimou as mãos. Mesmo se fizer de

sacanagem, acho divertido.

Você nunca dá bronca?
É raro. Minha bronca é mais um discurso. Prefiro falar sobre caráter, honestidade, coisas que são realmente importantes. Meus filhos são caras legais, que têm valores. Eles são um dos principais motivos para que eu seja um cara feliz, são pessoas do bem. Mas tenho umas falhas. Acho que deveria ter dado mais força para o Ian no campo profissional. Nunca opinei realmente, dizendo que achava que ele deveria fazer isso ou aquilo. Vi ele fazendo publicidade e sabia que aquilo não tinha nada a ver com ele. Mas me limitei a oferecer cursos de especialização e boas escolas, enquanto aguardava com muita ansiedade as descobertas dele sobre o destino. Vibrei quando ele decidiu pela carreira de repórter cinematográfico. E agora espero que tope um dia fazer dupla de reportagem comigo, de preferência para contar histórias de um país livre da violência *[por enquanto Ian paga o aluguel fazendo milk-shakes em Londres]*.

O que você carrega da criação que teve na periferia de Porto Alegre?
Por ter crescido em um bairro pobre tive acesso a muitas coisas legais, como uma Igreja Católica fantasticamente democrática e progressista, que me estimulava em muita coisa e que me fez descobrir potenciais que nem imaginava ter e a vencer muitos desafios, como o da timidez. Eles me ensinaram que a sociedade era injusta, sim, e que, se eu tivesse nascido 7 quilômetros adiante, nos bairros de classe média, minha vida seria melhor. Mas em vez de ficar lamentando, eles ensinavam que, se nos organizássemos, nossa vida ali podia ser boa também.

Com o que se divertia?
Adorava jogar botão. No meu bairro tinha um campeonato disputadíssimo. Era louco, treinava oito horas por dia. A gente tinha um assoalho de madeira em casa, e eu encerava tudo para treinar as jogadas. Juntava osso e levava nas fábricas de botões. Tinha o maior tesão, ficava juntando osso e falava assim: "Esse aqui vai ser um grande craque". Eram ossos de boi, de vaca, de resto de comida das pessoas.

"DEIXEI MEU FILHO LEVAR PORRADA PARA VER QUAL ERA. SER PAI É UM ESFORÇO PERMANENTE E EXIGE SOFRIMENTO"

Houve outros períodos difíceis na sua trajetória de pai?
Claro, principalmente com o Ian, que criei quase sozinho. Adolescência é sempre difícil. Lembro uma vez em que a gente estava no Parque do Ibirapuera andando de bicicleta, e ele esbarrou nuns moleques de rua. Os meninos revidaram, e o Ian quis ir pra cima. Sugeri que ele ignorasse, mas não adiantou. E aí deixei ele brigar. Se fosse outro pai, mais convencional, não deixaria. Deixei ele levar porrada para ver qual era. Quando ia interferir, apareceu um sujeito que começou a dar porrada nos moleques. Não deixei que ele fizesse isso, e o cara não entendeu nada. Me chamou de tudo: "Você é um irresponsável, por que deixou seu filho apanhar, seu louco!". Achei que o Ian tinha que passar por aquilo. Ser pai é um esforço permanente e exige sofrimento. Não é fácil ver o filho levando porrada.

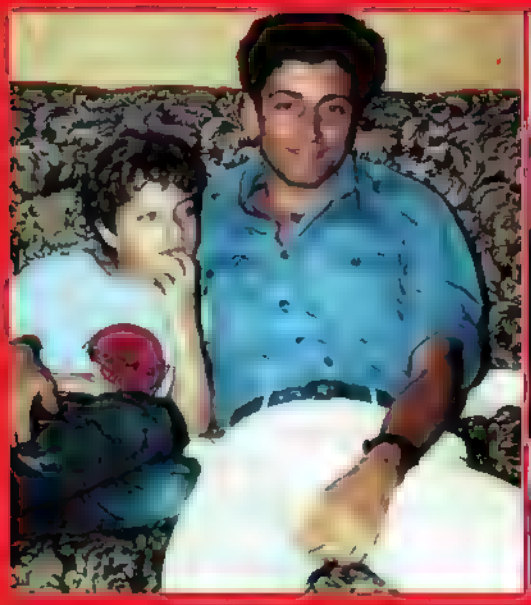
Como foi ter um filho aos 26 anos, quando sua carreira ainda não havia deslanchado?
Não queria ter filho tão cedo, mas aí rolou, e achei que ia conseguir me virar com ele. O Ian me acompanhou em tudo. Não deixei de correr atrás dos meus sonhos e até acho que ele pode ter sido um pouco prejudicado por isso. Por outro lado ele viveu coisas maravilhosas. Teve, por exemplo, uma alimentação de excelente qualidade, diferente da maioria das pessoas. Os amigos metiam o pau porque não dei algumas vacinas nele, não alimentei com papinhas industrializadas tipo Nestlé. A mãe, fotógrafa, viajava demais e ele andava comigo para cima e para baixo. Tenho uma foto que ilustra bem essa época. Uma vez fui fazer um perfil do Chico Anysio, e alguém tirou uma foto em que eu apareço com o bloquinho, anotando as coisas, e ele, o Chico, com o Ian no colo, bebê. Quando tinha que me envolver em missões mais longas e difíceis, como na cobertura das guerras civis na América Central, o deixava aos cuidados de minha mãe, em Porto Alegre.

Qual foi seu primeiro emprego?
Aos 12 anos trabalhava com um tio vendendo batata e cebola. Era um trabalho pesado, de carregar o saco e tal. Mas meu tio sempre me protegia. Quando fiz 18 anos ele chegou com a chave de um carro, foi aí que virei taxista. A prefeitura fez um vestibular para distribuir cem chapas e eu passei em 8º lugar entre 2000 candidatos. Isso durou uns cinco anos. Parei quando virei repórter.

E como você começou a ganhar dinheiro com imprensa?
Na faculdade, conheci a turma que fazia a revista *Versus*. Com eles, viajava pela América Latina fazendo reportagens sobre as guerras civis e as ditaduras na América Latina. Depois fui morar em São Paulo e, por causa dos meus textos na *Versus*, fui chamado para trabalhar em revistas como a *IstoÉ* e a *Veja*.

Quando começou seu encanto com a TV?
De 77 a 79, morei em Nova York. Eu, o Ian e a mãe dele. Fomos para estudar e foi lá que fiquei encantado com as reportagens de TV, principalmente as que assistia sobre os conflitos na América Latina, a guerra na Nicarágua. Antes de morar nos EUA, já tinha recebido proposta para trabalhar na Globo, mas não quis, achava meio oficialista. E eu sempre gostei de histórias difíceis, vivia nos lugares que a maioria dos jornalistas desprezava.

Falando em histórias difíceis, quando você resolveu escrever *Abusado*, não imaginou que pudesse haver confusão depois de expor os detalhes da vida de vários bandidos?
Não. Achei até que rolou pouca confusão em comparação ao *Rota 66*. Diferentemente dele, *Abusado* não nasceu para ser um livro de denúncia. O que eu queria era contar como é a vida dos



traficantes de droga do Rio, relatar a história de uma geração que levou o Comando Vermelho a ser o que é hoje. Uma missão de formiguinha, mostrar quem é essa gente

Você chegou a receber alguma ameaça de morte depois de lançar o livro?
Quando *Abusado* saiu ouvi algumas bobagens, mas nunca fui ameaçado de fato, nunca ninguém ligou em casa e disse que ia me matar nem armou nada para mim, como aconteceu com o *Rota 66*

Você não ficava receoso em colocar no papel as histórias que ouviu e, assim, enfurecer um dos personagens?
Me relaciono bem com todo tipo de entrevistado, seja o presidente da República ou o pior dos bandidos. Eles falavam da vida, e eu contava as histórias no livro. Nunca achei que isso fosse gerar ameaças. Mas ficava atormentado porque não tinha a menor noção do que aquilo podia representar para a vida deles. Tinha um depoimento com a confissão técnica de 23 crimes. Se a justiça fosse séria, poderia pegar isso e incriminar alguém. Mudei os nomes das pessoas por isso.

Na época em que o Marcinho VP foi morto, a polícia e a imprensa levantaram a tese de que os bandidos podiam ter se enfurecido com o que ele te contou e, por isso, resolveram dar um fim nele. O que acha disso?
Se um dia essa tese se comprovar, ficarei muito chateado. Se um dia alguém lá de dentro *[Bangu 3]* me contar que foi por causa do livro que ele morreu e me explicar exatamente o que foi que incomodou, aí, sim, vou ficar triste. Por enquanto ninguém foi preso, ninguém me processou, ninguém me matou.

Você tem uma tese a respeito dessa morte?
Não, 54 parceiros de prisão foram executados na mesma cadeia de Bangu desde que ele foi preso até sua morte. Gente que não foi citada e que nada tinha a ver com o livro. Acho que o Marcinho foi mais um e não dá para atribuir sua morte ao livro. Pode até ter sido a gota d'água, mas isso eu só vou ter certeza quando alguém lá de dentro me disser: "Olha, está vendo, foi nesse ponto aqui"

Você chegou a ficar mal quando soube da morte dele?
Claro, sofri profundamente. Ele foi uma pessoa que me tratou com grande respeito. Confiou 100%, a ponto de me oferecer

"TRISTEZA NÃO PODE SER CONFUNDIDA COM CULPA. POR QUE EU DEVERIA ME AUTOPUNIR PELO SUCESSO DO LIVRO?"

Quando você via o livro vendendo horrores e lembrava que seu personagem principal não estava mais vivo, não rolava um certo sentimento de culpa?
Tristeza não pode ser confundida com culpa. Por que eu deveria me autopunir pelo sucesso do livro? Muito antes da morte do Juliano *[como Marcinho VP é chamado no livro]*, *Abusado* já estava na lista dos mais vendidos. É um engano, portanto, associar o sucesso do livro à morte do Juliano. Isso é maldade! Sempre alertei sobre os riscos, desde nossa primeira conversa, embora obviamente ele soubesse disso melhor do que eu

Houve boatos de que o pessoal do morro ficou chateado com o resultado do livro. Como você se sente sabendo disso?
Primeiro, discordo da premissa que tenta atribuir compromissos de caridade à reportagem. A apuração do livro significou um trabalho árduo, arriscado, de esforço permanente, com papéis muito claros dos dois lados, de observador e de observados, de

sua comunidade. Sofro permanentemente com essa história

entrevistador e de entrevistados. Não subi o morro para pedir ajuda, mas para trabalhar. E também nunca assumi compromisso de ajudar ninguém. Contar a história com independência é a nossa única contribuição social possível. Por isso não me sinto culpado nem endividado.

Na época, a imprensa publicou algumas matérias dizendo que o Marcio não havia gostado do que leu no livro. É verdade?
Fui eu quem disse isso em uma entrevista que dei para a revista *Caros Amigos* na semana do lançamento do livro. Falei da nossa última conversa por telefone dias antes, quando ele se queixou de não ter lido os originais. Expliquei que, se o livro fosse sobre o presidente da República, minha postura seria a mesma: não submeteria os originais à aprovação de ninguém. Em um de nossos encontros clandestinos na Argentina, entreguei a ele mais de 500 páginas com todo o conteúdo dos depoimentos que havia gravado. E ele nunca pediu para modificar ou omitir uma palavra sequer.

Você e o Marcio ficaram afastados enquanto você finalizava o livro. Houve algum desentendimento?
Não houve briga nenhuma, nem discussões sérias. Nós fomos afastados pela prisão dele. Algumas vezes tentei visitá-lo, mas ele achava que isso poderia prejudicá-lo lá dentro. Preferia conversar por telefone e era sempre ele quem ligava.

Quando o livro foi publicado, por que você não foi encontrá-lo pessoalmente?
Não houve tempo. Fiquei apenas 20 dias no Brasil e passei o tempo todo envolvido em uma maratona de 22 lançamentos de norte a sul do país. Achava que iríamos conversar com calma ao vivo ou por telefone algum dia, dentro ou fora da cadeia. É por isso que fiquei tão chocado quando soube da morte dele, sobretudo porque tinha sido vítima dos próprios companheiros do Comando Vermelho. Não imaginava que dentro da cadeia corresse os mesmos riscos das ruas.

Sua mudança para a Europa teve a ver com possíveis represálias que o livro poderia causar?
Não teve nada a ver. Tinha certeza de que eles todos iam gostar e tinha até a esperança de ser chamado, depois, para fazer outro livro sobre a favela. Isso não aconteceu, mas também não sofri nenhuma represália.

Como foi a decisão de trazer toda a sua família?
Com minha esposa e meus dois filhos menores foi mais fácil porque eles são crianças, e a gente achava interessante aprenderem bem o inglês e conviver com outra cultura. A Bibi topou porque queria sossego e tinha interesses profissionais em Londres. O mais velho é que tinha toda uma estrutura em São Paulo, amigos, apartamento. Mas achei que ele devera aproveitar a oportunidade de o pai estar morando em Londres. E tem o lance da proximidade. Sempre fiz de tudo para ficar perto dele.

Você cresceu numa família humilde e hoje tem uma vida confortável. Como é sua relação com o dinheiro?
Gosto dessa mudança. Tenho certeza de que foi conquistada no suor, trabalho, trabalho. Trabalho desde os 12 anos.

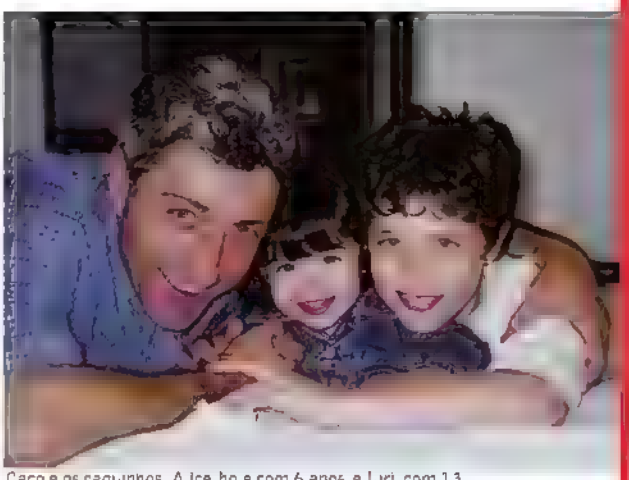
O que você fez de bom com seu dinheiro até hoje?
[Emocionado] Acho que o melhor mesmo foi ter dado para o meu pai, durante esses seis anos em que ele ficou doente, o melhor que podia receber.

Como foi lidar com a doença dele?
O destino do meu pai foi uma coisa que me aborreceu muito. Uma pessoa tão de bem não merecia sofrer tanto. Esse processo é muito injusto. Tentei de tudo, procurei especialistas como se estivesse à procura de fontes para a minha melhor reportagem. Queria achar um caminho que pudesse amenizar a evolução da perda da consciência, mas não teve jeito.

E para você, o que faz de bom com a grana?
Acho que o melhor é essa autonomia de poder viajar a hora que quiser, não importa se no vôo mais caro ou no mais barato. Não tenho grandes ambições. No Brasil, tenho carro com seis anos de uso e dois apartamentos, o que já acho exagero. Compro muita coisa usada, roupas, móveis.

Você se lembra da última vez que chorou?
Chorei pelo meu pai recentemente. Mas é fácil eu chorar em cinema, por exemplo, com os filmes mais bobos do mundo. Tenho a maior vergonha e me escondo, mas sou daqueles que chora na rua de felicidade ou de tristeza com cenas que me comovem ou com lembranças de coisas que vivi.

E de dor, você chora?
Isso é difícil, coisa de machinho mesmo.



Caco e os caçulinhas: Ale, hoje com 6 anos, e Iuri, com 13

O que você aprendeu da vida hippie?
Sempre me preocupei em achar respostas para coisas da minha natureza, tipo por que estou suando, por que estou sem energia, por que estou sofrendo. Fui encontrar essas explicações na época em que vivi em comunidades hippies com a macrobiótica. Fiquei apaixonado porque eles tinham o que eu procurava. O intestino passou a funcionar, o odor do corpo mudou.

Mesmo aqui em Paris, morando sozinho, você consegue manter uma alimentação saudável?
Claro! De manhã tomo água e como frutas. Na hora do almoço, saladinha. Faço uma ótima com cenoura, rúcula e algum queijo, de preferência de cabra. O Ian foi alimentado só com leite de cabra. Às vezes faço uma panela grande de arroz

integral e como peru, pato, frango, peixe. Carne vermelha eu evito, apesar de adorar, como todo bom gaúcho.

E sexo e drogas nessas comunidades?
Éramos de uma geração que veio logo após a que morreu e foi presa pelo Estado. Então era uma turma muito mais politizada do que "sexo, drogas e rock'n' roll". Também tinha isso, mas não era o principal. A gente dava abrigo para os foragidos políticos do Uruguai, da Argentina, guerrilheiros que eventualmente passavam pela cidade.

Foi por causa do contato com esses guerrilheiros que você resolveu viajar pela América Latina fazendo reportagens?
Essas pessoas me despertaram um interesse grande pela história latino-americana. Fiquei cinco anos viajando assim e fazendo matérias para a revista *Versus*. Isso culminou no meu primeiro livro, sobre os conflitos na Nicarágua.

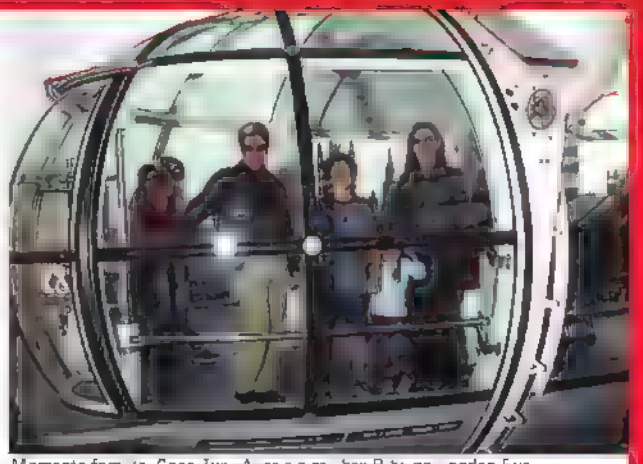
Se olharmos sua trajetória profissional casca-grossa é possível de se imaginar um Caco mais agressivo. E você é o oposto disso. Por quê?
Tudo que faço depende de outro tipo de coragem que não a física. Já lidei com muita gente violenta, mas minha arma sempre foi a conversa, a troca de experiências. E vivo com medo. É importante sentir medo. Evito terrenos escorregadios quando não estou com o calçado adequado.

Em 2002, cobrindo a ofensiva no campo de refugiados de Jenin, em Israel

Você fez sua carreira toda em cima do lado B da vida dos brasileiros. Isso não cansa?
Nesse universo das pessoas comuns você tem mais chance de estar perto da verdade e mais longe do teatro.

Como você se imagina aos 70 anos?
Quero ser assim, magrinho, saudável, ainda batendo uma bola e intelectualmente ativo. O que quero mesmo é um dia poder viver só de escrever livros e ter liberdade física e financeira para ir atrás de histórias bonitas onde quiser.

Vendo as fotos da entrevista de "Páginas Negras" que você deu para a *Trip* em 1994, a impressão é que você está mais bonito e com um ar mais saudável hoje. Você concorda?
Minha esposa fala isso também *[risos]*. Acho que, como sou assim franzino, fico com cara de menino. O que faço é cuidar da minha saúde. Pode estar barrigudo, inchado de bebida, mas não acho legal cair nessa, sou vaidoso. Sou vaidoso com saúde e mesmo com beleza, gosto de ter harmonia. Sempre procuro me vestir bem, colocar uma roupa harmônica. Para mim todo dia tem que ser assim. Tem gente que só pensa nisso quando vai a alguma festa. Eu não. Mesmo quando vou passar o dia em casa escrevendo quero colocar minha melhor roupa. Se sento para escrever todo desleixado, parece que isso vai para o texto. O lugar de trabalho tem que estar arrumadinho. Sempre fui assim, mesmo quando era hippie.


Momento família: Caco, Iuri, Alice e a mulher, Bibi, na London Eye

Você lida bem com o envelhecimento?
Mais ou menos. Queria ser o que sou hoje, mas com 20 anos. Gosto muito de viver, então fico lamentando essa curva que a vida tem e que é inevitável. Meu pai mostrou isso, a vida mostra isso todo o tempo. Fico desejando passar por todas essas curvas bem, sem fatalidades.

Quando contei para algumas colegas que ia te entrevistar, elas disseram que você era uma espécie de Chico Buarque do jornalismo. O que acha disso?
[Depois de dar uma boa gargalhada e ficar vermelho] Se disseram isso, me orgulho muito, adoro o Chico, é uma honra.

Você recebia muita cantada quando trabalhava em São Paulo?
Não tão freqüentemente assim. A Bibi acha que eu sou um tonto e não percebo, mas acho que percebo sim. Tem algumas coisas bonitas que adoro receber, como cartas maravilhosas que não têm cantadas explícitas, mas que demonstram uma admiração. Agora, quando a cantada vem de sopetão, aí fico sem graça. Não sei administrar isso muito bem, fico meio constrangido, sem assunto.

Qual foi a cantada mais absurda que já levou?
Uma pepita de ouro no garimpo, quase uma prostituição. Era a filha de um homem muito rico, negociante de ouro, e ela veio com uma pepita de ouro para me seduzir. Fiquei rindo, achei uma loucura. Essa foi uma das mais pitorescas.

O que você acha que foi sua grande conquista até hoje?
Ter descoberto uma vocação, como escrever. Pensando bem, nem sei se isso é uma vocação ou persistência. Sofro demais escrevendo, é muito solitário, cansativo. Aí acho meu texto ruim e às vezes tenho de escrever a frase 20 vezes até ficar boa.

BDF
Beiersdorf
NOVO!
NIVEA
DESODORANTE
NIVEA BALANCE.
Nada estimula tanto
os seus sentidos.
Uma fórmula inovadora que combina a sensação única de pele acetinada
com uma estimulante fragrância. Cuidado suave e proteção seca 24 horas.
SAC 0800 14 5655 www.NIVEA.com.br
NIVEA
deodorant

EDITORA CONVIDADA

JULIANA LOUREIRO (*) E AS CONFISSÕES DE UMA MANÍACA POR IOGA

Quais as três coisas que o Brasil tem de melhor?
A natureza e o clima que só existem aqui. A extensão da costa, com praias ainda semivirgens. E nosso otimismo.

Ao lado, o Itoral ba ano, um dos paraísos de Jul ana

Comecei a praticar ioga por acaso. Em 90, com 17 anos, estava estudando em Boston e me vi com crises de insônia. Depois de um mês, minhas olheiras estavam no pé, e eu parecia um zumbi. Nessa época, me exercitava com um grupo de dança moderna. Antes do ensaio, na mesma sala, havia uma aula de ioga. Um dia cheguei cedo demais e acabei fazendo a tal aula. Naquela noite de ter na cama, comecei a respirar profundamente e senti o sono chegar. Minha insônia acabou, e nunca mais parei de praticar. Hoje, 14 anos depois, continuo tão encantada como na primeira vez. Adoro ler sobre o assunto e já encontrei um milhão de definições para ioga. Gosto muito de duas delas: "parada completa das flutuações mentais" e "união da alma individual com a alma universal". A lição principal, entretanto, é encarar a prática de forma pessoal. A ioga é um momento com você mesmo, ainda que a sala esteja cheia de gente. Uns querem exercício intenso, outros reduzir o estresse, outros alongar, relaxar ou meditar. Eu quero tudo isso, mas para mim a ioga também é um processo de transformação, um lugar dentro de mim para onde ainda não fui, uma maneira de eliminar o lixo mental acumulado no dia a dia, o exercício que me ajuda a não perder a noção daquilo que realmente importa na vida.

Fotos Rafael Quintino

5 Dicas para quem está começando a praticar.

1. Não se matricule logo na primeira aula que fizer. Experimente algumas escolas, pois a maneira como cada professor passa seu conhecimento varia muito. Alguns vão lhe inspirar mais que outros. Diz a tradição que, quando o aluno está pronto, o mestre aparece.

2. Não seja cético. A ioga vive um momento hype, mas não é uma moda passageira. Ela é praticada há mais de 5 000 anos. Tudo começou no vale do rio Indo, na Índia.

3. Uma das idéias centrais da ioga é aniquilar o ego. Quando entrar numa sala de aula, não gaste energia olhando o que a pessoa ao lado está fazendo. Concentre se no seu corpo e nas suas capacidades.

4. Desconfie de professores que acham ruim quando o aluno demonstra interesse em conhecer outras linhas de ensino, outros mestres. Esse comportamento é o oposto do desprendimento que a ioga almeja. Nenhum professor sabe tudo. E é bom beber de várias fontes, principalmente quando se está começando.

5. Cada vez que for fazer aula com um instrutor diferente, seja um verdadeiro aluno: ouça atentamente e siga todas as instruções. Existem várias maneiras de ensinar a mesma postura. Se você acha que já sabe tudo, nunca vai aprender nada novo.

Alguns de meus livros de ioga favoritos:

1. *A Árvore do Yoga* – **B.K.S. Iyengar**

Também escrito pelo discípulo de Krishnamacharya, este tem versão em português e explica os princípios básicos da ioga, comparando-os às partes de uma árvore. Iyengar, 86 anos, usa histórias de sua vida para ilustrar a filosofia iogue.

Vá lá. *285 págs., Editora Globo, R$ 37, www.livrariasaraiva.com.br*

2. *Health Healing and Beyond, Yoga and the Living Tradition of Krishnamacharya* – **T.K.V. Desikachar**

Uma homenagem a Krishnamacharya (1888-1989), indiano que foi um dos maiores mestres da ioga no mundo, escrito por seu filho. O livro é um dos poucos com detalhes sobre a vida e o trabalho desse iogue que se tornou um mito por ter lutado pela disseminação da prática. Indispensável para saber mais sobre filosofia, princípios e possibilidades da ioga.

Vá lá. *311 págs., Aperture, US$ 35, www.amazon.com*

3. *Light on the Yoga* – **B.K.S. Iyengar**

Dividido em três partes, é a bíblia das posturas, que são descritas detalhadamente, indicando grau de dificuldade e seus efeitos no organismo. Tudo acompanhado por mais de 600 fotografias do próprio autor demonstrando as posturas. Iyengar tem mais de 90 anos, foi aluno de Krishnamacharya e é um dos maiores mestres de ioga ainda vivos. Só as primeiras 50 páginas, nas quais o autor explica o que é ioga, já valem o livro. Indicado para quem está iniciando na prática.

Vá lá. *506 págs., Schocken Books, US$ 18, www.amazon.com*

4. *Yoga Mala* – **Sri K. Pattabhi Jois**

Pattnabhi Jois começou a aprender ioga nos anos 20 com Krishnamacharya e hoje é um dos maiores mestres vivos, ao lado de Iyengar. Este livro é um guia de posturas básicas. Jois explica os princípios e a filosofia embutidos na prática para depois ensinar como executar cada postura e descrever seus benefícios em detalhes. Para quem quer iniciar na ashtanga em particular, essa é a pedida ideal.

Vá lá. *191 págs., North Point Press, US$ 16, www.amazon.com*

5. *Yoga, A Yoga Journal Book* – **Linda Sparrowe**

Indicado para os iniciantes, o livro tem mais de 400 fotos de posturas executadas por alguns dos instrutores e praticantes mais talentosos da atualidade. O bônus é uma introdução de 60 páginas que narra a história da ioga e dos principais personagens usados no livro. Gente como David Life e Sharon Gannon, que desenvolveram o método Jivamukti e dirigem o Jivamukti Yoga Center em Nova York, e Rodney Yee, diretor do Piedmont Yoga Studio na Califórnia e um dos melhores professores de ioga do país.

Vá lá *454 págs., Hugh Lauter Levin Associates, US$ 19,95, www.amazon.com*

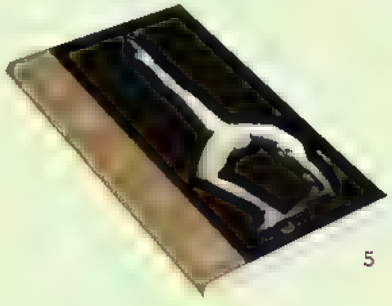
6. *Kundalini, The Secret of Yoga* – **Gopi Krishna**

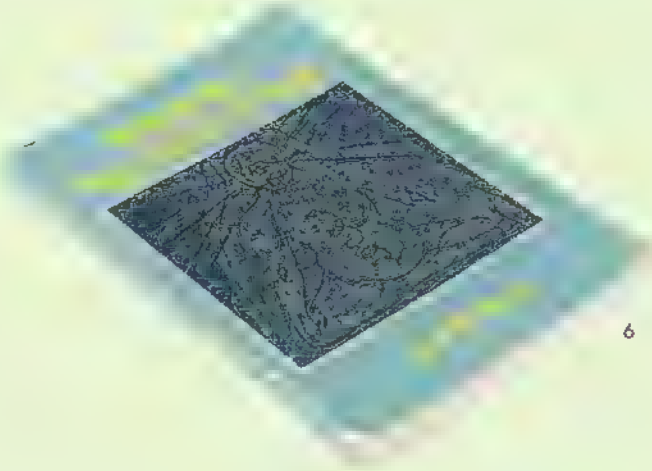
Este livro fala da energia kundalini, uma força que jaz dormente na base de nossa coluna vertebral e cuja ascensão (espontânea ou por meio da prática da ioga) desperta um estado de consciência elevado. Para o autor, a ascensão do kundalini é um processo biológico, comum a todos os santos e místicos, independentemente de religião ou da cultura.

Vá lá: *214 págs., Paperback, US$ 14, www.amazon.com*

3

4


5


6

Veja outros livros sugeridos por Juliana Loureiro em nosso site: **www.revistatpm.com.br**

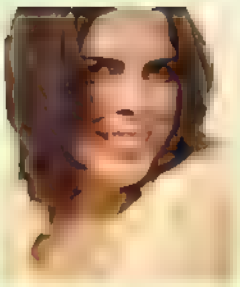
(*) JULIANA LOUREIRO, 31 anos, é empresária, estilista da grife It Girl e viciada em ioga

EDITORA CONVIDADA

JULIANA MOTA COM UM PÉ NO RIO E OUTRO NO MUNDO

Quais as três coisas que o Brasil tem de melhor?
Alegria, porque ninguém ri, abraça, dança, canta, beija, cria e fala bobagem como a gente. Pão de queijo, porque sempre que viajo fico morrendo de saudades. E o Rio de Janeiro, porque é "o melhor e o pior do Brasil", como canta Fernanda Abreu. E porque é para onde volto sempre.

Juliana faz sua primeira visita ao Cristo, em 77



Nossa nova editora convidada é formada em Comunicação pela PUC-Rio, trabalhou na *Revista Domingo*, do *Jornal do Brasil*, e na editoria de comportamento de *O Globo*. Freqüente colaboradora de *Vogue* e *Tpm*, especializou-se em descobrir cantinhos secretos - e deliciosos - do Rio de Janeiro. Há um ano e meio migrou para a moda: hoje faz o trabalho de garimpo dos novos designers brasileiros expostos com exclusividade nas lojas da Clube Chocolate

1. Uma antena com Nova York

Sou viciada em Daily Candy! Calma, não se trata de nenhuma nova droga sintética, mas de um diário eletrônico com dicas de tudo o que é preciso saber sobre moda, música, gastronomia e diversão em Nova York e outras cidades americanas (Los Angeles, São Francisco e Chicago). É meio como receber notícias daquela amiga inteligente, com um super-radar para temas bacanas. Foi lá que descobri o pingente de folha e o jeans masculino Nudie, desenhado na Suécia e fabricado na Itália – duas novas paixões dos nova-iorquinos trendsetters. Também foi no Daily Candy que fiquei sabendo da inauguração do Monkey Royale no East Village (um café equipado com floperama), do lançamento da grife californiana Jacqueline Krafka (que faz camisetas básicas com caimento perfeito) e de uma loja que aluga bolsas de grife de coleções atuais (uma maravilha para quem quer fazer bonito, mas não está a fim de gastar tubos numa única bolsinha). Nada passa despercebido pela antena do site, que é mesmo um "docinho d'ário" como foi batizado. Para receber todo santo dia basta acessar www.dailycandy.com e se inscrever. É de graça. Mas cuidado porque vicia!

2. Estampa politicamente correta

Não consigo parar de pensar na estampa que Katia Wilde bolou para a próxima coleção da sua marca Zigfreda: um mapa estilizado feito de árvores e ruazinhas, que faz uma bem humorada crítica à realidade de cidade partida em que o Rio de Janeiro se transformou. A idéia surgiu na época em que a barra pesou na Rocinha e todo mundo ficou com medo de circular pelas redondezas da gigantesca favela carioca. Nas mãos de Katia, vestidos, saias e blusas foram estampados com nomes de bairros de luxo e de favelas, acompanhados de frases perspicazes. Quer um exemplo? Que tal "Morro da Rocinha, Jardim Pernambuco, Favela Bairro, Bang Bang, Jardim Botânico, Not all is heaven". Tá bom, nem tudo é paraíso. Mas que o Rio continua lindo, ah, isso continua.

Vá lá: *as fotos do desfile da Zigfreda no Fashion Rio estão no site www.zigfreda.com.br*

As criações de Katia Wilde são vendidas na Clube Chocolate - R. Oscar Freire, 913 (SP), (11) 3084 1500 e no São Conrado Fashion Mall, 2º piso (RJ), (21) 3322 3733

Ilustração ZED

Saída da Zigfreda com estampa inspirada nos bairros cariocas

DIESEL
-Nature-
Love it while it lasts

EDITORA CONVIDADA

JULIANA MOTA (*)

Kit da Flight 001: maletas, etiquetas de bagagem, cadernos e porta-passaporte

3. Flight 001

Em março, passei uma temporada em Nova York e fiquei totalmente encantada com essa loja. Sabe aquela sensação de que não vai dar para resistir? É isso que rola quando a gente entra na pequenina Flight 001 no Soho, em Nova York. Lá você encontra tudo o que precisa para viajar: os melhores guias do mundo, nécessaire com minicosméticos da Neal's Yard, etiqueta de bagagem feita de couro, venda para os olhos com estampas psicodélicas e de oncinha, porta-passaporte de cores cítricas e até uma maleta vintage da Pan Am. Todo esse arsenal faz as intermináveis horas dentro de um avião passarem rapidinho. Desde que descobri, não viajo mais sem meu kit, que inclui um nécessaire superequipado, um porta-passaporte cor-de-rosa e um travesseirinho-almofada perfeito para quem parte em vôo solo. A idéia de abrir o negócio saiu da cabeça dos americanos John Sencion e Brad John, amigos de longa data e assíduos freqüentadores das aeronaves. Num desses vôos, tiveram o estalo e já desembarcaram do avião com todo o conceito da loja bolado. O nome da marca, por exemplo, é uma homenagem ao famoso vôo 001 da extinta Pan Am, que saía de São Francisco e dava a volta ao mundo, parando em Honolulu, Tóquio, Hong Kong, Bangcoc, Nova Déli, Beirute, Istambul, Frankfurt, Londres até pousar em Nova York, 48 horas após a primeira decolagem. Ah, outro achado da grife são os caderninhos de viagem da série "What I Ate" e "What I Wore", feitos sob medida para que garotas gourmets e garotas fashionistas escrevam o que comeram e o que vestiram em cada dia da viagem. Pra quem não pretende ir a Nova York tão cedo, a boa notícia é que os artigos da Flight 001 são vendidos no Rio e em São Paulo, na Clube Chocolate.

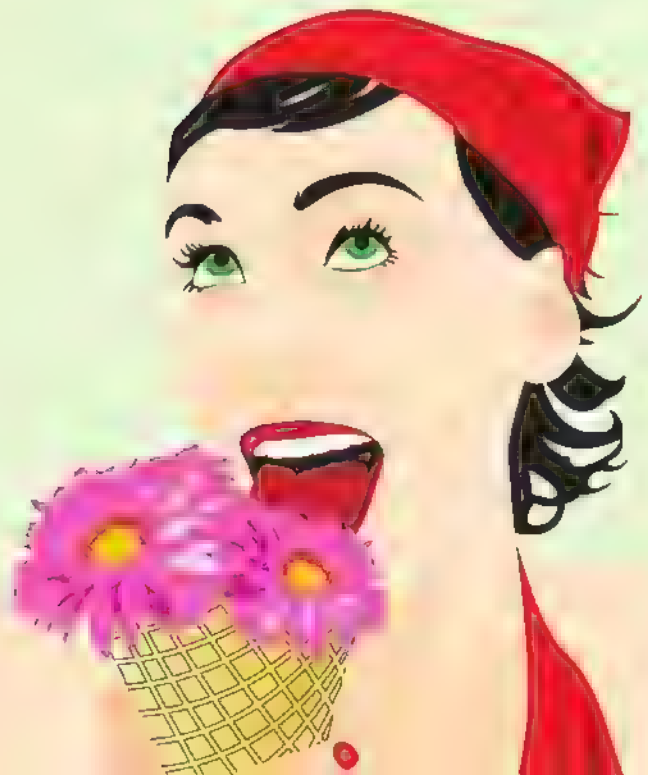
Vá lá. *Flight 001: 96 Greenwich Ave., Nova York, www.flight001.com. Clube Chocolate: R. Oscar Freire 913 (SP), (11) 3084 1500 e São Conrado Fashion Mall: 2º piso (RJ), (21) 3322 3733. Dicas: maleta vintage da Pan Am (R$ 598), caderninhos da série "What I Ate" e "What I Wore" (R$ 78 cada)*

Fotos Rafael Quintino

4. Mil prazeres

Todo carioca que recebe um amigo de fora tem a obrigação de levá-lo para provar o melhor e mais famoso sorvete da cidade. Sou fã. A ponto de desviar meu percurso e pegar o maior engarrafamento só para sentir o gostinho das criações de Renata Saboya, uma moça simpática que vira-e-mexe faz as honras da casa nas lojas do Jardim Botânico e de Ipanema. É uma delícia ficar um tempinho de bobeira por lá, vendo a vida passar. A cada estação Renata inventa misturas incríveis, mas eu sou fiel ao meu predileto, de maracujá com chocolate branco. O de pitanga é meu "second best". Outro dia, de tão ousada e experimentei um novíssimo batizado de Flor. É uma frescura só: sementes de papoula, mel, creme inglês e flores de capuchinhas vindas especialmente da fazenda Cafundó, que pertence a uma neta de Getúlio Vargas. Há outras esquisitices deliciosas, como o de chocolate branco com pimenta rosa, o de pitanga com tequila e o de taperebá (uma fruta da Amazônia prima do cajá) com saquê. E o melhor de tudo é que a gente sai de lá com guardanapos, copinhos e caixas (que eu peço para a atendente gentilmente me dar, embora o costume seja cobrar pelos recipientes vazios) ilustrados pelo meu amigo e desenhista Filipe Jardim, que assina toda a "papelaria" da sorveteria. Não podia ser mais a cara do Rio. ***Vá lá.*** *Mil Frutas Café, R. Garcia D'Avila, 134, Ipanema e R. J.J. Seabra, s/nº, Jardim Botânico, (21) 2247 2148. Cada bola de sorvete custa R$ 6*

Ilustração Tiago Almeida



(*) JULIANA PINHEIRO MOTA, 28 anos, é jornalista, trabalha com moda e segue sempre em busca de um final feliz

Cultura também é um compromisso com o futuro

INFRAERO

BRASIL UM PAÍS DE TODOS

EDITORA CONVIDADA

LORENA CALÁBRIA (*) FALA DE CABELO

Quais as três coisas que o Brasil tem de melhor?

Praias, música e caipirinha.

Lorena e o melhor da vida

1. Bad hair day

Toda mulher já passou por isso: acordar, olhar no espelho e ficar irritadíssima com o caimento do cabelo. Por algum motivo alheio a nossa vontade, tem dias em que os cachos amanhecem rebeldes, teimosos, prontos para dar vexame. Alguém sacou que se tratava de um problema coletivo e, sabiamente, inventou a expressão *bad hair day* – traduzindo: "dia do cabelo ruim". Quando isso acontece, as conseqüências podem ser dramáticas. Desde ir correndo para o cabeleireiro e mudar o corte num impulso, até passar o dia inteirinho tentando domesticar os fios, enquanto coloca a culpa por tudo o que acontece de errado em sua vida no danado do cabelo. Lu, minha irmã que foi abençoada com um cabelo liso, pesado, no melhor estilo "já nasci de chapinha", outro dia comentou: "Imagina, nunca tive isso". Depois pensou melhor e capitulou: "É, às vezes durmo com o cabelo ainda úmido, e ele acorda esquisito. Aí o jeito é puxar um rabão de cavalo". Tá vendo, se até a Lu tem seu *bad hair day*, imagina quem tem cabelo ondulado, crespo ou naturalmente indomável? Antes de cair em desespero, confira aqui alguns truques e descubra como transformar seu próximo *bad hair day* num dia de cabelo estiloso.

Didi Wagner, apresentadora da MTV, 28 anos, cabelo liso e fino na altura dos ombros. "Quando está sujo, faço um rabo-de-cavalo simples e vou pra vida. Quando acordo e vejo que ele está limpo, mas rebelde, aplico uma pomada da Paul Mitchell nas mãos e depois no cabelo. Daí umedeço as mãos e começo a amassar as madeixas até que elas fiquem mais ou menos como eu quero."

Paula Cinini, produtora de TV, 29 anos, cabelos longos e levemente ondulados. "Faço escova sempre que tenho tempo. Quando não dá, prendo com uma piranha bem grande e faço um coque calculadamente despretensioso e com fios sobrando. Sempre funciona."

Luciano Cassolari, cabeleireiro do L'Officiel 3, 33 anos, e o predileto de parte da redação da *Tpm*:

Cabelo cacheado: "O melhor é lavar de novo. Se não houver tempo, a saída é umedecer com a guma bombinha de água, tipo essas de regar plantas, e passar um produto leave in para definir os cachos."

Cabelo liso: "O cabelo liso geralmente é oleoso, então o melhor é lavar com xampu para raiz oleosa e usar só um pouquinho de condicionador nas pontas. Depois é só secar, colocar a gunsbobes (com o cabelo seco mesmo) e borrifar o spray de água. Espere dez minutos e solte."

Cabelo curto: "Começa a dar trabalho quando já está na hora de cortar. O melhor é usar gel, cera ou fixador para domar. Depois de lavar normalmente, tire a umidade com um secador. Quando estiver quase seco, passe um gel na raiz e, depois que secar completamente, finalize com cera nas pontas para ficar espetadinho."

(*) LORENA CALÁBRIA, 39 anos, é jornalista, apresentadora de TV e mãe de gêmeas

ELA LYCRA®.
Ela é independente. Ela exige liberdade em todos os movimentos
Ela só escolhe top de malha com LYCRA® e calça de veludo com LYCRA®
Se tem esta etiqueta, é LYCRA®.
LYCRA
LYCRA® é marca registrada da INVISTA para fibras e tecidos elasticados de alta qualidade.

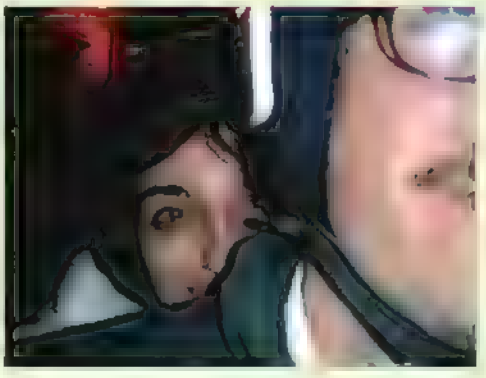
EDITORA CONVIDADA

DANIELA SOUSA PINTO DESVENDA PARIS

Quais as três coisas que o Brasil tem de melhor?
A mistura de gente, a natureza exotica e a música, que mexe comigo de um jeito que nenhuma outra no mundo consegue.

Ao lado, a exótica Sexy Pink

Foto: arquivo pessoal



Em sentido horário: Dani e David passeiam de vespa pela cidade, vão ao parque La Villette fazer piquenique durante a exibição de um filme ao ar livre e no fim de semana divertem-se no vale du Loir, nos arredores de Paris

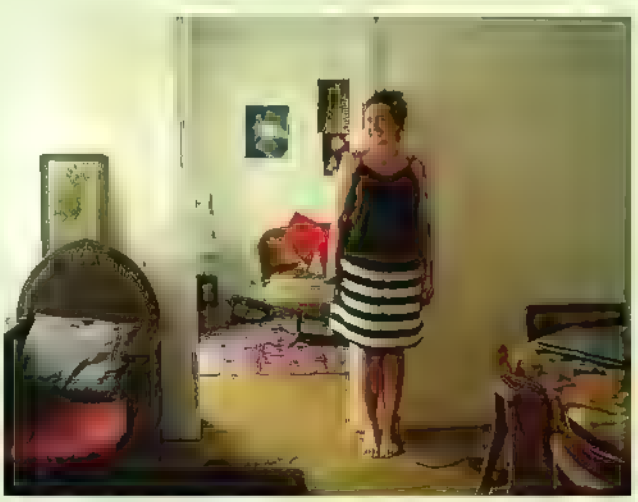
1. Amor parisiense

Em dezembro de 2003, fui a um casamento em Salvador e conheci o David, um francês que era amigo da noiva. Ficamos juntos e acabamos engatando uma love story intercontinental. Ele vinha pra Sampa, eu ia pra Paris quando dava. Resultado: fui à falência (só as três horas diárias no telefone já estouravam meu orçamento). Aí ele disse que gostaria de morar no Brasil, mas que antes eu precisava passar um ano com ele em Paris. Que grande sacrifício! Sem pestanejar, deixei a loja de flores que comandava em São Paulo, a Fulô, aos cuidados de minhas sócias, arrumei as malas e, em maio passado, me mandei para a cidade das luzes. Assim que cheguei, me matriculei num curso de francês. Gastava o resto do tempo visitando jardins, museus, monumentos e cafés. Mas o sonho de "estagiar" numa floricultura não me saía da cabeça. Aí resolvi ir atrás do visto de trabalho que é concedido a estudantes. Três meses depois, os papéis finalmente chegaram. Arrumei emprego numa floricultura perto de casa, onde agora trabalho todas as tardes fazendo arranjos. Nos fins de semana, David e eu pegamos um trem e vamos para algum lugar perto, tipo Vallée du Loir, Marselha, Bruxelas, Londres... Apesar desse vidão, a saudade do Brasil só aumenta. Sabe o que foi o melhor da Europa até agora? Descobrir que moro no país mais incrível do mundo.

O apê da Julie

Bons hotéis em lugares centrais e charmosos de Paris são muito caros. Minha dica para quem quer ficar bem localizado, mas sem gastar os tubos, é o apartamento de uma amiga, a Julie, que aluga o espaço para amigos de amigos. Tem 70 m², quarto com cama de casal (e lençol), duas salas, banheiro com toalhas, cozinha equipada e uma vista linda. A diária é de 100 euros (comparável à de um hotel três estrelas) e o apê fica na Rue de L'Arsenal, no Marais, pertinho da Bastille, superbem localizado. Para contatar a Julie basta mandar um e-mail e ver a disponibilidade da toca.

Vá lá: *julieclaraboukobza@hotmail.com*



Julie, a proprietária do apê, mostra o espaço que ela aluga para turistas "conhecidos"

ellusjeansdeluxe
CANATIBA

EDITORA CONVIDADA

DANIELA SOUSA PINTO (*)

2. Um dia perfeito no Marais

Nosso apartamento fica na região de Montmartre, a um pulo da igreja de Sacre Couer. Acordo e sigo pra **avenida Trudaine**, bem pertinho de casa, apinhada de cafés simpáticos, perfeitos para sentar e comer um croissant. Depois, volto pra casa, pego a bike e passeio pela cidade. Vou andando meio sem rumo, parando em praças, lojas, parques, feiras, tirando fotos e observando. Aí, dou um tempo no Marais, o bairro mais transado e bem frequentado de Paris. Lá, gosto de almoçar no **Chez Janou**, meu restaurante predileto, que serve todos os tipos de salada verde e tem uma mousse de chocolate incrível. Depois do almoço, para fazer a digestão, passeio a pé pela charmosa **Place de Voges**, também no Marais, que sempre tem movimento. Compro na banca a *Pariscope*, revista de programação semanal da cidade, e procuro um bom filme para ver. Saindo do cinema, ainda no Marais, dou uma esticada no bar **Royal Turenne** e tomo uma cerveja Blanche, o hit do verão entre as mulheres porque é leve e já vem com limão. Fico lá até cair o sol ou dar fome de novo. Quando isso acontece, passo no **Taka**, um japonês que fica bem perto da minha casa e que tem o melhor sukiake de Paris.

Vá lá. *Taka: 1, Rue Véron; a refeição com uma taça de vinho sai por 35 euros. Chez Janou: 2, Rue Roger Verlomme; o mesmo por 15 euros. Royal Turenne: na esquina da Rue Turenne com a Rue Des Francs Bourgeois; a cerveja Blanche custa 3,60 euros. A Pariscope, 0,40 euro.*

(*) DANIELA SOUSA PINTO 32 anos, é florista

O bar Royal, em Paris, onde Daniela passa horas pensando na vida e bebericando a nova sensação do verão por lá: a cerveja Blanche

As editoras convidadas **Jéssica DeSilva** e **Daniella Bianchi** voltam na próxima edição

Ilustração ZED

Billabong
billabonggirls.com

TEXTO **JÔ HALLACK** FOTOS **BOB WOLFENSON**

HOMEM NOTA 10

DEPOIS DE QUATRO ANOS FORMANDO COM A NÃO MENOS DESLUMBRANTE **ISABELLI FONTANA O CASAL 20 DA MODA**, **ÁLVARO JACOMOSSI**, O TOP MAIS **BEM-SUCEDIDO** DO BRASIL ESTÁ **SOZINHO** DE NOVO. TUDO SOMADO E SUBTRAÍDO DÁ **DEZ**, COMO VOCÊ VÊ NA REPORTAGEM A SEGUIR

Camiseta **Yves Saint Laurent** para **Dasiu Homem**, cerquilha **Cavalera**, pulseiras e anéis **Guerreiro**

JA-

Gargalhadas são ouvidas já do corredor e – quando a porta se abre – estou dentro de um apartamento tipicamente surfista no Recreio dos Bandeirantes, um lugar à beira-mar, depois da emergente Barra da Tijuca, onde só moram globais Glória Pires, Paulinho Vilhena e, claro, surfistas. Uma cortina de fitinhas do Senhor do Bonfim decora a sala, e tenho que afastar o violão para sentar no sofá. Na parede, em vez de quadros, um monte de pranchas. É essa a base carioca do modelo catarinense Álvaro Jacomossi. O apê em questão é do amigo e ator Rodrigo Prado, cujo trabalho mais relevante na TV até agora foi a novela *Agora É que São Elas* (aquela das seis, que tinha o Miguel Falabella com o rosto beterraba). O cheiro do jantar faz minha barriga roncar. Quem pilota o fogão é o próprio Álvaro. O menu? Strogonoff. A TV está ligada no canal preferido dele, o Cartoon Network – que aprendeu a assistir depois que virou pai de Zion (lê-se Záion), hoje com um ano e meio. Apesar de ser quinta-feira, dia perfeito pra cair na noite, ele não tem planos pra depois do jantar. E olha que ele é o mais novo solteiro da praça: o casamento com a também modelo Isabelli Fontana, em crise há tempos, tinha acabado de sucumbir. Mas Álvaro não está em depressão. Prefere ficar em casa porque balada não combina com surf.

Casal 20 vira 10

Aos 24 anos, ele é o mais bem-sucedido modelo brasileiro. Falou com a ***Tpm*** uma semana antes de embarcar para Nova York, onde desfilaria para uma dezena de marcas na semana de moda de lá, uma das mais importantes do planeta. Quando está no Brasil, gosta mesmo é de ficar em Florianópolis, sua cidade natal. Álvaro não parece triste, mas diz que ainda está "meio confuso" com a separação. Ele e Isabelli eram uma espécie de casal 20 do mundo fashion. Eleitos pela *Vogue* americana como a dupla mais bonita do mundo, costumavam abocanhar campanhas justamente por serem um casal. No momento, estão aos beijos em outdoors espalhados por todo o país, ajudando a M.Officer a vender jeans. No último Fashion Rio, algumas grifes quiseram comprar o pacote completo e exigiram também a presença do baby Zion, que fez sua estréia na passarela.

O nome meio exótico do bebê foi idéia de Álvaro. Zion é sião, a terra prometida da *Bíblia*. "O nome é bíblico, fui eu que dei, mas foi tirado da letra de Bob Marley, aquela 'Iron, Lion, Zion' *[cantarola]*." O menino mora com a mãe em Nova York. Quando a rotina profissional de Isabelli aperta, ela pede socorro para o ex-mando, que vai de bom grado cuidar do filho. Álvaro diz que batalha para que Zion tenha rotina "porque criança precisa de rotina". Lição essa que ele aprendeu cedo na vida: desde pequeno teve que se acostumar com rompimentos bruscos.

Sem pai nem mãe

A mãe morreu de câncer quando ele tinha 9 anos. Antes disso, os pais haviam se separado. A matriarca foi morar na Itália, deixando Álvaro e suas duas irmãs com o pai. Sem experiência, ele não deu conta da jornada dupla e mandou as meninas para a casa dos avós maternos, ficando apenas com o varão. Mais tarde, o pai recebeu uma proposta de emprego fora de Floripa, e Álvaro foi viver com os avós paternos. Foi nessa casa que cresceu. Sem ninguém pra dizer o que fazer da vida, resolveu parar de estudar quando concluiu o ensino médio. Já tinha recebido alguns convites, e resolveu se arriscar na carreira de modelo. O cabelão e o ar saudável de surfista abriram-lhe as portas. Foi contratado pela poderosa agência paulistana L'Equipe e, já no primeiro ano, conseguiu trabalho em Nova York.

Ainda que a separação não estivesse nos planos, Álvaro está satisfeito com a vida que tem. Quer continuar modelando para economizar dinheiro e, depois, viver tranqüilo numa casinha à beira da praia em Floripa, surfando todo dia, cozinhando seu strogonoff. As melhores ambições são mesmo as mais simples.

Divulgação Viva Vida / J. B. Duran

Álvaro, Isabelli e o filho em campanha para a Viva Vida: menos de seis meses depois de Zion nascer

Bermuda e camisa **British Colony** sob camisa xadrez **Iódice** e tênis **V-Rom**

Colete **Ricardo Almeida** co ar **Guerreiro**, jeans **Disritmia** e ca ça **Gucci** para **Daslu**

Veja mais fotos de Álvaro no nosso site **www.revistatpm.com.br**

Produção de Moda **Thais Mol** Beleza **Penélope Beolchi** Assistente de fotografia **Peetsa** Agradecimento Especial **Mega Model Agency** Agradecimentos **British Colony** (21) 2255 8491, **Cavalera** (11) 3083 5187, **Daslu Homem** (11) 3848 1700 **Disritmia** (31) 3594 2300 **Guerreiro** (11) 3088 8922, **Iódice** (11) 3085 9310 **Ricardo Almeida** (11) 3812 6947 **VRom** (11) 3083 5187 e **Zorba** 0800 167711

Bronzeadores e protetores que hidratam

BANANA BOAT

www.bananaboat.com.br
SAC 0800 158 915

VOCÊ É QUEM MESMO?

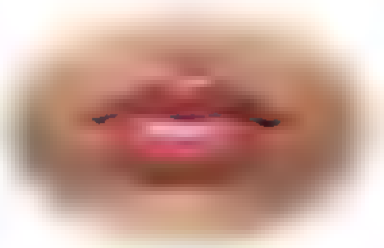
De uns tempos para cá, programas mostrando a vida de quem faz plástica viraram mania na TV. Esse repentino interesse pelo que acontece numa sala de cirurgia é resultado dos avanços na medicina que hoje permitem alterar feições com procedimentos que – embora penosos – dispensam hospitalização. E não pesam no bolso porque podem ser parcelados no cartão em até dez vezes. Fazer plástica virou uma coisa tão banal que já teve revista promovendo sorteio da cirurgia. O problema desse boom é que, ainda que você mude seu rosto para "melhor", isso não vai curar aquela angústia que bate de vez em quando e que impede você de dormir à noite. O nariz arrebitado, o guarda-roupa novo, a sala igual à da revista dão uma satisfação momentânea. Mas não vão alterar sua essência, nem apagar as cicatrizes que você acumulou ao longo da vida. Felicidade não se encontra na mesa de operações. Auto-estima não se conquista da noite para o dia. Virar uma sósia da Jennifer Aniston não é a resposta para os seus problemas.

Vivemos numa época em que a tecnologia, a ética e a moral dizem que podemos ser o que e quem quisermos. Mas para essa liberdade toda atuar a nosso favor é fundamental descobrir quem somos de verdade. Porque só assim dá para ter certeza de que não estamos nos submetendo a um processo doloroso para no fim descobrirmos que não era nada daquilo que queríamos. Se você souber exatamente o que busca, vá em frente e aproveite as facilidades dessa revolução tecnológica. Se tem dúvidas, é melhor antes tentar responder à pergunta do alto desta página.

QUAL É A SUA CARA?

Boca de Angelina Jolie, nariz de Jennifer Aniston, sobrancelha de Catherine Zeta-Jones. Esse abençoado *composé* pode ser seu. Basta que se tenha coragem, tempo, boa resistência à dor que durará meses, bom humor para lidar com possíveis erros e cartão de crédito com limites generosos: hoje, qualquer clínica de cirurgia plástica é capaz de "acertar" seu rosto. Será que daqui a dez anos teremos todos a cara da Barbie? Reportagem Nina Lemos

Se você visitar consultórios de cirurgiões plásticos de São Paulo e conversar com os médicos, vai se sentir dentro de programas como *Extreme Makeover*, que mostram o antes e o depois de gente que procura ajuda médica porque não está satisfeita com a própria aparência. Toda a odisséia parece rápida e fácil como uma ida ao shopping center para reformar o guarda-roupa. Fala-se com tranqüilidade de boca da moda, nariz mais procurado, novas técnicas de enxerto e por aí vai.



Quem folheia as revistas de celebridades e se sente mal por não ter a boca tão carnuda quanto a da estrela da novela certamente vai se sentir aliviada após consultar um cirurgião e descobrir que nem todo mundo nasce com os lábios da Daniella Cicarelli. Boa parte daquelas mulheres famosas provavelmente injetou alguma substância com nome bizarro na boca. Se você quiser, pode fazer o mesmo fácil, fácil. "A boca da moda é grande, bem beiçuda", ensina o cirurgião plástico Murillo Ribeiro, da Clínica Vitalitá, nos Jardins, mesmo bairro nobre paulistano onde ficam lojas de grifes sofisticadas como Armani e Versace.

Nariz parcelado

Pois é. Na era da imagem, não são só as vitrines que ditam o que deve ser usado. Agora é preciso redesenhar o corpo e o rosto também. Os cirurgiões estão ao alcance de todos e parcelam seu novo nariz em prestações a perder de vista. Insatisfeita com o tamanho do seu queixo? Peça para deixá-lo mais quadrado e fique super na moda! Não gosta do seu perfil? Que tal mudar nariz, boca e queixo de uma vez só? A perfiloplastia é uma das práticas mais procuradas por adolescentes no consultório de Paulo Jatene, em Higienópolis, outro bairro nobre de São Paulo. As meninas ganham a operação de presente de aniversário dos pais. Sim, em vez de festa ou de viagem para a Europa, há quem prefira comemorar a data internada em hospital.

Quando você liga a TV, vê várias pessoas que entraram nessa onda. Mostrar homens e mulheres transformados (ou em pleno processo) virou tendência. Use o controle remoto e acompanhe gente sendo cortada e serrada em programas como *Extreme Makeover* e *Beleza Comprada* (leia a relação completa na página 49). No fim, todos se dizem satisfeitos por terem sido mexidos e remexidos.

Numa visita ao consultório do doutor Jatene, a reportagem da ***Tpm*** encontrou na sala de espera uma paciente de 20 e poucos anos com os olhos roxos. Tinha acabado de colocar silicone nos seios e aproveitou para fazer uma blefaroplastia (cirurgia das pálpebras). Mas a operação mais popular por lá é a rinoplastia (procedimento que muda o nariz serrando o osso). Essa também é a cirurgia que mais cresce no Brasil, de acordo com Oswaldo Saldanha, Secretário Geral da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Ter o nariz dos sonhos já superou até o ideal de ficar mais jovem fazendo um lifting. Mas fique atenta porque as preferências mudam em ritmo frenético. Há três anos, o grande barato era fazer lipo. Hoje, a ordem é alterar o rosto. De 2001 para cá, as plásticas faciais aumentaram 50% na clínica de Jatene. As rinoplastias já somam 30% dos procedimentos. Em segundo na preferência das clientes vem o lifting (rejuvenescimento facial) e, em sua cola, a mentoplastia (mudança de queixo).

Estranhos no paraíso

"Hoje em dia só é complexado quem quer", diz o cirurgião. Mas será que é assim mesmo tão simples? "Buscar felicidade mudando a fisionomia é querer preencher um vazio existencial de forma milagrosa", alerta Alexandre Sadeh, psiquiatra do Hospital das Clínicas. Faz você parar para pensar. Quantas vezes não resolvemos ir às compras apenas porque estávamos entediadas e acabamos voltando para casa com o gosto do prazer efêmero na boca? Comprar aquele sapato tão desejado nos deu quanto? Dez, quinze minutos de satisfação? E depois? Com o

boom das plásticas hoje um nariz reformado custa tanto quanto um sapato novo. E agora, Maria?

A banalização das cirurgias preocupa o psiquiatra Táki Cordas, coordenador do Ambulim (Ambulatório de Bulimia do Hospital das Clínicas da USP). Da mesma forma que há quem seja viciado em compras, existe um número considerável de pessoas que não consegue aceitar a própria imagem e quer obsessivamente transformá-la. Essa doença, chamada de dismorfofobia, é semelhante à anorexia. Só que, em vez de ficar maníaca por magreza, a pessoa malha exageradamente. Ou faz várias plásticas. Nos casos mais graves, pode-se querer parecer com outra pessoa, em geral, com um ídolo. A patologia foi exibida mês passado pela MTV, na série *I Want a Famous Face*. "Essas pessoas não estão satisfeitas com a própria identidade. Só que a identidade não se muda nem se perde", diz Sadeh.

Afinal, será que estamos nos submetendo ao bacanal do botox porque ele agora é acessível, ou será que por trás da corrida pelo novo nariz existe algo mais arrepiante? Não queremos mais ser quem somos? Estamos tentando resolver crises de identidade com enxertos de colágeno? Com o surgimento de coisas como "a boca da moda" não acabaremos ficando todas iguais? Para onde estamos mandando uma de nossas maiores riquezas, a que atende pelo nome de diversidade?

"Agora existe prótese de silicone para erguer as sobrancelhas. Com 0,5 cm, o implante preenche o espaço vazio que existe pela ausência de pele e elimina a flacidez. A cirurgia custa R$ 2 mil." P&B, julho/11

DEBATE

VIVE LA DIFFÉRENCE!

Tomamos a iniciativa de colocar em uma mesma mesa quatro pessoas que, supostamente, deveriam pensar muito diferente a respeito da atual obsessão por mudanças estéticas faciais. Grace Gianoukas, 40, atriz de teatro, comandante do *Terça Insana* (um pot-pourri de tipos caricaturais que se alternam no palco), cujos traços fogem do padrão de beleza; Paulo Jatene, 51, cirurgião plástico com consultório em Higienópolis, bairro nobre de São Paulo; Juliana Borges, 25, modelo, ex-miss Brasil que já fez um total de dez intervenções cirúrgicas no rosto; e Alexandre Sadeh, 43, psiquiatra do Hospital das Clínicas. Veja no que deu Edição Milly Lacombe

Paulo

Grace

Alexandre

Juliana

Tpm. Há três anos vivemos o boom da lipoaspiração. Agora é a vez da plástica facial. Por que o rosto agora?

PAULO JATENE Isso vem da mídia que, dependendo da época, valoriza determinada parte do corpo.

JULIANA BORGES Eu acho que vem do avanço da medicina. As cirurgias que fiz não precisaram nem de corte, e isso foi uma das coisas que me animaram a fazer

GRACE GIANOUKAS Atrás disso está uma absoluta perda de valores. As pessoas estão muito solitárias e cada vez se consomem mais rapidamente. A procura por um novo rosto é uma tradução disso. Tem uma ilusão de que, se eu for lindo, as pessoas vão se apaixonar por mim. Meu corpo tem 20 mil cicatrizes de todas as coisas que já me aconteceram. Está se perdendo a identidade em busca de ilusão. Nos meus 20 anos de profissão algumas atrizes da minha geração adquiriram um padrão estético para ver se conseguiam trabalho na TV. E nada.

ALEXANDRE SADEH Não é garantia de felicidade. Pode ser uma satisfação pessoal, mas a vida não vai mudar.

A plástica muda a personalidade?

JULIANA Dá segurança.

PAULO Muda para melhor. Mas também tem quem não se encontre de maneira nenhuma. Faz uma cirurgia, duas, três e nada.

Hoje em dia tem adolescente ganhando de aniversário um nariz novo. A cirurgia plástica pode diminuir complexos?

PAULO A finalidade da cirurgia plástica é desenvolver a auto-estima.

ALEXANDRE É uma autoconfiança comprada. Pode ajudar? Pode. Mas se existe um vazio ele vai continuar ali

Tem gente que, apesar de não ter imperfeição no rosto, faz plástica. Isso não é um problema de imagem como o da anorexia?

JULIANA Depende. Fiz essas plásticas porque ia participar de um concurso *[o de Miss Brasil em 2001]*. Eu não tinha problema, mas, quando olhava para a minha orelha, achava grande. Soltava o cabelo, escondia e tudo bem. A gente tem que conviver com coisas de que não gosta.

PAULO Mas você fez plástica porque queria melhorar sua aparência.

JULIANA Todo mundo quer. Fiz as operações para um determinado

"Nos dias de hoje, mulher naturalmente bonita e caso raro? Com tantas beldades [illegible] lindas mulheres andando pelas ruas das grandes cidades, fica sempre a dúvida: ela é bonita assim [illegible]"

objetivo, conquistei o concurso e ainda consegui ver que não era tudo aquilo que a gente imagina. Você pode se pintar inteira de dourado que não vai ser aquilo que vai te dar felicidade.

ALEXANDRE Todo mundo quer ser bonito, bem-sucedido, viver bem e ser feliz. Mas o que é isso? O que é ser normal? O que é ser bonito?

Quando "compramos" o nariz esteticamente correto não estamos abrindo mão da beleza que existe na diversidade?

ALEXANDRE É complicado conseguir aceitar que as pessoas são diferentes.

JULIANA Vejo meninas da minha agência de modelos com 13, 14, 15 anos mudando o peito, o nariz etc. Meninas que moram sozinhas em São Paulo, sabe? De repente nem a formação de idéias está completa.

PAULO É um absurdo. Numa menina de 13 anos você não pode colocar uma prótese

JULIANA Mas colocam

PAULO Mas é errado. Antes dos 17, quando todo o tórax não está completamente formado, não se deve colocar uma prótese.

JULIANA A menina de 14 anos acha que vai virar top porque fez o peito.

PAULO Existe uma coisa chamada transferência. Por exemplo, transferir problema para determinada região do corpo. Ou para o marido. Na minha especialidade é muito comum ouvir: "Ah, vou levantar meu peito e vou ganhar meu marido de volta". Não vai não. O marido já está em outra. Essa é a plástica perigosa.

O padrão de beleza hoje é muito anglo-saxão: nariz fino e arrebitado, boca carnuda. Vamos todos ficar com a cara da Jennifer Aniston?

PAULO Não é assim. O perfil do negro é diferente do perfil do branco, e a gente respeita as características raciais. Uma brasileira com o tórax fino não pode virar a Pamela Anderson. A coluna não agüenta.

JULIANA Quem me vê não imagina que fiz plástica. Meu peito nem parece de silicone. O rosto não parece mexido, cadê as cicatrizes?

GRACE Parece que só os pobres envelhecem, porque os ricos estão se esticando. A padronização é triste, é desestimulante. O futuro é apavorante.

Tem gente que faz plástica quando precisa é de análise.

PAULO Às vezes o externo muda o interno

ALEXANDRE A psicoterapia é um processo doloroso no qual você está em contato com você por vários anos e para o resto da vida. Você se contamina com aquilo Tem que primeiro investigar porque a culpa do mundo está no nariz. O nariz é tão importante assim? Qual é o problema que está por trás disso? Tem gente que tem o nariz perfeito, mas

"O mundo atual está muito competitivo. Ser dono ou dona de um sorriso bonito, bem cuidado, seguro e espontâneo é capaz de deixar, com certeza, muitos concorrentes para trás." P&B

reclama porque nunca está bem. Fazer a plástica, nesse caso, pode ajudar aquele momento, mas não apaga a história. A história não se apaga.

PAULO A gente sempre sabe quando alguma coisa não está legal. É como na casa da gente. Alguém pode entrar e falar: "Que casa linda". Mas você está vendo a bagunça.

ALEXANDRE A gente não tem mais ideologia, não tem mais religião, não tem mais no que se apegar.

GRACE Não tem mais movimento de grupo. A última geração que lutou por alguma coisa foi a das diretas, a ilusão de que a gente podia ter um país. Hoje, onde se manifesta a transgressão da juventude? Em se encher de piercing, fazer um monte de tatuagem, botar roupa maluca.

É a busca da diferença?

GRACE Diferença uma vírgula. Tu vê alguém na rua e sabe: essa aí vai para a Galeria Ouro Fino *[shopping de moderninhos em São Paulo, com grifes de street wear]*. Diferente do quê?

ALEXANDRE Na nossa época, tinha um ideal, alguma coisa que não era comprável. Podia ser tudo questionável: movimento socialista, comunista, libera o nu, mas tinha uma coisa que agregava. Hoje as pessoas se agregam pelo que é comprável.

JULIANA Porque você descobriu que não tem condições de mudar todas as coisas, então tenta pelo menos mudar você.

GRACE É o: "Foda-se, vou fazer o que eu posso".

A cirurgia plástica está banalizada?

ALEXANDRE Tudo está. Existe a banalização da plástica, da mídia, de tudo. Dar de presente para uma menina de 13 anos uma cirurgia plástica para aumentar as mamas...

JULIANA Até com empréstimo você pode comprar seu silicone.

PAULO Cartão de crédito, dez pagamentos.

GRACE Uma moça que trabalha no salão que eu vou está pagando em várias vezes e vai fazer uma plástica. Ela mora lá longe, pega ônibus, sustenta sete filhos. Bacana que ela pode, que legal.

A gente chegou a alguma conclusão?

ALEXANDRE Daqui a pouco uma ideologia vai surgir. A gente está falando de Ocidente, as torres gêmeas caíram, tem um outro padrão aí. Vamos ter que lidar com o diferente, querendo ou não tem pessoas que são diferentes da gente na África, no Oriente Médio, em todo lugar. Os jovens vão ter que aprender que existe um outro padrão que não é melhor nem pior, é uma outra referência. E vão ter que conviver com isso.

MENU CONFIANCE

Aumentar o queixo, ter a boca da moda. Ou, quem sabe, mudar o local onde seu cabelo nasce e assim ter uma testa maior. Elencamos abaixo as cirurgias e intervenções cosméticas mais modernas. E assustadoras

1. MENTOPLASTIA: implante de queixo. Através de cirurgia plástica, seu queixo pode ganhar novo tamanho com o uso de serrote e formato com implante de silicone

2. RINOPLASTIA: por meio de cirurgia plástica, seu nariz pode mudar completamente de formato. Os mais na moda são os finos, como o da atriz Jennifer Aniston

3. PERFILOPLASTIA: todo seu perfil é mudado: da testa ao queixo passando pelo nariz. É das cirurgias mais procuradas por adolescentes hoje

4. IMPLANTE DE MAXILAR: por meio de injeções de substâncias como o metacrilato, você ganha um maxilar mais saliente. Nesse caso, não requer hospitalização. Também pode ser feito com implante de silicone

5. IMPLANTE DE BOCHECHA: quem tem o rosto caído, meio murcho, pode apelar para essa técnica. Feita em consultório médico por meio de injeções de metacrilato, dispensa hospitalização

6. LIPOASPIRAÇÃO DE BOCHECHA: se a sua for grande e você não quiser encarar um regime, eis a solução

7. CIRURGIA DE BOCA (OU BARDOTIZAÇÃO): por meio de cirurgia plástica você pode levantar o lábio superior. E as injeções de metacrilato te deixarão bem cuda, com a boca da moda

8. BLEFAROPLASTIA: operação feita para eliminar as pálpebras e deixá-las mais firmes. Feita com aplicação de metacrilato no consultório ou, na faca, em uma mesa cirúrgica, também diminui as olheiras

9. OTOPLASTIA: a cirurgia que antes era usada só para corrigir orelhas de abano hoje serve também para que você tenha orelhas mais adequadas ao seu tipo

10. IMPLANTE DE CABELO: serve para aumentar ou diminuir a testa. Por meio de cirurgia, o couro cabeludo é puxado para a frente ou para trás

11. TRANSPLANTE DE SOBRANCELHA: sua sobrancelha pode ganhar um novo contorno e ficar mais volumosa por meio de implante de pêlos que são retirados da região pubiana

Corbis/Stock Photos

Provavelmente Michael Jackson é o "antes e depois" mais radical da história

Kit básico de transformação facial, em sentido horário: gancho duplo pra separar tecidos, martelo para quebrar o osso do nariz, agulha para mover a musculatura, descolador de olheiras e descolador de testa

QUEM TE VIU QUEM TE VÊ

Seis canais de TV a cabo já entraram na onda da plástica e outras emissoras estão de olho no filão. Tem médico gostosão se exibindo em centros cirúrgicos, paciente desesperado mas feliz porque ganhou uma plástica de presente, homens e mulheres dispostos a se submeter a várias operações para ficarem mais parecidos com seu ídolo e gente teoricamente séria debatendo narizes alheios. Se soou apetitoso, confira por onde zapear

EXTREME MAKEOVER Espécie de *Porta da Esperança* da plástica. Pessoas comuns são "premiadas" pelo programa com várias plásticas de transformação radical. Mostra o antes, o durante (com cenas nojentas) e o depois
Canal Sony
Estréia 21 de março
Horário domingos às 22h e às 3h

I WANT A FAMOUS FACE Série que mostrava o antes e o depois de pessoas que operavam seus rostos para se parecer com ídolos pops, como Britney Spears e Brad Pitt. Com direito a muito sangue. E bizarria.
Canal MTV
Foi ao ar de 27 de junho a 1 de agosto

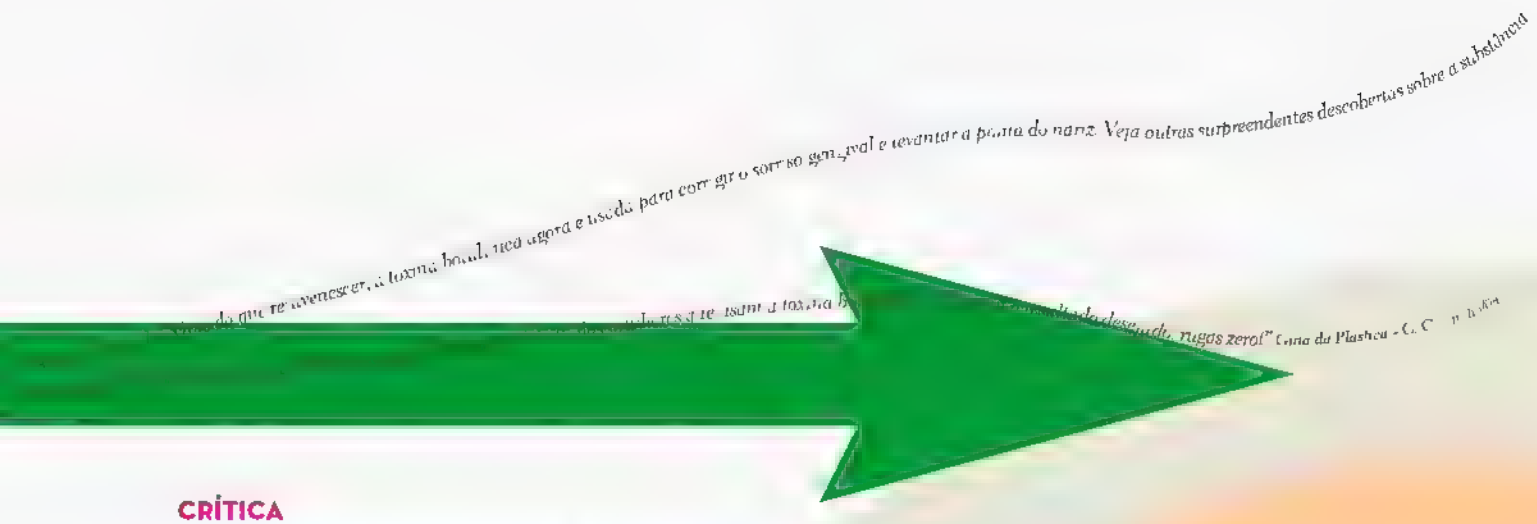
BELEZA COMPRADA Reality brasileiro no qual pessoas que vão se submeter a plásticas são acompanhadas no pré e no pós-operatório. O sangue é substituído por uma mesa redonda formada por profissionais, como filósofos e psicólogos, que debatem os casos.
Canal GNT
Estréia 28 de junho de 2004
Horário segundas e terças às 20h30

NIP/TUCK Seriado de ficção sobre a vida de dois cirurgiões plásticos antiéticos. A série exagera ao mostrar as operações e a dor, tirando sarro de outros programas sobre plástica e questionando a moralidade de cirurgias desse tipo.
Canal Fox
Estréia 17 de agosto de 2004
Horário terças às 22h e sábados às 21h

CIRURGIA PLÁSTICA Programa que exibe cirurgias plásticas, com direito a cenas do paciente chegando ao hospital, sendo operado e, depois, durante a recuperação. Médicos comentam caso a caso.
Canal Discovery Health
Estréia abril de 2003
Horário sábados às 14h, 22h e 22h30

DR. 90210 Reality show sobre o dia-a-dia de um cirurgião plástico de Beverly Hills. Mostra a vida glamorosa de um médico de sucesso, o dr. Robert Rey (brasileiro radicado nos Estados Unidos). Além de operar, ele malha, vai a festas e trabalha exibindo o bíceps delineado
Canal E!
Estréia prevista 8 de outubro
Horário domingos, às 20h

METAMORPHOSES Novela de ficção que tinha um núcleo formado por cirurgiões plásticos Gerou polêmica ao colocar cenas de cirurgias reais no meio da trama.
Canal Record
Exibido de 14 de março a 23 de agosto de 2004



CRÍTICA

DEFORMADOR DE OPINIÃO

Quase simultaneamente a telinha foi tomada de assalto por seis programas que mostram a vida de quem se submete a cirurgias plásticas. Colocamos a crítica Bia Abramo para assistir a todos. A conclusão? Não há martelinho de quebrar nariz que derrube o cinismo do discurso sobre as transformações apresentadas em reality shows como *Extreme Makeover*

O que mais horroriza neste movimento combinado da mídia e de uma parte dos médicos para naturalizar e glamorizar a cirurgia plástica não é a violência das cenas realistas de cortes e suturas. Isso é simplesmente repugnante. O problema é, com trocadilho e tudo, a cara-de-pau. Não há martelinho de quebrar nariz – sim, às vezes há que se esmigalhar os ossos para fazer uma cirurgia dita "corretiva" – que derrube o cinismo do discurso sobre a cirurgia plástica.

Em primeiro lugar, a maldita auto-estima é invocada como justificativa suficiente para qualquer desvario estético. No hediondo *Extreme Makeover* (Sony), essa é uma das palavras que mais se ouvem – a outra é perfeito/a. Claro que a tal auto-estima para eles é entendida simplesmente como "sou infeliz porque meu nariz é grande, meus dentes são tortos ou tenho menos peito que uma pimp". Logo, reduzam-se os narizes, consertem-se os dentes, entupam-se os peitos de silicone e, como num passe de mágica, desaparece a infelicidade.

O segundo dos mitos que alimentam essa insanidade é a perfeição. No *I Want a Famous Face* (MTV), a perfeição não apenas existe, como tem nome e sobrenome: Britney Spears, Elvis Presley. A premissa já é de uma maluquice ímpar – você pode se transformar em outra pessoa. Basta copiar o peito, o nariz, o queixo e a maquiagem de alguém famoso, que automaticamente sua vida besta fica mais próxima do luxo e do sucesso de seu ídolo.

Médicos ou monstros?

Outra coisa chocante é que os programas têm a participação de gente que estudou medicina e odontologia, ou seja, gente cuja relação com os corpos e seus formatos deveria ser menos mentirosa. Eles aparecem no vídeo, tanto no *Extreme Makeover* quanto em *I Want a Famous Face*. Em alguns casos, como em *Doctor 90210* (E!), são a estrela principal. O programa, que estréia em outubro, relata o dia-a-dia cheio de glamour de um cirurgião plástico de Beverly Hills. Os médicos parecem muito profissionais em seus jalecos, mas mentem descaradamente porque prometem uma coisa que não existe. Pois está na teoria que funda as ciências biológicas modernas, a teoria da evolução, a noção de que os organismos nunca ficam prontos, acabados, perfeitos. E que aproveitam justamente as diferenças e os desvios para evoluir. Quem é perfeito não precisa evoluir, certo?

O envolvimento de médicos e dentistas é chocante, mas de jornalistas e, digamos, profissionais do mundo do entretenimento não o é menos. Para continuar dormindo tranqüilos, eles costumam argumentar duas coisas: a) seus programas são imparciais porque fazem um registro das "desvantagens" dos procedimentos cirúrgicos; b) eles estão dando à audiência o que ela pede. Como se o registro entre o preguiçoso e o burocrático do "outro lado" bastasse para contrapor-se ao rolo compressor dos padrões de beleza. E quanto à audiência, bem, as execuções públicas no século 18 também juntavam multidões...

Operar é preciso

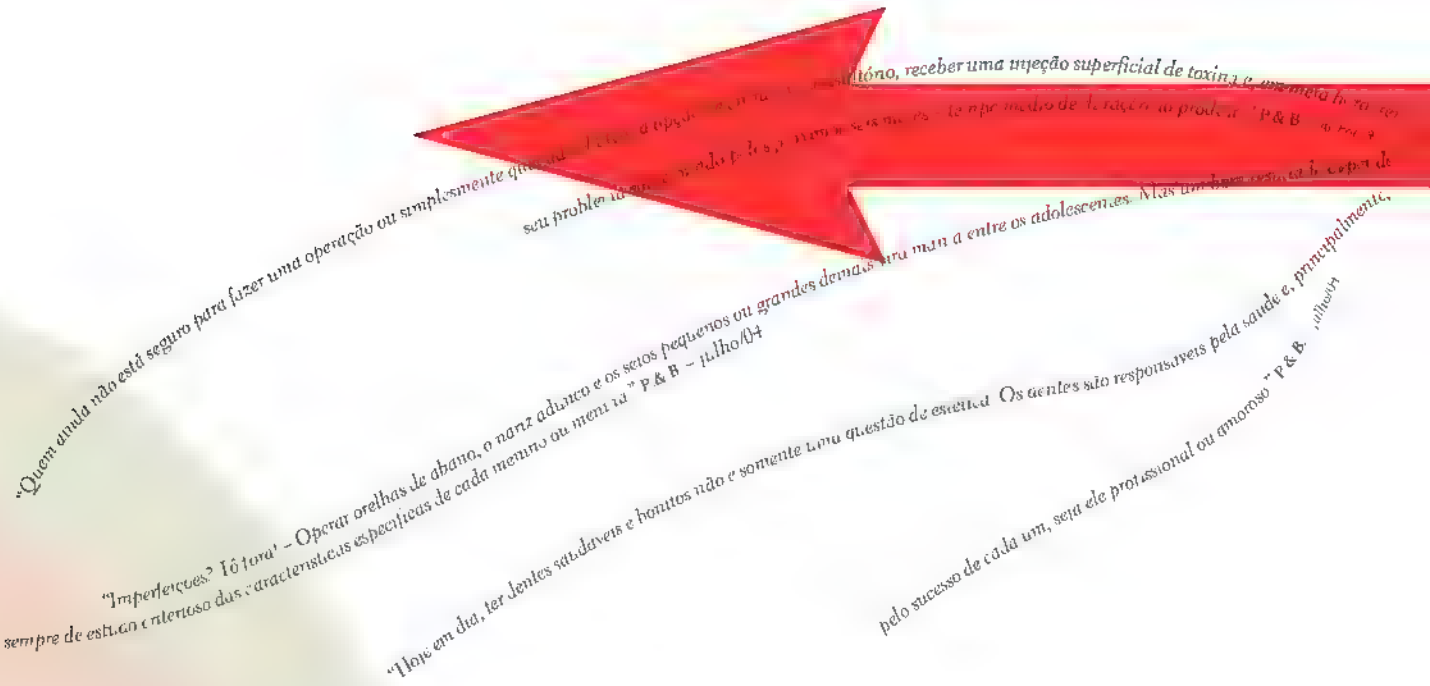
Nos programas, a auto-estima é restaurada num passe de mágica. Esse é o terceiro pilar do edifício da empulhação plástica: os procedimentos médicos equivalem a varinhas de condão, resolvem seus problemas emocionais, profissionais, afetivos, existenciais como que por encanto. Diante da opção mais sensata, rápida e relativamente barata do consultório, quem é que é doido de preferir os caminhos muito mais tortuosos da vida? Operar é preciso, viver não é preciso, parecem dizer esses médicos-monstros.

Recentemente, a Sony exibiu uma edição especial chamada *Life After Extreme Makeover*, em que operados faziam um balanço "sincero" de como a vida tinha mudado depois das transformações. Às tantas, uma delas diz que, graças às torturas pelas quais tinha passado, agora podia "olhar diretamente para a câmera". Não para si mesma, nem para o outro e nem mesmo para o espelho. É para uma câmera imaginária e onipresente que se inventa essa beleza inumana. (por Bia Abramo)

"Quem ainda não está seguro para fazer uma operação ou simplesmente qu[illegible] [illegible]tóno, receber uma injeção superficial de toxina [illegible] seu proble[illegible] [illegible] P & B [illegible]

"Imperfeições? Tô fora! – Operar orelhas de abano, o nariz adunco e os seios pequenos ou grandes demais [illegible] mania entre os adolescentes. Mas um [illegible] sempre de estudo criterioso das características específicas de cada menino ou menina." P & B – julho/04

"Hoje em dia, ter dentes saudáveis e bonitos não é somente uma questão de estética. Os dentes são responsáveis pela saúde e, principalmente, pelo sucesso de cada um, seja ele profissional ou amoroso." P & B – julho/04



RÉPLICA

O IBOPE DA BELEZA

A diretora do GNT, primeiro canal de TV brasileiro a produzir um reality show sobre plásticas, defende a imparcialidade de *Beleza Comprada* e comemora o sucesso de audiência do programa

Desde julho, o canal a cabo GNT, que ganhou fama por mostrar programas e documentários de qualidade sem apelar para o popularesco (é deles por exemplo o *Superbonita*, que trata o tema "beleza" com leveza e naturalidade), exibe o primeiro reality show sobre plásticas feito no Brasil. *Beleza Comprada* acompanha a trajetória de pessoas [illegible] sempre mulheres jovens [illegible] que vão se submeter a cirurgias [illegible] as semanas que antecedem o procedimento e o resultado posterior. Os casos são discutidos por uma mesa redonda que reúne psicólogos, antropólogos e cirurgiões plásticos. O programa dobrou a audiência do canal no horário em que é exibido. De acordo com Letícia Muhana, diretora-geral do GNT, a resposta da audiência "é uma festa". Apesar de admitir que a redação já recebeu dezenas de cartas de gente se oferecendo para cair na faca, ela não acredita que o programa possa influenciar mulheres a fazerem plásticas desnecessárias. "Isso é balela", diz

Mostrar cirurgias plásticas virou moda nas televisões do mundo? A tendência não é especificamente mostrar plásticas, mas sim mostrar processos de transformação. São transformações de profissões, de casa. Não só do corpo.

Por que um canal de credibilidade como o GNT decidiu fazer um programa sobre cirurgias plásticas estilo reality show, formato considerado mais "popular"? Esse programa não faz com que o GNT se sinta um canal menos sério. Revelamos uma tendência. Achamos importante que as pessoas possam ponderar, entender e matar sua curiosidade sobre o assunto. Por isso apresentamos um debate com o programa.

Você não acha que esse tipo de programa pode influenciar mulheres a fazerem plásticas desnecessárias? Acho que não. Isso é o mesmo que achar que mostrar violência na TV gera violência. Isso é uma balela! Claro que refletimos sobre esse tipo de coisa. Tanto que não fazemos espetacularização da cirurgia. Mostramos a expectativa e o resultado depois. Passamos ao largo da cirurgia, do sangue. Não fazemos um grande espetáculo. Damos um tratamento respeitoso e sério ao assunto. E também mostramos a opinião de outras pessoas, que são de outro universo.

Não mostrar a cirurgia não é uma maneira de passar ao largo da dor? Não. Não mostramos para não fazer um espetáculo. Mas mostramos o processo doloroso de recuperação e também casos que dão errado.

Você acha que é possível se dar ao luxo de ser imparcial em um assunto tão sério como cirurgia plástica? Acho que o *Beleza Comprada* mostra que dá para ser imparcial. O programa mostra essa realidade do culto ao corpo, mas não faz disso um show.

Qual é o serviço prestado pelo canal com esse programa? Ajudamos quem está assistindo a formar opinião sobre o assunto, para que a pessoa possa se posicionar.

A resposta da audiência está sendo boa? Ótima. Uma maravilha. O programa já está no top 10 do canal. Temos muito retorno da audiência, as pessoas escrevem querendo se submeter aos procedimentos. É uma festa.

Agradecimentos **Retrato Falado**, (11) 3031 8177, **Tab Instrumentos Cirúrgicos**, (11) 6121 0670

www.carmimania.de
Carmim

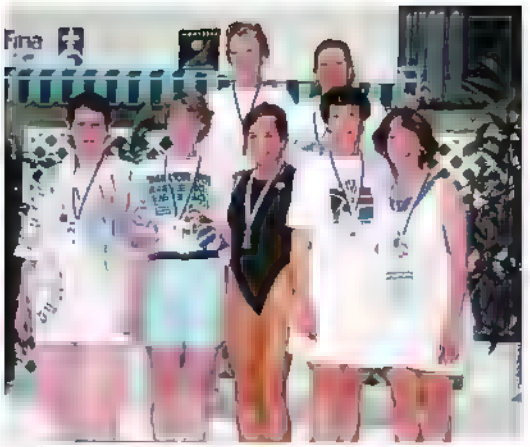
COMPORTAMENTO

POR **MILLY LACOMBE** FOTO **ANDRÉ BRANDÃO**

A GRANDE FAMÍLIA

ELES JÁ REPRESENTARAM O **BRASIL** NAS **OLIMPÍADAS** EM DUAS MODALIDADES DISTINTAS, QUEBRARAM **RECORDES** MUNDIAIS E ENTRARAM PARA A **HISTÓRIA** DO **ESPORTE**. TUDO ISSO MANTENDO A POSE DE **FAMÍLIA TRADICIONAL** PAULISTANA

Fotos arquivo pessoal



Na pág na ao lado, em 1973, Silvana com 32 anos e Fernando com 29, no Canadá para a inauguração do novo veleiro da famí ia. Ac ma, S. vana (de ma ô preto) comemora, em junho deste ano, o segundo lugar no Mundia de Águas Abertas da Itá a

Eu sempre tive raiva da Silvia. Não aquele tipo capaz de iniciar guerras, mas uma raiva que faz você ir embora para casa depois de uma aula de natação se perguntando por que diabos aquela menina que treina exatamente como você consegue nadar tãããão mais rápido. E aí eu via Silvia, sempre elegante e nunca ofegante, passeando pelo clube na companhia de seu irmão lindíssimo e de seus pais, jovens, atléticos, lindos.

Silvia é a filha mais velha do clã dos Nabuco, família conhecida no aristocrático Clube Paulistano dos anos 80 como modelo a ser seguido. Unidos, recordistas, bronzeados, sempre sorrindo. Longas regatas, pistas de atletismo, travessias de windsurf, triatlo, disputa nas piscinas tudo era bem-vindo. Medo, nem pensar. Eram uma espécie de Forrest Gump tupiniquim – só que muito mais bonitos que Tom Hanks.

São Paulo, anos 20

A saga esportiva da família começa no Rio de Janeiro dos anos 20. Fernando Nabuco de Abreu, o avô de Silvia, aliviava a tensão remando nas águas da baía de Guanabara. Os genes privilegiados logo o transformaram num remador de ponta. Tanto que representou o Brasil na Olimpíada de Los Angeles, em 1932.

O filho, Fernando Luís, pai de Silvia, foi incentivado a seguir na mesma trilha – agora em São Paulo, onde os Nabuco se instalaram no fim da década de 30. Na infância, era acordado de manhã com chacoalhões do ex remador, que o obrigava a pular na piscina gelada de 12,5 metros que tinham no quintal da casa em Cidade Ademar, bairro da zona sul paulistana, na época uma espécie de Chácara Flora. "Ele me empurrava e me mandava baixar os tempos", lembra Fernando, hoje um homem de 63 anos com corpo e cara de 40.

A pressão deu certo. O filho do remador quebrou recordes sul-americanos e, repetindo o feito do pai, disputou a Olimpíada de Roma em 1960. Mas o velho queria mais e descolou para o herdeiro uma bolsa em uma universidade americana, onde ele poderia aperfeiçoar as braçadas. Acontece que o filho tinha outro plano, e ele atendia pelo nome de Silvana, uma elegante jogadora de vôlei do Clube Paulistano, onde Fernando nadava à tarde.

SILVANA NABUCO

DATA DE NASCIMENTO: 7/9/1941

Principais conquistas

Campeã bras leira de vô ei pelo C ube Pau istano (1956)
Vice-campeã do Mund al Master de Natação nos 50 m e nos 100 m costas nos Esta dos U nidos (1992)
Campeã do Mund al Master de Natação nos 50 m e 100 m nado costas no Canadá (1994)
Recordista mundia nos 50 m e nos 100 m costas no Mundial Master de Natação da Inglaterra (1996). Na mesma competição, ficou em 1º nos 200 m costas
Recordista mundial nos 50 m costas em pisc na de 25 m (1998)
Campeã da travessia de 5 km no Mundia Master de Mun que (2000)
Campeã da travessia de 3 km no Mundia Master da Nova Zelând a (2002)
Campeã dos 50 m livre (recorde sul-americano) e 50 m borbo eta do C rcu to Paulista (2004)
Recordista su -americana dos 50 m borboleta em piscina de 25 m (2004)

SILVIA NABUCO

DATA DE NASCIMENTO: 23/7/1966

Principais conquistas

Campeã paul sta de atletismo (1981) 800 m
V ce-campeã pau ista nos 800 m rasos (1983)
V ce-campeã brasileira de windsurf (1984)
3ª colocada em sla om no Bras leiro de Sk na Neve (1985)
Campeã co egial nos 50 m e 100 m nado ivre na Ca ifórnia (1986)
Campeã bras leira de cic smo de estrada e de pista (1990)
Campeã da Taça Halls de Mountain Bike (1ª prova da moda dade no Brasil, em 1991)
V ce-campeã da 9 de Julho (prova mais tradicional de ciclismo do Bras l, em 1989)
Integrante da de egação brasileira de ciclismo que d sputou os Jogos Pan-Americanos de Cuba (1991)
Campeã amadora do Troféu Brasi de Triatlo (1997)
13ª colocada no Mundia de Triatlo em Perth, na Austrália (1997)
4ª colocada no Mund al de Triat o em Lausane, na Suíça (1998)
7ª colocada no Mund al de Triat o em Montreal, no Canadá (1999)
V ce-campeã da etapa mine ra do Bras leiro de Tr at o Prof ss ona (1999)
5ª colocada no Bras le ro Amador de Surf na etapa de F or anópolis (2003)
5ª colocada no Bras le ro Amador de Surf na etapa de Maresias (2003)
3ª colocada no Ranking Paulista de Surf (em andamento)

FERNANDO NABUCO DE ABREU

DATA DE NASCIMENTO: 23/7/1906

Principais conquistas

Campeão brasile ro de remo (1927)
Campeão brasile ro de remo (1928)
Campeão brasile ro de remo (1929)
Fez parte da equipe bras leira de remo nas O impíadas de Los Ange es (1932)

FERNANDO LUÍS NABUCO

DATA DE NASCIMENTO: 22/6/1944

Principais conquistas

Aos 15 anos, consegu índice para d sputar as Olimpíadas de Roma (1960)
3º melhor tempo do mundo em revezamento 4x100 nado ivre (1960)
Campeão sul-americano de pó o aquático pelo Paul stano em (1966)
Campeão Brasile ro de Motonáutica (1974)
Campeão de vela oceânica na regata Buenos A res–R o (1978)
Campeão pau sta de triat o categor a 40+ (1981)
Conclu u três provas do Ironman no Havaí (1987 88 e 89)

FERNANDO LUÍS NABUCO FILHO

DATA DE NASCIMENTO: 18/4/68

Principais conquistas

Campeão Paulista de Natação Infant l (1976)
Ranqueado entre os dez me hores ten stas do Brasil entre 80 e 85
Conclu u o Ironman do Havaí (1986)
Campeão do B at o da Ilhabe a (1990)
10º colocado no Sul Americano de Triatlo, Rio de Janeiro (1992)

Acima, em 1977, a família em viagem a Angra.
Ao lado, em 1980, no Clube de Campo de São Paulo

Em pouco tempo, pediu a moça em casamento. Ele tinha 21, ela 24. O pai de Fernando foi à loucura. A união precoce significava o fim da chance de ver o filho um campeão olímpico. O velho ficou tão irado que nem à cerimônia de casamento compareceu. Dois anos mais tarde, em 1966, a família iria aumentar

Windsurf, nascimentos e vela

Depois de um parto complicadíssimo, durante o qual mãe e filha correram risco de morte, Silvia nasceu. O marido agora andava encantado com vela oceânica e, profissionalmente, dava os primeiros passos no mercado de ações trabalhando numa corretora. Em 68, com a chegada de Fernando Filho, o clã fica completo. As crianças crescem acostumadas a proas e popas e, para acompanhar o ritmo do marido, Silvana resolve se aventurar em um esporte novo, o windsurf. Muito provavelmente foi a primeira mulher a praticar o wind no Brasil. Indiscutivelmente, foi a única militante de nossa elite a deixar de lado o carteado e a cigarrilha para encarar o universo outdoor

O gene atlético não demorou a se manifestar nas crianças. Ele fazia a festa nas piscinas. Ela, nas pistas de atletismo (e nas piscinas também). Apesar de estudarem em boas escolas, nunca foram bons alunos e terminaram não fazendo faculdade. O objetivo na adolescência era baixar tempos. "Meu pai nunca quis ver meu boletim", lembra o Nabuco filho. "Na mesa do jantar a pergunta não era 'Você já fez a lição de casa?', mas sim: 'Você nadou hoje?'." Empilhando medalhas, dormindo cedo e abrindo mão das baladas, os dois tinham tudo para concretizar o desejo do avô e virar campeões olímpicos

Triatlo, separação e recorde mundial

Fernando pai poderia ter sossegado com a vela e virado um lobo-do-mar, mas resolveu mudar de esporte mais uma vez. Começou a praticar maratona e triatlo e, em 89, encarou o Ironman do Havaí, uma das provas mais cascas-grossas da modalidade: o vencedor precisa de pelo menos oito horas para completar a aventura. Já um homem de negócios muito bem-sucedido (chegou a ser presidente da Bolsa de Valores), dormia cedo e acordava de madrugada para encaixar o treinamento de triatleta na rotina de trabalho. O entusiasmo contagiou o filho, que começou a praticar com ele. A vida da família radical ia bem até que, no fim de 90, o Nabuco pai resolveu sair de casa. "Você tem que entender que a história dos Nabuco com mulheres é complicada. Meu pai se casou oito vezes", justifica Fernando. O baque foi grande, sobretudo porque se tratava de uma família modelo. Silvana, na época com 50 anos, era o centro das preocupações

Depois de alguns meses sem forças para sair de casa, resolveu encarar a vida. E foi direto para as piscinas porque disse que queria afogar as mágoas. Sua experiência com água se limitava às travessias com a prancha de wind. Mas descobriu ser uma nadadora nata. As braçadas foram um excelente antidepressivo. Ela ia para o Guarujá, se instalava no barco da família e treinava no mar, à noite

Ao perceber que Silvana havia dado a volta por cima, Fernando se lembrou por que havia se apaixonado por ela e, menos de um ano depois de sair, pediu para voltar pra casa. Ela deixou, mas avisou que não ia parar de nadar. Na primeira competição que disputou, o Mundial Master de 92, em Indianápolis (EUA), faturou duas medalhas de prata. Quatro anos depois, quebraria dois recordes mundiais na mesma competição (nos 50 e nos 100 metros costas). Hoje, aos 66, ainda nada todos os dias, compete, faz spinning, musculação e, de quebra, ajuda a filha cuidando dos netos. Durante a elaboração desta matéria, foi difícil ficar a par dos recordes que Silvana continuava batendo. A cada novo telefonema, ela havia faturado mais um

Enquanto a carreira desportiva de Silvana deslanchava, a dos filhos entrou num hiato. De volta de uma temporada de treinos em piscinas americanas, Silvia imitou o gesto do pai 20 anos antes e largou

North Shore wave fits five

Em sentido horário: Fernando Filho no Ironman do Havaí, em 86; Fernando Paulista na mesma prova, em 89; Silvia surfando a maior onda de sua vida, também no Havaí, em dezembro de 2003 (a foto foi parar na capa do jornal local); Silvia com o time de vôlei do Paulistano campeão paulista de 62

tudo para casar. "Engravidei e achei que deveria ter o filho. Se você não toma uma decisão rápida, é difícil achar coragem para tirar depois", confessa, com um tipo de sinceridade muito difícil de encontrar hoje em dia. O pai da criança era o nadador Maneco Carrano, três anos mais novo e proprietário da recém-inaugurada – e já badalada – Fórmula Academia.

As aspirações de Fernando Filho acabaram de forma mais dramática. Numa noite em que saiu para pedalar pelo Morumbi, caiu da bicicleta e esmigalhou o fêmur. Depois de passar por uma série de cirurgias, ficou seis meses na cama, perdeu alguns centímetros de comprimento da perna e foi obrigado a aposentar precocemente sua carreira no triatlo (na época do acidente, ele era uma das grandes promessas da modalidade no Brasil).

NUMA NOITE EM QUE SAIU PARA PEDALAR, CAIU DA BICICLETA E ESMIGALHOU O FÊMUR. ERA O FIM DE SUA CARREIRA ESPORTIVA

Recomeço

Apesar dos contratempos, não era hora – ainda – de Fernando e Silvia abandonarem os esportes. Mesmo com o problema na perna, ele se aventurou em outras praias e hoje disputa o Brasileiro de Kitesurf. Silvia teve mais um filho e, quando se separou, em 97, resolveu tentar a sorte no mesmo triatlo que já havia conquistado pai e irmão. Superou os dois: uma das cinco melhores ciclistas do país, chegou a disputar o Pan-Americano de Cuba, em 99. Decidida a baixar ainda mais seus tempos, uma mania da família, decolou um estágio de três meses na Austrália com um dos mais impiedosos técnicos do mundo. Deixou Felipe e Manuela, na época com 6 e 4 anos, aos cuidados do marido e foi ralar do outro lado do mundo.

Voltou, competiu por mais dois anos e resolveu parar. "Comigo é assim: sempre paro de praticar no auge. Não sei por quê." Num fim de semana na praia da Baleia, litoral norte de São Paulo, descobriu uma nova paixão. Meio de brincadeira, pegou a prancha de uma amiga. Ficou em pé de cara e diz que se sentiu em outra dimensão. Mas pegar onda pelo puro prazer de deslizar sobre o mar não ia fazer a cabeça de um Nabuco por muito tempo. Silvia começou a disputar torneios de surf amador e logo chamou a atenção. Aos 34, iniciava uma jornada que iria transformá-la na maior surfista de ondas grandes do Brasil.

Desde 2003, passa metade da semana no Guarujá surfando. Os filhos ficam em São Paulo com o ex-marido. Em dezembro passado, embarcou para uma surf trip no Havaí, e entrou para a história do esporte. Na bendita tarde, as ondas em Waimea estavam quebrando com quase 5 metros. A praia estava rodeada por bombeiros, proibida para banhistas e surfistas. Mas Silvia furou o bloqueio e entrou no mar com uma prancha emprestada (a sua era pequena demais para aquele volume de água). Passou 20 minutos sentada na prancha estudando como desceria aquelas cachoeiras. Depois, remou para a maior onda de sua vida – e uma das maiores já surfadas por uma mulher. O resultado da façanha foi parar na capa do jornal local, o *Honolulu Advertiser*: Silvia e outros quatro bravos domando a parede de água.

Hoje, está treinando para se aperfeiçoar no tow-in, modalidade em que o surfista é puxado por um jet ski e fica cara a cara com pilares de água de mais de 7 metros – esporte praticado por meia dúzias de mulheres no mundo. Não é preciso dizer que se trata de uma das maiores aventuras modernas. E Silvia Nabuco, fazendo justiça ao nome de família, ajudará a escrever essa história. O velho Fernando Nabuco de Abreu deve estar orgulhoso de seus descendentes.

Produção de Moda **Lara Gerin** Beleza **Omar Bergea** Agradecimento especial **Valnir Montagnini**

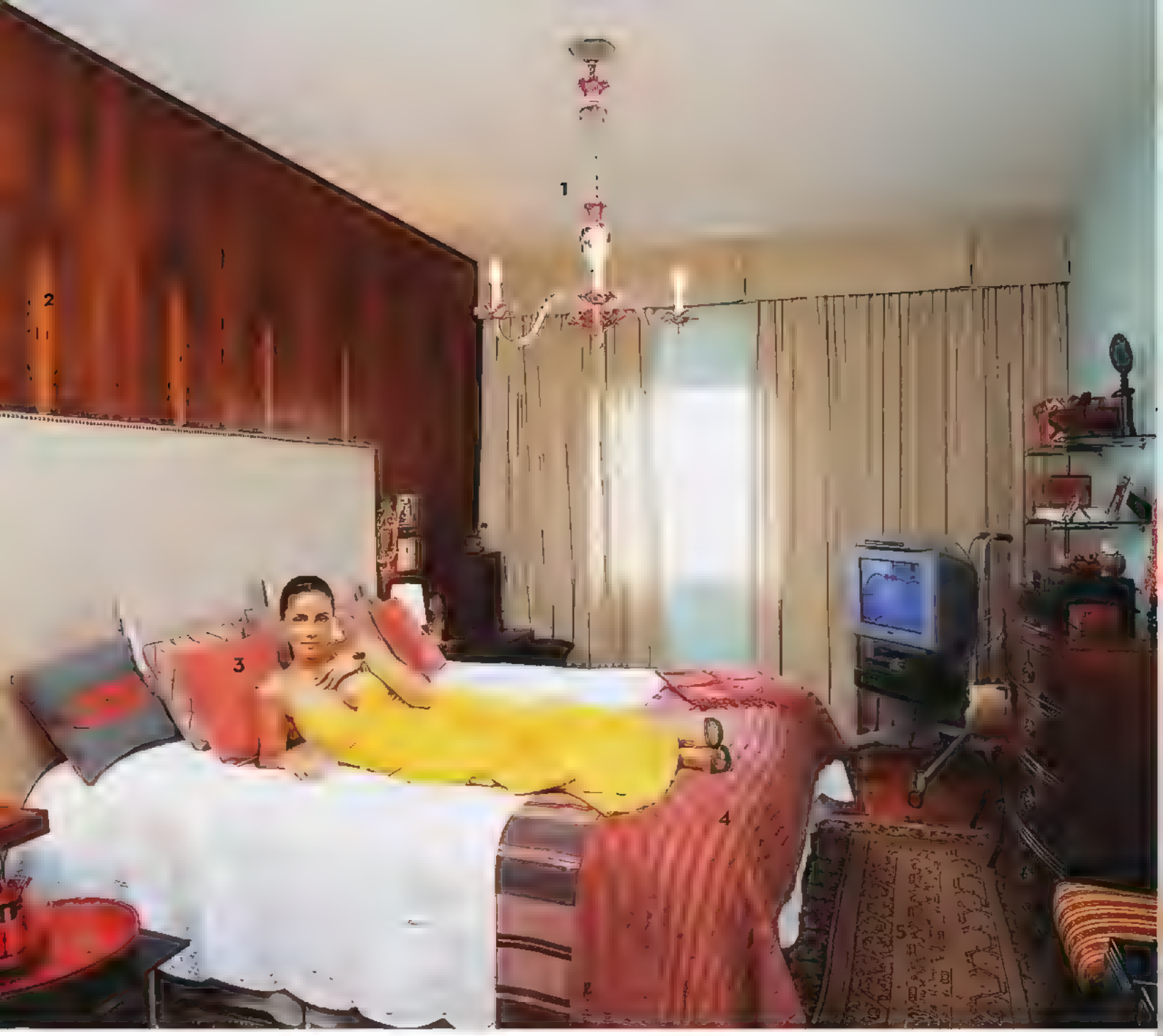
6/4

SEIS MULHERES **CRIATIVAS** E DE EST LO ABREM A PORTA DE SEUS **QUARTOS** PARA A ***TPM***. NVADIMOS SUAS TOCAS PARA **ESPIAR** COMO CADA UMA DELAS **VESTE** O LUGAR MA S **ÍNTIMO** DA CASA

Cynthia Howlett, 27 anos, apresentadora do Sportv. 3º andar com vista para a praia do Arpoador. Rio de Janeiro

1- Cama fe ta sob encomenda. *Onde encontrar*: ***House Garden*** *(11) 3081 1233*
2- A tar com amu etos como um terço e uma bonequ nha. *Onde encontrar*: ***Babel*** *(21) 2523 1455*
3- Bancada. *Onde encontrar*: **Ornare** *(11) 3061 0747*

Vestido **Bangalô**: R$ 185, sapat lha **Vagabond Shoes** para **Fuxique**: R$ 210 e pu seira preta **Lorenzo Merlino**, preço sob consulta



Isabella Giobbi, 34 anos, decoradora. Apartamento no 12º andar, Jardins, São Paulo

1- Lustre francês de bacará, presente da avó. *Onde encontrar peças de bacará:* ***Antiquário Antônio Carvalho*** *(13) 3316 8016*
2- Revestimento de madeira (boiserie) para aquecer o ambiente. *Onde encontrar:* ***Ornare*** *(11) 3061 0747*
3- Almofadas Lesage (famoso bordador francês). *Onde encontrar:* ***Larmad*** *(11) 3061 1944*
4- Tecidos trazidos do Marrocos. *Onde encontrar:* ***Kauany Golden*** *(11) 5533 6537*
5- Tapete persa. *Onde encontrar:* ***Morales Tapetes Orientais*** *(11) 3812 0304*

Vestido **Cris Barros Wardrobe**: R$ 1190, pulseira **NK Store**: R$ 450 e sandália **Francesca Giobbi**: R$ 530

Carolina Bueno, 29 anos, arquiteta. Casa de vila de 1900. Higienópolis, São Paulo

1- Lustre comprado na Liberdade, bairro típico japonês. *Onde encontrar lustres como este:* ***Minikimono*** *(11)* 3208 0322
2- Cortina de voile, inspirada no trabalho com cortinas do arquiteto japonês Shigueru Ban. *Onde encontrar tecido para cortina:* ***Cinerama*** *(11)* 3168 5455
3- Luminária estilo anos 70. *Onde encontrar:* ***Mi Casa*** *(11)* 3088 1238
4- Obra de Lenora de Barros, artista plástica paulista. *Onde encontrar obras de Lenora de Barros:* ***Laura Marsiaj-Arte Contemporânea*** *(21)* 2513 2074
5- Cadeira comprada no Mercado das Pulgas em Paris. *Onde encontrar:* ***Feira de Antigüidades do Bexiga*** *Praça Dom Orione, São Paulo, aos domingos, das 10 às 18 h*

Vestido **Gisele Nasser**: R$ 800 e colar **NK Store**: R$ 420

Ana Strumpf, 24 anos, estilista. Mora na casa dos pais. Jardim Paulistano, São Paulo

1- Quadro da artista plástica paulista Pink Wainer feito exclusivamente para Ana. *Onde encontrar obras da Pink Wainer* **Casa das Artes Galeria** *(11) 3661 9595*

2- Almofadas e colcha de patchwork de sedas peças piloto feitas pela estilista para sua loja Garimpo Formatex. *Onde encontrar:* **Garimpo Formatex** *(11) 3897 8136*

3- Lenço Moschino enquadrado. *Onde encontrar peças Moschino:* **Daslu** *(11) 3841 4000*

4- Obra de Alex Vallauri, pioneiro do grafiti no Brasil. *Onde encontrar a obra de Alex Vallauri:* **Galeria Francine** *(11) 3083 7540*

5- Ventilador cromado. *Onde encontrar:* **Benedixt** *(11) 3062 6551*

Vestido com obi (faixa na cintura) **Fuxique:** R$ 560

Isabelle Tuchband, 36 anos, artista plástica. Sítio urbano. Jardim Paulista, São Paulo

1- Peças feitas por Isabelle podem ser vistas espalhadas pela casa. *Onde encontrar:* ***Atelier Isabelle Tuchband*** *(11) 3887 2720*
2- Cortina de tafetá de seda pura. *Onde encontrar:* ***Safira Sedas*** *(11) 3081 5146*
3- Fotografia de Tuca Reinés. *Onde encontrar:* ***Tuca Reinés Photography*** *(11) 3061 9127*
4- Banco feito de gravetos forrado com tecido de um quimono japonês. *Onde encontrar móveis feitos com gravetos:* ***Escarlate Flores e Design*** *(11) 3085 1704*
5- Almofadas pintadas por Isabelle. *Onde encontrar:* ***Armazém*** *(11) 3085 9993*

Vestido **Madalena**: preço sob consulta, sandalia **Casa da Alessa**. R$ 350 e brincos acervo pessoal

Juliana Suassuna, 24 anos, estilista da Osklen. Apartamento da década de 50. Laranjeiras, Rio de Janeiro

Quarto customizado por Juliana

1- O vest do acomodado no manequim representa cada ano de sua vida. Nele Juliana diariamente prega, corta, costura, cola ou faz qualquer interferência que represente o cotidiano.

2- Boneca estilo nega maluca. Inspirada nas que a avó costurava.

3- Almofada feita com tecido de estampa de ovelhas. A estampa criada por Juliana é usada em casacos e bolsas à venda nas lojas Osklen.

4- Cadeira de plástico. *Onde encontrar:* ***Rei dos Plásticos*** *(21) 2252 6358*

Vest do **Muggia:** acervo pessoal e sandália **Osklen:** R$ 197

Vá lá: ***Bangalô*** *(11) 3063 [illegible],* ***Casa da Alessa*** *(21) 2287 9939,* ***Cris Barros Wardrobe*** *(11) 3082 362[illegible],* ***Francesca Giobbi*** *(11) 3062 8205,* ***Fuxique*** *(11) 3897 8136,* ***Gisele Nasser*** *(11) 3816 6121,* ***Lorenzo Merlino*** *(11) 3081 6975,* ***Madalena*** *(11) 2808 1838,* ***Muggia*** *(21) 9256 6409,* ***NK Store*** *(11) 3068 9880 e* ***Osklen*** *(11) 3815 9100*

Assistente de fotografia **Gui Morelli** Beleza **Lutera Thabisa e Paulo Filatier** (Naryes Consultoria com produtos Trucco e Sebastian)

Sacramento Disponível na Loja PUMA (Morumbi Shopping)

PUMA®
puma.com

MULHER DE
30

PERFIL

POR **NINA LEMOS** FOTO **JORGE BISPO**

THALMA DE FREITAS CANTA NA BADALADA **ORQUESTRA IMPERIAL**, ACABA DE LANÇAR O SEGUNDO DISCO SOLO, VAI ATUAR NA PRÓXIMA **NOVELA DAS SETE** E PELA PRIMEIRA VEZ ESTÁ DIVIDINDO O **APÊ COM UM "MARIDO"**. SE CUIDA COM **ALIMENTAÇÃO NATURALISTA**, COMEÇOU A FAZER TERAPIA, ADORA SPAS CASEIROS E QUER MUITO **TER UM FILHO**. BEM-VINDA À VIDA DE UMA BALZA

Crise dos 30 é uma grande bobagem. Quem já chegou lá sabe disso. É só nessa época que a vida começa a ficar mais assentada. A ansiedade da adolescência vai embora, a carreira deslancha, e a gente se sente mais à vontade na própria pele. A atriz e cantora Thalma de Freitas é um excelente exemplo. "Não trocaria meus 30 pelos 20 por nada." A moça credita tanta alegria ao fato de ter superado seu retorno de Saturno, momento de reviravolta que, segundo os astrólogos, acontece por volta dos 29 anos. Não é só isso. Ela está mais calma e centrada com ajuda da terapia que começou a fazer há um ano. Continua elétrica, mas a ansiedade diminuiu.

Thalma acaba de lançar seu segundo disco solo, o primeiro que realmente tem sua cara. Está no elenco de *Começar de Novo* (sim, ela já conquistou a tão desejada segurança que um contrato com a Globo dá) e virou hype se apresentando com a Orquestra Imperial, a big band carioca que reúne feras como Moreno Velloso e Rodrigo Amarante, do Los Hermanos.

Amor francês

A boa fase não se restringe à vida profissional. Há um ano, Thalma namora o músico francês Stéphane San Juan, com quem mora em um apartamento no Bairro Peixoto — um oásis bucólico no meio do caos de Copacabana. É a primeira vez que divide a casa com um "marido". "Estou vivendo uma história intensa, mas com calma." Também está mais próxima do pai, o maestro Laércio de Freitas, que já trabalhou com Clara Nunes, Elza Soares e Wilson Simonal.

É ele quem cuida dos arranjos do CD, além de tocar piano nas apresentações da filha. "Trabalhar com meu pai está sendo um aprendizado. Entrei em contato com minhas raízes e encarei alguns nós do passado", conta, com jeito típico de quem faz análise.

O tal segundo CD, recheado de canções brasileiras antigas que Thalma adora, ficou com a cara da dona por causa desse clima família. Além do pai, chamou dois amigos para produzir o disco: Kamal Kassim e Berna Ceppas — a badalada dupla de produtores, requisitada por gente como Fernanda Abreu, Los Hermanos e Caetano Veloso. Lançado há dois meses, o CD ganhou elogios na *Veja* e no *Jornal do Brasil*. Mas Thalma não está ansiosa. "Descobri que o mais importante é o caminho que a gente percorre. Se vão gostar, é outra história."

E o caminho percorrido por Thalma tem sido prazeroso. O trabalho com a turma da Orquestra é pura diversão. A banda começou sem nenhuma pretensão, e tem até hoje um jeitão de happening não planejado. Thalma ficou amiga da gangue usando a cara-de-pau com que foi abençoada. "Vim parar no Rio por causa da TV. No início, me sentia sozinha. A sorte é que eu era vizinha do

DELÍRIOS DE UMA FUTURA CABELEIREIRA

A melhor maneira de hidratar o cabelo em casa, segundo Thalma, é reunir amigas para fofocar e uma passar a máscara no cabelo da outra. Se estiver sozinha, aproveite para fazer outras coisas enquanto o seu cabelo é hidratado: como atualizar seu blog, por exemplo.

Como fazer a máscara:

Bata babosa (a quantidade que você quiser) no liquidificador ou no mixer (no mixer é melhor porque depois fica mais fácil de lavar o cabelo) e misture com óleo Aquaoleon, da Kerastase (três colheres de sopa de babosa para cada colher do óleo). Aí é só e colocar uma touca térmica por cima. Deixe por uma hora e lave em seguida.

Faça a experiência: atrito provoca fogo.

Preservativos texturizados Blowtex Action e Blowtex Performe. Você nunca sentiu nada igual.

Faça bonito. Faça com Blowtex.
www.blowtex.com.br

estúdio do Berna e do Kassim. Todo dia fazia um bolo, um bule de café e ia para lá conversar com eles." A amizade fez com que ela se adaptasse ao Rio num piscar de olhos e ainda trouxe na rebarba o marido (Stéphane tocava com Moreno Velloso e Kassim na banda Domenico + 2). Apesar da desenvoltura com que circula em terras cariocas (ela é do tipo que anda pela zona sul dando "tchau" e falando "oi" para passantes), Thalma foi criada na Saúde, bairro da zona sul paulistana. A música sempre fez parte do cardápio da família. "Todos os sábados ia com meus pais para o Avenida Club *[casa de MBP em Pinheiros]*. E adorava!"

Babosa no cabelo

A paulistana acariocada agora luta para gravar um CD com a Orquestra e deslanchar na TV. "Tenho essa loucura de querer ser atriz e cantora. Levo jeito nas duas coisas, e não acho que preciso optar por uma." Como se não bastasse, ainda encontra disposição para cultivar outros talentos. Diariamente, atualiza o blog *A Filha do Maestro*, um diário com suas aventuras pelo mundo da música e da TV. Também sonha um dia abrir um salão de beleza. Enquanto isso, aperfeiçoa seus dons nas madeixas de amigas. "Passa lá em casa pra eu fazer uma hidratação no seu cabelo", diz para a atriz Maria Flor, com quem encontrou no restaurante em que foi entrevistada pela ***Tpm***. "Só vou se você fizer panqueca", exige Flor. Sim, porque além de tudo Thalma é exímia cozinheira.

Angústias domadas, grana garantida, amor conquistado, adivinha qual o próximo passo? "Você tem vontade de ter filho?", pergunto. "Não é que tenho vontade. Eu vou ter um filho", responde rindo. O desejo cresceu depois que fez 30 anos. "Só quero ter um pouquinho mais de estabilidade. Os hormônios da maternidade estão gritando." A vontade de ser grande (atriz, cantora, mulher, filha) também.

COMIDA BOA, CORPO BOM

Apesar de adorar dançar (na adolescência, fez anos de street dance), Thalma nunca conseguiu se empolgar com esportes. "Tente, mas não é a minha. Sou meio preguiçosa." Como não basta cuidar da cabeça, do corpo ela cuida com alimentação criteriosa. Há dez anos, a cantora descobriu os ensinamentos de Sonia Hirsch, uma jornalista naturalista que faz sucesso há anos publicando livros de "auto ajuda alimentar" como *Med tando na Coz nha e Sem Açucar, com Afeto*. "Foi nos livros dela que entendi que matar a fome não é a mesma coisa que se alimentar." Thalma acredita que a alimentação é a chave de tudo. "Desde que passei a me alimentar direito, nunca mais fiquei gripada." Por se alimentar direito, leia evitar café e açúcar, só comer arroz e farinha integrais e abusar de alimentos como inhame, que fortalece o sistema imunológico (Sonia tem um livro chamado *Boca, Feliz e Inhame, Inhame* dedicado a exaltar os benefícios do tubérculo). A pedido da *Tpm*, Thalma montou um cardápio para a gente entender melhor essa alimentação naturalista.

Café-da-manhã (escolha uma das opções)
1 Leite de soja, três colheres de farelo de aveia, uma fruta (eu uso mamão ou banana) e mel
2 Iogurte natural, mamão e duas colheres de granola sem açúcar
3 Duas fatias de pão de centeio, queijo cottage ou ricota e suco de frutas

Almoço
Proteína: peixe, frango ou carne (grelhado, cozido ou ensopado)
Carboidrato: legumes cozidos ou no vapor, salada verde, arroz integral (até quatro colheres de sopa) e caldo de feijão
Gordura: azeite de oliva (não cozinhe o azeite, que é pecado!).
Sobremesa: uma fruta.

Jantar
Sopa de legumes com proteína (um pedaço de carne magra ou de frango, por exemplo)

Dica: se tiver fome durante o dia, uma gelatina diet faz bem. E beba muita água, que limpa, hidrata e ajuda a segurar a gula.

Verão 2005
GOLD COAST
WWW.GOLDCOASTSURF.COM.BR

Como ouvir música nas alturas sem incomodar o vizinho.

Agora, voando Varig, você tem um canal de áudio exclusivo, com uma seleção do melhor da música jovem contemporânea, feita especialmente pela Fluminense FM para você relaxar. Tudo que tocou de bom nos últimos tempos, lá no alto com você. Relaxe e aproveite o melhor vôo dos últimos tempos.

RADIO VARIG

FLUMINENSE fm 94,9

O melhor som dos últimos tempos

Badulaque

Edição e reportagem **Nina Lemos**

1. O MAURICINHO ORIGINAL **2.** FINAIS DECENTES PARA ROSS E CARRIE **3.** PAR PERFEITO **4.** VOVÓS PUNKS **5.** O DESAFIO DA FUSEAU **6.** A NÃO ENTREVISTA DO MÊS **7.** ESCOLINHA OU BABÁ, EIS A QUESTÃO **8.** CLUBE DAS NOIVAS **9.** ERROS MÉDICOS DA NOSSA INFÂNCIA

Furo de reportagem

O mauricinho original

DESCOBRIMOS QUEM É O MOÇO QUE DEU ORIGEM AO TERMO. E APROVEITAMOS PARA INVESTIGAR DE ONDE VIERAM A PATRICINHA, A CAMILINHA, O PLÍNIO...

Ele é o mauricinho mais Maurício de todos. Mas não gosta de se vestir arrumadinho e não frequenta lugares de playboy. Prefere se divertir dançando em clubes underground. Maurício Lima tem 42 anos e não mora em nenhum bairro nobre de São Paulo. O jornalista carioca vive no bairro da Consolação, na região central da cidade. Freqüenta inferninhos como A Torre e ALôca. Odeia Armani e Ralph Lauren: seu estilista favorito é o moderninho Marcelo Sommer. Mas, mesmo não preenchendo nenhum requisito, ele é o Maurício que deu origem ao termo mauricinho que identifica o cara certinho, arrumadinho, playboy

Segundo apuramos, a confusão começou quando Maurício, ainda nome e não adjetivo, estudava jornalismo na UFRJ: "Eu sempre ia para a faculdade com roupas de marca e mochila da Company. Os meninos me sacaneavam porque eles eram superlargados", diz o Maurício original. Para azar dele, entre os meninos estava Bussunda, que na época escrevia na *Casseta Popular* (revista de humor que deu origem ao *Casseta e Planeta*). A história é confirmada por Guta Nascimento, colega de faculdade. "O Bussunda passou a escrever 'Fulano de tal é um mauricinho'."

Patricinha e Plínio

E a Patrícia, aquela que é a versão feminina do Maurício? Nas nossas investigações, descobrimos que ela nunca existiu. Trata-se de uma invenção do jornalista carioca Sidney Garambone, hoje diretor do *Globo Esporte* e na época repórter do "Segundo Caderno" de *O Globo*. "Em conversas com amigos comecei a falar que a gente precisava inventar um nome para aquela menina toda arrumadinha, de roupa tom pastel. Achei que Patrícia soava bem. Um dia um amigo estava fazendo uma matéria sobre mauricinhos para *O Globo* e o convenci a escrever também sobre as patricinhas." Garambone se assustou com o sucesso da "filha". Hoje, paga mico ao tentar convencer as pessoas de que o termo foi inventado por ele. "Todo mundo acha que é mentira."

Foi dele também a invenção do Plínio, que não pegou tanto. Plínio, segundo o criador, é aquele cara janota, de roupa certinha e metido a intelectual.

Camilinha

A versão doidinha e moderna da patricinha, a camilinha, também não foi inspirada em uma pessoa real. "Estávamos fazendo uma reportagem para identificar aquele tipo de garota rica, mas que era mais maluquinha e freqüentava baladas", explica a editora da *Revista da Folha*, Vera Guimarães. "Ficamos pensando em um nome, e o Paulo Sampaio, autor da matéria, sugeriu camilinha." Deu certo. Se é assim, vamos criar um termo. A partir de hoje, toda menina lésbica novinha, com piercing e cabelo curto, se chama Lili. Não soa bem?

O Mauricinho original com suas roupas prediletas: tênis, jeans surrados e camiseta. Nada de Ralph Lauren

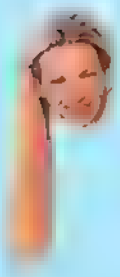
Foto Rafael Quintino

TV paga

Finais decentes para Ross e Carrie

OS FÃS DE *FRIENDS E SEX AND THE CITY* FICARAM FRUSTRADOS COM OS CAPÍTULOS DERRADEIROS DOS SERIADOS. A GENTE ESPEROU TANTO PARA VER O ROSS E A RACHEL JUNTOS DE FORMA TÃO CONVENCIONAL? EXISTE COISA MAIS ÓBVIA QUE A MONICA MUDAR PARA UMA CASA COM CHANDLER E OS FILHOS? MAS O QUE MAIS REVOLTOU FOI A CARRIE ACABAR COM O CAFONA DO MR. BIG. PARA COMPENSAR A DOR DE COTOVELO, PEDIMOS QUE ILUSTRES FÃS DOS SERIADOS ESCREVESSEM FINAIS MELHORES (E MAIS ENGRAÇADOS). VEJA NO QUE DEU

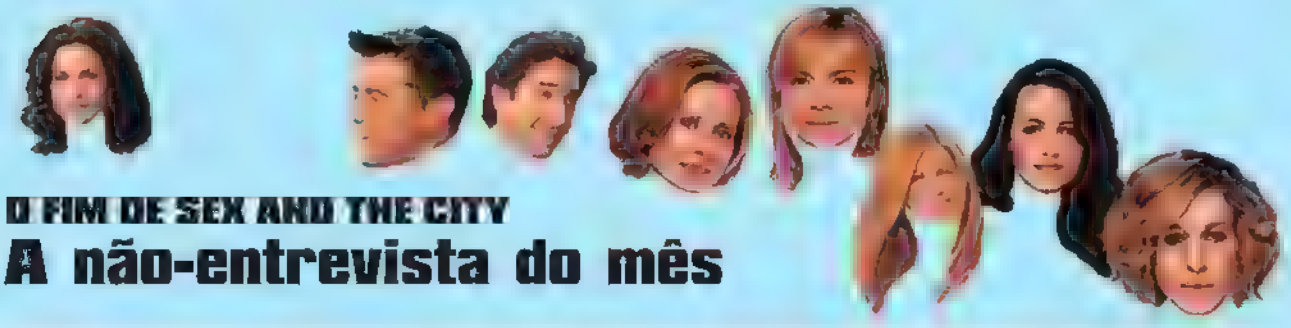
"Rachel vai para Paris e já conhece Carrie, que tinha ido atrás de Mr. Big e o encontrou com outra. Juntas, declaram estar cansadas dos homens e acabam se apaixonando. Enquanto isso, Monica perde a paciência com as gracinhas de Chandler e desce o cacetão no marido, que decide pedir o divórcio. Para isso contrata Miranda que, no processo, se apaixona por Monica e é correspondida. Desesperado, Chandler vai morar no interior do Oregon, onde conhece uma das vinícolas de Mr. Big, que abusa de e sexualmente. Chandler gosta do arrombamento e volta correndo para Manhattan para se declarar ao amor de sua vida: Joey. Ross, Charlotte e Phoebe, os mais sem sal, acabam juntos." **Milly Lacombe**, editora da *Tpm*, acha Monica mais bonita, mas, se não fosse tão bem casada, ficaria com Rachel, que é mais sexy



"Ross consegue chegar a tempo no aeroporto, mas Rachel vai para a França mesmo assim. Ele fica sozinho e retoma sua carreira de tecladista, emplacando hits dos anos 80 em bares do Village. Phoebe acerta quando prevê que o avião onde estava Rachel ia cair. Ela vira sensação mediúnica e ganha seu próprio programa de TV. Monica e Chandler vão morar no subúrbio e levam uma vida extremamente monótona, até que Monica surta e tem um caso com o padeiro local. A mãe (traveca) de Chandler vai morar com eles. Joey vira governador de Nova York." **Felipe Dall'Anese** é cineasta e quer a casar com a Rachel

"Monica descobre que sua mania de arrumação é TOC – transtorno obsessivo compulsivo. Começa a fazer terapia ocupacional e se apaixona por um louco do grupo de apoio, com quem vai morar no Bronx, abandonando Chandler. Rachel e Ross ficam juntos, mas como o relacionamento dos dois já está desgastado eles entram para um clube de swing. Phoebe tem um bebê mutante, filho de um E.T. Joey alcança finalmente a fama participando do *Big Brother*." **Jô Hallack** é jornalista, humorista e apaixonada pelo Ross

"Carrie ficaria desiludida com o russo em Paris e viria de férias para o Brasil com as amigas onde conheceria um brasileiro gostoso, cairia de amores por ele e viraria minha amiga. E aí passar a ir com a gente no Amp (casa noturna badalada de São Paulo) às terças tomar cosmopolitans. Acho que não tenho nenhum amigo disponível e gostoso pra apresentar pra ela, mas, enfim...." **Alessandra Blanco** é jornalista e brinca de *Sex and the City* no Ampgalaxy todas as semanas



O FIM DE SEX AND THE CITY

A não-entrevista do mês

Todas nós adoramos *Sex and the City*. Também nos sentimos órfãs quando ele nos deixou. Mas achamos que o velório do seriado anda um pouco exagerado. Tanto, que até a gente caiu nessa. Neste mesmo "Badulaque", movidas pela dor do luto, publicamos uma matéria com sugestões de finais alternativos para o seriado. Sim, esta é a primeira não-entrevista na qual tiramos sarro de nós mesmas. Mas não estamos sozinhas. O canal Multishow, por exemplo, em um dos quadros do programa *Revista Comportamento*, exibido no dia 18 de agosto, colocou as meninas da grife Raia de Goeye para comentar o estilo *Sex and the City* de ser.

E a batidérrima pergunta: "Quem é você em *SATC*?". Como assim? É claro que todas somos a Carrie. Essa pergunta é uma covardia com as outras integrantes, coitadas. Por mais que gostemos delas, quem vai admitir que é uma tarada que não consegue ficar um dia sem dar? Ou uma advogada neurótica? Ou uma careta que quer casar à moda antiga? Nesse descontrole, o Multishow postergou a exibição do capítulo final, que foi no dia 23 do mês passado, para, uma semana antes, mostrar um "especial" sobre a série, chamado *O Adeus a Sex and the City*. Mas não era o que queríamos naquele momento, quando só tínhamos cabeça para pensar se Carrie ia ou não acabar com o Mr. Big. Tudo bem, todo mundo já sabia que no fim a moça ia ficar com o canalha recuperado, porque isso também foi alardeado histericamente pela imprensa. Mas achamos que todo esse auê sobre a série está passando um tico dos limites. E o pior é que vem mais pelo caminho, como certamente informações detalhadas sobre o destino de cada uma das atrizes nessa fase pós-*SATC*. Exemplo? No dia 30 de agosto, o restaurante Carmine Cucina Tipica, em Niterói, no Rio, promoveu uma degustação associando diferentes vinhos a cada uma das personagens. Prometemos não cair em tentação e evitar falar de novo sobre esse assunto aqui.

Subversão

Vovós punks

DESDE 86, CENTENAS DE VELHINHAS CANADENSES MUITO POLITIZADAS REVOLTAM-SE REGULARMENTE E TAEM AS RUAS JOGANDO CHÁ EM AUTORIDADES, ENVOLVENDO TANQUES COM TRICÔ E CANTANDO MÚSICAS INCRÍVEIS DE PROTESTO

Sabe aquela imagem de velhinhas pacatas que se sentam em cadeiras de balanço, fazem biscoitos e tricotam? Esqueça. Um grupo de vovós canadenses se cansou do estereótipo e resolveu vestir xales espalhafatosos, aventais de cozinha, chapéus ornamentados e sair pelas ruas para desafiar o poder.

As auto-intituladas Raging Grannies (Vovós Furiosas) costumam invadir manifestações e reuniões políticas sem a menor cerimônia. Elas têm entre 50 e 90 anos e um único objetivo em mente: mudar o mundo. Para tanto, gostam de passar as tardes nas "rages" (mistura de rage, raiva em inglês, e raves), como chamam o ato de invadir eventos políticos para os quais não foram convidadas. Nas "rages", elas se enfileiram em trenzinhos e cantam músicas tradicionais como "Cirandinha, Cirandinha". O problema é que, em vez de entoar "Se você está contente, bata palmas", elas adaptam a letra para coisas como: "Se não conseguimos achar o Osama, bombardeie o Iraque/ Se os mercados ferram sua mãe, bombardeie o Iraque/ Se os terroristas são árabes/ E o banco recolhe seu Audi/ E os programas de TV são obscenos, bombardeie o Iraque".

O primeiro grupo de Grannies surgiu em 1986, na cidade de Victoria, no Canadá, durante protestos contra a utilização de uma ilha canadense para construção de uma base militar norte-americana. Na época, as velhinhas eram integrantes de um movimento pacifista, mas suas funções consistiam apenas em fazer o café. Revoltadas, montaram um grupo independente e decidiram alertar a cidade sobre a questão nuclear. Saíram pelas ruas medindo, sabe-se lá como, os níveis de radiação das poças d'água com pais de macarrão e potes de maionese.

Organização subversiva

Desde então, as vovós aprontaram muito. A maior façanha foi tricotar redes de lã em volta de um tanque militar, impedindo-o de prosseguir. Também se alistaram como enfermeiras voluntárias na Guerra do Golfo. Com tanta balbúrdia, há alguns anos, as Grannies foram fichadas pela polícia canadense como "organização subversiva". O que, para elas, é motivo de orgulho.

A militância parece fazer bem. "Se não tivéssemos humor, nenhuma de nós conseguiria encarar a velhice de forma tranquila", garante Georgie Kunkel, de 83 anos. (**Vanessa Bárbara**)

Esquadrão da moda

O desafio da fuseau

O STYLIST DUDU BERTHOLINI DECIDIU PROVAR PARA A REDAÇÃO DA *TPM* QUE AQUELAS CALÇAS LEGGINGS ESTRANHAS, QUE APERTAM TUDO E MOSTRAM MAIS DO QUE DEVIAM, PODEM FICAR ELEGANTES EM UMA MOÇA COMUM. NINA LEMOS FOI A COBAIA Fotos Kiko Ferrite

Desde que o revival dos anos 80 começou, há dois anos, nos revoltamos quando vemos calças fuseau (aquelas superjustas, geralmente de malha ou lycra) apresentadas pelos estilistas como tendência — a peça que só eles acham tudo de bom. Odiamos calça fuseau porque é muito apertada, marca tudo (até a calcinha) e não dá para sair na rua assim — a não ser que você esteja indo para a ginástica.

O ódio é tão grande que na edição de junho publicamos o seguinte "elogio" à fuseau: "Esse tipo de look só fica bom no Dudu Bertholini *[badalado stylist de São Paulo, que virou estilista da nova grife-sensação Néon]*".

Pois bem. Na noite em que a edição de junho chegou às bancas, encontrei o Dudu (de fuseau, claro) na Torre. "Nina, como você pode escrever que fuseau só fica bem em mim? Quero te montar de fuseau para vocês verem que pode ficar bom em qualquer um", gritou. Como isso aqui é um espaço democrático, topamos. A vítima, como sempre, fui eu.

Confesso que, dias depois, cheguei ao estúdio do estilista achando que ia pagar mico. Meu medo aumentou quando Dudu apareceu trazendo uma fuseau preta de bailarina ("uma peça básica que todo mundo precisa ter"), um lenço, um vestidinho e um sapato de salto.

Fingi que estava tudo bem. Mas conforme ele me vestia eu olhava para baixo e via uma pessoa que não era eu. Na verdade, eu enxergava uma figurante de *Flashdance*. Enquanto isso, Dudu e seu parceiro, Kleber Matheus, gritavam: "Tá dramaaaaa". Drama, nesse caso, significa que está ótimo. Para arrematar o look, Dudu pendurou dois brincos de folha, tipo hippie, em uma de minhas orelhas. Eu não usava brincos assim desde os meus 15 anos. Mas milagres fashion existem, podes crer.

Experiência sensorial

Descobri isso quando me olhei no espelho e estava absolutamente incrível! Minha silhueta alongou com o salto, e o preto me deixou ainda mais magra. Talvez eles tenham colocado alguma coisa na água, mas de repente eu comecei a me sentir uma top model, tipo a Twiggy, aquela modelo incrível dos anos 60. Sim, eu estava me achando. Se teria a coragem de sair vestida daquele jeito na rua? Aí já não sei. Minha bunda ficou marcada demais. Mas, com o Dudu a meu lado (e vestido de forma parecida), eu até encararia a caçada. "A fuseau é uma experiência sensorial", dizia o estilista enquanto me mandava passar a mão em minhas próprias pernas para sentir "como o tecido era gostosinho". Comecei a entrar naquela viagem toda e fiquei assim, super à vontade de fuseau.

O próximo look seria a um fuseau jeans, o que me deixou mais relaxada. Jeans é jeans. Mas não é bem assim. Vesti a calça e me senti voltando no tempo para aquela tarde Peggy Sue (meu passado me espera). A calça parecia uma da Inega (o jeans que marcou, literalmente, as nossas pré-adolescências). O sapatinho alto era o mesmo, e o top, uma camiseta fofa com decotinho da Raquel Jendi, estilista emergente. Um look mais dia. "Uma coisa superbásica", segundo Dudu. "Uma roupa para ir trabalhar". Achei de novo que ele estava louco. Mas a imagem no espelho denunciou que o milagre acontecera outra vez. E a fuseau venceu!

TIRA-TEIMA

Avaliação do nosso fashion guru Mario Mendes, editor de moda contribuinte da revista *Daslu*: "Nina Lemos passou no teste da fuseau porque é aquilo que todos nós gostaríamos de ser: maaaagraaaa. Daí que ela tem tudo para embarcar nesse reviva 70/80 do look Norma Kamali (muito legging com túnica, com T-shirts extralarge ou com vestidinhos mínimos). Agora, se você não tem esse physique, esqueça. Ou corre o risco de sair na rua parecendo (na melhor das hipóteses) uma salsicha ou (na pior das hipóteses) uma foca. E tenho dito!"

Lenços e brinco: acervo Dudu Bertholini; sapato **Marcelo Quadros** R$ 575; legging jeans **Eduardo Inahaki**, preço sob consulta; twin set de malha **Raquel Jendi**, R$ 78

Maquiagem **Mafu Silva (Molinos & Trein)**
Produção **Alex Pinheiro**

Passatempo

Par perfeito

COM QUEM SERÁ QUE A MINI-ANA PAULA ARÓSIO VAI CASAR?

Olimpíada, eleições, Conselho Federal de Jornalismo... Nada causou tanta polêmica no mês passado quanto aquele ser de 4 anos que atende pelo nome de Rafaela, mas é conhecido no país todo como a mini-Ana Paula Arósio do comercial da Embratel. A pobre menina foi parar no Orkut e ganhou até uma comunidade só pra ela, a "Tenho medo da anã Paula Arósio". Até o seríssimo Marcelo Coelho, articulista da *Folha de S.Paulo*, falou do comercial em sua coluna de 13 agosto, intitulada "Eu também tenho medo dela". Por aqui, uns acharam a garota um clone do boneco Fofão (lembra?). Mas unanimidade mesmo foi a semelhança com o Chuck! Ou com a noiva dele. Preste atenção nas fotos ao lado e dê o seu veredicto.

Motherns

Escolinha ou babá, eis a questão

NOSSAS QUERIDAS AMIGAS DO WWW.MOTHERNS.BLOGSPOT.COM FALAM SOBRE A DECISÃO MAIS DIFÍCIL NA VIDA DE UMA MÃE MODERNA E TRABALHADORA por **Juliana Sampaio** e **Laura Guimarães**

Vale a pena botar o seu filho na escola porque:

1. A criança está num ambiente mais estimulante do que em casa, e o contato com outros pequenos costuma ser rico e prazeroso.

2. Na (boa) escolinha, as pessoas que cuidam das crianças têm formação adequada para a função. Já a moça que trabalha na sua casa, por mais bem-intencionada que seja, não estudou para isso. E, geralmente, tem outras tarefas a cumprir.

3. Seu filho não fica viciado na situação de ter uma pessoa à disposição (já presenciei várias cenas de crianças tratando muito mal suas babás).

Não vale a pena botar o seu filho na escola porque:

1. Se for em horário integral, a criança pode ficar estressada, entediada, cansada e sentir falta de um cantinho seu.

2. Você tem menos controle sobre horários, alimentação etc.

3. Crianças pequenas ficam mais expostas a doenças pelo contato com outras crianças. E também mais a mordidas, tapas, arranhões e tombos.

4. Você precisa levar e buscar. Todos os dias.

Conclusão:

Esse é, com certeza, o maior dilema que a mãe enfrenta quando volta a trabalhar. Existindo a possibilidade, eu acho que as pessoas deveriam tentar fazer o que eu não fiz: parar de trabalhar por um tempo maior do que o da licença-maternidade e ficar pelo menos um ano mais perto do bebê. É uma fase cansativa, mas deliciosa. E passa muito rápido.

Foto Kika Ferraz

Integrantes do Clube das Noivas durante encontro regado a guaraná, gritinhos e desfile de alianças

Anos 50

Clube das noivas

MULHERES DE SÃO PAULO CRIAM GRUPO SÓ PARA DISCUTIR MODELOS DE VESTIDOS DE NOIVA E DOCINHOS. NOS INTERVALOS, FALAM DE SEXO. MAS SÓ UM POUCO, PARA NÃO ATRAPALHAR O QUE REALMENTE IMPORTA

Para elas não basta casar. É preciso ter a cerimônia perfeita. Claro, também é necessário uma festa de noivado, de preferência bem romântica e com toda a família presente. A aliança no dedo deve ser ostentada. E todas as recordações da preparação para o "dia mais feliz da sua vida", guardadas em álbuns enormes, tudo recortado e organizado. Não, não estamos falando de nossas mães. As moças aqui vão casar em 2004 e 2005. São tão adeptas da tradição que uniram forças no Clube das Noivas, serviço criado por uma empresa produtora de casamentos para que futuras esposas possam trocar informações por e-mails e grupos de discussão. Além disso, volta e meia se encontram pessoalmente para comer salgadinhos e falar sobre vestidos brancos.

O Clube das Noivas existe há um ano e já tem 500 sócias. "É maravilhoso encontrar pessoas que estão vivendo o mesmo momento que eu", diz Amanda Soares, 30 anos. Ela vai casar em outubro de 2005, mas já está com tudo preparado. Sim, a moça vai ficar mais de um ano pensando no assunto casamento. Porque, segundo elas, casar dá trabalho. E muito. "Se você não se apressa, perde os músicos que quer, o salão – é tudo muito concorrido."

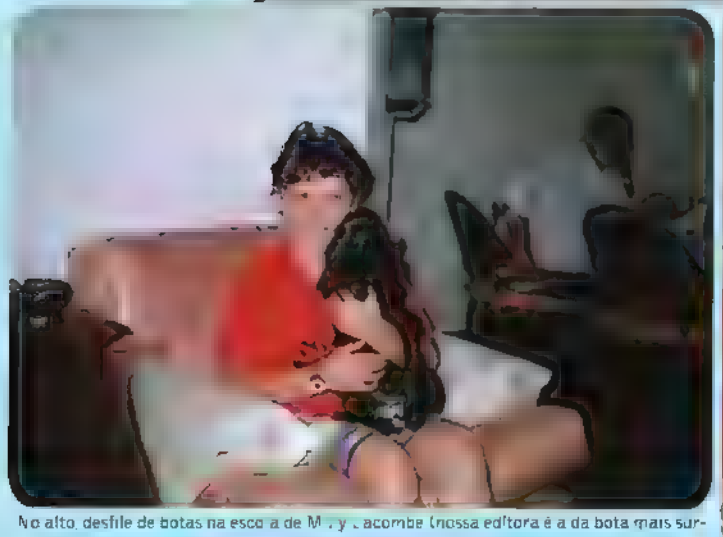
A *Tpm* acompanhou uma das reuniões do Clube das Noivas. Nesse dia, cerca de 50 mulheres gritavam, tiravam fotos de si mesmas e mostravam, orgulhosas, cliques dos respectivos noivados e alguns fichários recheados com recordações dos preparativos. Elas guardam todos os cartões de bufê que recebem, todos os telefones de fornecedores, tudo.

Mas será que noiva só se encontra para falar de festa? "Falamos também sobre outros assuntos, como sexo e relacionamento com a família do noivo", descreve Amanda. Ela gosta tanto das reuniões que pretende, depois de casada, ingressar no Clube das Esposas, facção do Clube das Noivas em que mulheres que subiram ao altar há mais tempo dão conselhos para as menos experientes. Parece coisa de cidade pequena do Texas nos anos 50? Parece. Como disse Nietzsche, o passado se repete como farsa.

Nostalgia

Erros médicos da nossa infância

BOTA ORTOPÉDICA, COLETE, SUSTAGEM, OPERAÇÃO DE AMÍGDALAS. POR QUE OS NOSSOS PAIS FIZERAM ISSO COM A GENTE?



No alto, desfile de botas na escola de Mary Lacombe (nossa editora é a da bota mais surrada). À esq., Marcelo, irmão da Julia Reschmann (produtora do site com o famoso freio de burro). À dir., Ariane com um macacão usado especialmente para separar suas pernas

Se você foi criança nos anos 70 ou 80, deve ter passado por alguns traumas (não só psicológicos como aqueles sofridos por fãs de hippies ou de yuppies). Estamos falando dos traumas físicos.

Provavelmente, seu pediatra te obrigou a operar as amígdalas. Você também deve ter usado botinha ortopédica, aquela dura e bem mais feia que uma meiinha. Seus pais devem ter te forçado a tomar Sustagem ou Biotônico Fontoura, para que você comesse mais e melhor. Mas as criancinhas mais azaradas mesmo foram as obrigadas a usar colete ortopédico (que fazia a pobre virar uma espécie de múmia) para aprumar a coluna e tampão no olho (um look pirata) para corrigir estrabismo. Isso sem falar no aparelho freio de burro, que prometia acabar com os dentuços e fazia qualquer criança fofa virar uma espécie de Robocop. Ariane Abdallah, estagiária da *Tpm*, era recém nascida quando começou a usar o macacão com cara de ponto de cast dade. A pobrezinha teve uma luxação de quadril quando nasceu e precisou vestir isso por seis meses para não ficar manca.

Uma amiga da redação foi forçada, coitada, a usar, ao mesmo tempo, tampão, freio de burro e colete. Imagina o sucesso que ela fazia na escola? Hoje em dia, as crianças não são mais submetidas a essas coisas. Será que os nossos pais nos sacanearam?

De acordo com o pediatra Victor Nudelman do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, muitas dessas técnicas caíram em desuso. "Depois de pesquisas, os médicos perceberam que a operação de amígdalas só deve ser recomendada em casos extremos, quando a criança tem dificuldades para respirar na hora de dormir, por exemplo", explica.

Crianças bêbadas

E as botas? Segundo ele, médicos descobriram que os defeitos dos pés (chatos ou tortos) se autocorrigem. Quanto à coluna, o doutor diz: "Hoje, os problemas de coluna são resolvidos com reeducação postural, o RPG, e fisioterapia". O Sustagem, ainda de acordo com ele, é recomendado em alguns casos para crianças muito abaixo do peso. Mas problema mesmo era o Biotônico Fontoura, que continha álcool. Será que as crianças ficavam bêbadas? Será que foi por causa dessas coisas que a gente ficou assim?

PARA TODAS AS ESPÉCIES.

chilli beans

www.chillibeans.com.br | Todos os óculos Chilli Beans têm proteção contra raios U.V.

ENSAIO
FOTOS **CHRISTIAN GAUL**

NÃO SE REPRIMA

PODE CONFESSAR HOJVE JM TEMPO EM QJE VOCÊ BABAVA PE.OS **MENUDOS** DEPOIS DA **PATÉTICA** VOLTA DE **RICKY**, ROBI FAZ A GENTE ENTRAR NO **TÚNEL DO TEMPO** MELHOR: SEU NOVO CD FOI ELOGIADO ATÉ PELA ***ROLLING STONE***

Toda mulher entre 25 e 30 anos conhece o rosto aí ao lado. Quando soubemos que Robby Rosa, o mais amado dos Menudos, viria ao Brasil para divulgar o novo CD, tiramos do baú histórias hilárias de fanatismo. Um pouco depois, Marcelo Bernardes, nosso colaborador radicado em Manhattan, liga para contar que iria entrevistar Robby. Pronto. A redação viveu momentos de histeria coletiva. Todo mundo queria saber o que Robby havia feito desde que abandonou o Menudo e sumiu do mapa há 17 anos.

Marcelo encontrou o porto-riquenho – que agora se chama Robi Draco Rosa – no On The Ave, um hotel bacanudo no Upper West Side, onde o cantor estava hospedado. Na noite anterior, havia se apresentado num clube alternativo em Lower Manhattan. Robi respondeu às nossas perguntas arrumando a mala: ia para Miami, onde mora, na manhã seguinte. Pausa: Robi é casado há 16 anos com a desconhecida atriz Angela Alvarado e pai de dois meninos, Revel e Redamo, de 9 e 7 anos.

Ricky Martin e Bush

Um amigo que estava no quarto gravou a entrevista com uma câmera, e Robi dava as respostas olhando para a lente. Apesar dessa coisa meio *Big Brother*, o ex-garoto prodígio nem parece que um dia foi estrela. Enquanto contava o que fez na última década, separou as cuecas sujas das limpas e cheirou as mangas das camisetas, fazendo careta depois. Sem a calculada censura que todo pop star tem quando dá entrevistas, revelou um dos seus maiores orgulhos: ter fumado um baseado com o ídolo Tim Maia, quando morou no Brasil depois de ter largado o Menudo, em 1987.

Robi viveu três anos no Rio e lançou dois álbuns em português que ninguém lembra. Embora o vôo solo tenha fracassado, foi um período de crescimento pessoal: aprendeu a falar português, descobriu as drogas e mudou de nome. Revoltado com Robert Edward, o de batismo, pediu autorização à Justiça para virar Draco Cornelius (!?). No começo dos anos 90, cansado de tentar emplacar no Brasil, voltou à América e passou a se chamar Robert Rosa. Assim, liderou a banda Maggie's Dream e viveu uma fase metaleira (as fotos da época são de dar medo). Viveu num semi anonimato até 99, quando produziu um álbum para o amigo Ricky Martin. Bum! Ricky estourou com sua "Livin La Vida Loca": foi parar na capa da revista *Time* . Mas, se você procurar nos créditos do CD o nome de Robi, não vai achar. Nessa época, havia adotado outro pseudônimo: Ian Blake.

Dois anos depois, embalado pelo sucesso de Ricky, Ian Blake vira Robi Draco Rosa e tenta mais uma vez a sorte na carreira solo, agora cantando em inglês. Pouco antes, havia rompido com o amigo e ex-parceiro. O motivo é nobre: Ricky queria usar "Livin La Vida Loca" para fazer campanha para George W. Bush, e Robi não deixou. Foram necessários dois anos para finalizar o CD *Mad Love*, mas tanto preciosismo parece ter dado resultado. O disco foi elogiado pela revista *Rolling Stone*, e Robi voltou a fazer shows – ainda que por enquanto sejam sempre em locais pequenos, com jeito underground, bem diferente da apoteose em estádios da época do Menudo. Melhor assim.

QUE SOM É ESSE?

COLOCAMOS O CD DE ROBI DRACO ROSA PARA TOCAR E PEDIMOS QUE ALGUNS ENTENDEDORES DE BOA MÚSICA TENTASSEM ADIVINHAR QUEM ESTAVA CANTANDO. VEJA NO QUE DEU

"É Sting? Brian Ferry? Tem cara de música dos anos 80. Uma coisa nostálgica do Echo & the Bunnymen pelo timbre",
Serginho Groisman, apresentador da TV

"É o Sting? Parece o Sting. Ou David Matthews? Acho que ele deve ser inglês. A parte instrumental está para Coldplay, essa galera aí. Eu achei bacana!",
Jairzinho Oliveira produtor musical

"A voz do cara parece com a do Sting, do cara do Matchbox 20 e do cara do Coldplay. É o Sting pô! Ou é Radiohead? Meu, quem é esse clone do Sting? É um híbrido do Sting com o Bono Vox. Não, é o Fábio Júnior em inglês!", **André Matos**, vocalista da banda Shaman

"O cara tem voz de Jeff Berkley, mas não é Jeff Berkley *[risos]*. Não me é estranho. Parece essas bandas influenciadas pelos anos 80. Tem horas que é Coldplay. É bem legal. Não vai me dizer que é aquele Robi do Menudo? Isso é o que eu temia! Não. O cara pode tocar e cantar bem, mas não tem estilo. Falta carisma",
Kid Vinil, diretor artístico da rádio Brasil 2000

"Robi Rosa, eu fui no show dele! *[Risos]*",
Marco Bezzi, jornalista e crítico de música

"Que viagem! É gente que ouviu bastante rock dos anos 70. Uma coisa meio californiana. É o Sting!", **Eliana Iwasa**, DJ

"É meio jazz, meio rock e meio psicodélico. A voz é uma delícia. Um Sting jovem. Deve ser um supersucesso, né? Será que é U2? Robbie Williams? Ricky Martin? E o Robi Rosa? *[Ao ser informada da identidade do cantor]* Mas como ele está cantando bem!",
Paula Lima, cantora

Depoimentos coordenados por Thaís Raba

Entrevista a Marcelo Bernardes

Tpm. Você acha que algum dia as pessoas vão pensar em você sem fazer uma ligação imediata com o Menudo?
Robi Draco Rosa. Não dá para controlar o que as pessoas pensam. Não estou nessa profissão para ser analisado. Estou mais interessado no desafio de atingir pessoas reais. Como diz Milton Nascimento *[começa a falar português]*: "Você tem de ir onde o povo está". Eu vou lá. Podem não colocar minha música no rádio, mas eu vou lá. Esperanza y otimismo hasta lo final!

Sua carreira teve um monte de altos e baixos. Qual foi a melhor lição que tirou?
Aprendi a distinguir quem eram meus aliados. Isso levou um bom tempo, mas foi vital. Também fiquei mais confortável comigo mesmo, mais otimista e esperançoso. Se tivesse que exemplificar isso numa pintura, diria que hoje sou mais Goya do que Miró.

Você lamenta não ter feito o mesmo sucesso da época do Menudo?
Você está brincando? Fui eu quem deixei o Menudo. Embora naquela época não soubesse ainda me expressar muito bem sozinho, já acreditava instintivamente que devera ir atrás de meus sonhos.

Você acha que o Menudo abriu portas para a formação de boys bands como 'NSYNC e Backstreet Boys?
Não sei se abrimos as portas, mas acho que o Menudo foi extremamente importante. Lembro-me de estarmos num palácio árabe de manhã, com toda a riqueza do mundo, e dois dias mais tarde num hospital ferido em El Salvador, com crianças amputadas. Na manhã seguinte, estávamos no Japão andando de limusine, para, no fim de semana, conhecer as favelas do Brasil. Isso era o Menudo. Quando olho para trás, acho que foi uma coisa fascinante, incrível.

E os revezes de ser um Menudo?
Teve gente que dizia que estávamos vestidos como veados ou que éramos o símbolo do abuso contra menores. Hoje, olhando para trás, ser um Menudo foi uma coisa memorável. Éramos um bando de garotos que visitavam outros mundos e ainda provocávamos êxtase nos fãs

Seu novo álbum demorou dois anos para ficar pronto. Você foi pressionado pela demora?
Não. Quando faço um álbum quero ter a certeza de que ele estará completo quando entregar para a gravadora. Nunca senti que estava correndo contra o relógio.

Alguns críticos disseram que você lembra um Led Zeppelin latino neste álbum. O que acha da comparação?
Já me associaram também com Tom Waits. Não acho que minha música tenha a ver com a dele. O CD realmente tem muita guitarra. Sempre fui influenciado por Zeppelin, Slash, T-Rex, The Clash, Velvet Underground, The Doors.

E de música brasileira, você gosta?
O Brasil é especial quando se trata de música. De Gal Costa, Milton e Caetano a Lobão e Titãs, tudo é muito musical, sem fronteiras

Como foi a temporada em que você morou no Rio?
Vivi no Rio por um bom período. Tinha um apartamento na Barra. Grande comida, grandes festas. Subi a favela para comprar drogas, me perdi por completo no Brasil e experimentei de tudo. Uma vez puxei fumo com o Tim Maia, que era meu ídolo

Você tem alguma memória ruim dessa época?
Quando terminei meu segundo álbum em português. Estava no Copacabana Palace e fui comprar uma garrafa de Jack Daniel's para algum executivo da gravadora. Lá embaixo havia vários ônibus do Uruguai, com fãs. Do outro lado da calçada, o bar. Estava dizendo oi para os fãs, quando um cara alcoolizado vem na minha direção. Os seguranças me colocaram no carro às pressas, e o homem terminou caindo no chão, batendo a cabeça e entrando em coma. Mais tarde, soube que ele era um policial fora de seu turno. E que havia morrido. Fiquei mal

Você deve levar uma vida tranqüila com o que ganha em direitos autorais das músicas que compôs para Ricky Martin. Até em *Shrek 2* a gente ouve "Livin La Vida Loca". Quando produtores querem autorização para usar a música num filme ou comercial, é você ou o Ricky Martin que tem de aprovar?
Na maioria das vezes sou eu. Como algumas canções têm vários compositores, às vezes sou voto vencido. Aí deixo claro que sou contra.

Em que situação você foi contrário à utilização de uma música sua?
Quando o Ricky Martin se encontrou com o George Bush. A vida do Ricky é problema dele, mas não queria que o Bush usasse uma canção minha. Se o Ricky quiser subir no palco com Bush, sair com ele em comícios, não é problema meu. Mas não vou deixar usarem minha música pra isso. Nós, porto-riquenhos, não podemos votar, mas somos enviados pra guerra para lutar pelos Estados Unidos. Não tem sentido.

Você e Ricky ainda se falam com freqüência?
Somos irmãos. Mas não posso manter todas as coisas de antigamente. Tenho que defender mais músicos hoje em dia, em vez de um só. Gosto de produzir CDs de músicos visionários Não é minha praia ficar sentado no estúdio falando só com uma pessoa Foi divertido antes, quando era um desafio. Coloquei todo o meu coração e minha alma no projeto, e Ricky foi muito profissional também. Agora que ele tem um lugar na história, pode se defender sozinho.

Você acrescentou o Draco a seu nome artístico. Qual foi o motivo?
Meu nome é Draco já há 12 anos. Draco Cornelius Rosa. Quando era jovem, pedi várias vezes para meu pai mudar meu nome. Sempre questionei o fato de eles terem me batizado como Robert Edward. Quando olho no espelho, vejo um jovem moreno, não vejo um inglês. Decidi mudar o nome legalmente e escolhi Draco, que é dragão em latim e representa a coragem e o triunfo. A cerimônia de troca foi simples. O juiz entendeu rapidamente o meu motivo *[risos]*.

EU CONFESSO

UMA MOÇA DE RESPEITO CONTA SEUS DIAS DE **LOUCA PAIXÃO**

"Eu e a minha irmã, a Gabika, que é um ano mais velha, éramos malucas, loucas e dementes pelo Menudo. Tínhamos 11 e 12 anos. Colecionávamos tudo o que saía em revistas sobre eles. Tínhamos três pastas enormes e um caderninho onde registrávamos tudo o que era mostrado no *Momento Menudo*, um programa diário que passava na TVS, o SBT da época. Não preciso nem contar a crise familiar que foi quando, no ano passado, minha mãe jogou as pastas fora, alegando que estavam mofadas: 'Maaeeeee, você jogou nossa adolescência foraaaaaa!'. Um belo dia, teve uma coletiva de imprensa em um hotel aqui em São Paulo e conseguimos um crachá para entrar e assistir do lado de fora do vidro. Chegamos lá e invadimos os corredores do hotel pela escadaria de incêndio para procurar os meninos nos quartos. Claro que fomos pegas por um segurança e expulsas do hotel. Na saída, conseguimos ver os cinco dentro do ônibus e tocar o veículo. Não lavei as mãos durante dias. Outro episódio bizarro: no fim de um show no Ibirapuera, a gente subiu no palco vazio e achou copos com restos de água deles. Tomamos aquela água como se fosse a última gota do deserto. Enquanto bebíamos, falávamos: 'Estou sentindo o gostinho salgado do suor do Roy, do Robby, do Rav'. Mas essa fase, claro, passou. Foi engraçado e acho que todas as garotas da nossa geração tinham paixão pelos meninos. Eles despertaram na gente nosso lado mulher, sabe? Sério!"

Camila Kirmayr, 31, é paulistana e publicitária

Veja mais fotos no nosso site: **www.revistatpm.com.br**

Beleza **Omar Bergea** Assistente de fotografia **Guilherme Alaia** Agradecimento Especial **Minha Sigrist**

À esq., o banheiro-contêiner do Na Mata Café, à dir., no Love, o espelho em forma de coração faz a diferença no pipi room feminino

São Paulo

SACOLÃO

FLAGRA

O TRONO DAS BALADAS

Resolvemos neste mês dar uma devassa nos pipi rooms de seis casas paulistanas.

E ainda cronometramos o tempo de espera na fila de cada um Por **Juliana Calderari**

Amp ★★★ Tempo na fila: 6'26

Ponto alto: as paredes espelhadas **Ponto baixo:** as faxineiras profissionais

Nos três andares do Ampgalaxy funcionam uma loja, um bar e uma pista de dança. O som eletrônico e a decoração são ótimos, mas o melhor é o banheiro feminino, tão espelhado que você perde a noção de profundidade. Para ajudar as mais atrapalhadas, Valquiria Cardoso, responsável pela limpeza, fica dando as coordenadas: "Ei, você! Entra aqui". Cada uma das quatro cabines tem cabide, saquinho para absorvente e protetor de assento. Para as mais corajosas, há o banheiro da pista, oficialmente masculino. Lá, a fila é menor – basta não se incomodar com o cheiro de xixi e com os rapazes usando o mictório. Se os banheiros passaram no teste com louvor, o resto dos serviços levou bomba. Para conseguir uma cerveja, levamos 4'00". Na chapelaria, foram mais 7'45" para pegar o casaco. Para pagar a conta, impressionantes 28'50". Total nas filas: 47'01".

Vá lá. R. Fradique Coutinho, 352, Pinheiros, 11 3085 7867

ALôca ★★ Tempo na fila: 0

Ponto alto: é superespaçoso e peculiar **Ponto baixo:** a sujeira

ALôca é um dos lugares com mais personalidade de São Paulo. A frequência é GLS, e o som vai do eletrônico ao rock. Toda escura, a boate tem um monte de objetos machucos espalhados por seus dois andares. São réplicas de cintos de castidade, chicotes e até um "anti-masturbador" antigo. Na pista, o DJ faz um strip enquanto se acaba nas pick ups. Os banheiros, como não poderiam deixar de ser, são unissex e já viraram lenda. Quando você entrar, não se preocupe com a direção que deve tomar. Tanto à direita como à esquerda, o uso é livre. Se não quiser fazer xixi, pode aproveitar o espaço para conversar e até para conhecer gente. O problema é que a limpeza deixa muito a desejar. O chão sujo já faz parte da decoração, assim como o espelho de moldura vermelha – que fica em frente a um providencial ventilador de parede – e o chocante quadro de anjos com genitálias à mostra. Dentro das cabines, a situação é crítica: o único papel higiênico que encontrei estava usado e dentro do vaso. Marlete Carvalho, que faz a manutenção, assume que é praticamente impossível mantê-los limpos: "Aqui você não vence. Nem parece que acabei de limpar".

Vá lá. R. Frei Caneca, 916, (11) 3159 8889

Madame Satã ★★★ Tempo na fila: 0

Ponto alto: a limpeza e a dona Isabel **Ponto baixo:** decoração sem graça

Superespaçosa, a casa continua pop apesar dos 22 anos. Mérito do bar onde se conversa sem precisar gritar, do mezanino ao ar livre e de uma das pistas mais bacanas de São Paulo. Passei muitos momentos felizes lá – o único problema sempre foi o banheiro. Mesmo separados para homens e mulheres, era fácil dar de cara com um sósia do Robert Smith abraçando uma privada. Daí a minha surpresa ao constatar que o pipi room do Madame Satã era o mais limpo da nossa ronda. A responsável pela mudança é a Isabel Cristina Cardoso. Além de cuidar da manutenção, funciona como confidente. Tomou um fora? Faxineira. Conhecedora do público da casa, faz questão de manter teias de aranha naturais no teto: "Os góticos adoram". Todo preto, o banheiro tem um espelho gigante localizado num recuo, o que impede que as mais vaidosas atrapalhem a passagem. E ainda tem um banco enorme para esperar ou fofocar, cabides e papel higiênico em abundância (outra novidade em relação ao velho Satã).

Vá lá. R. Conselheiro Ramalho, 873, Bela Vista, (11) 3285 6754

Na Mata Café ★★★ Tempo na fila: 0

Ponto alto: o formato de contêiner **Ponto baixo:** o clima hostil na fila de saída

O Na Mata Café é um bar menor camuflado com DJs "descolados" tipo Leo Jaime (às quintas é ele que comanda o som). O banheiro chama a atenção até de quem está sentado no restaurante. Do lado de fora, parece um

contêiner prateado. Quando você entra, dá de cara com três pias de metal e sete espelhos redondos. As quatro cabines estavam bem limpinhas e tinham cabide. Se a fila estiver grande, você pode fugir para o andar de cima, onde há outro banheiro mais sem graça. No dia da nossa visita, não foi preciso usar esse truque. Triste foi ter que esperar 9'36" na fila para pagar a conta num dia sem movimento. Mais deprimente ainda foi testemunhar três discussões (entre meninas.) nos 20 minutos em que passamos lá.

Vá lá. R. da Mata [illegible] 3079 0300

Lov.e ★★★ **Tempo na fila:** 0

Ponto alto: a entrada colorida **Ponto baixo:** é muito pequeno

Na Lov.e a decoração sempre foi uma atração à parte. Sobretudo a da sala vip, com sofás dourados, almofadas de zebra, teto espelhado, paredes vermelhas felpudas e até TV em forma de coração. O banheiro não separa vips dos mortais. As paredes parecem um arco-íris. Na entrada, comum para homens e mulheres, um cinzeiro branco enorme te lembra de apagar o cigarro. O feminino, todo rosa, tem duas cabines limpinhas com cabides, mas o mais bacana é o espelho em forma de coração.

Vá lá R. Pequetita 189 [illegible] 11 3044 [illegible]

Bar D'Hotel Cambridge ★★★★ **Tempo na fila:** 0

Ponto alto: o mictório a céu aberto **Ponto baixo:** não há fuga para os encabulados

O Hotel Cambridge foi um dos primeiros lugares do centro a abrigar festas descoladas. O som é comandado por DJs famosos como Felipe Venâncio. A decoração mistura mobília dos anos 50 com toques moderninhos. Mas nada se compara ao maluquérrimo banheiro. Ao ultrapassar as portas com a inscrição "Toilette", você dá de cara com o caixa iluminado por luzes verdes. Se continuar andando pelo corredor pintado de rosa, esbarra numa cascata que deixa todo mundo com uma pulga atrás da orelha: é mictório ou só mais um item da decoração? A funcionária do hotel garante que é mictório. Como se não bastasse, há cadeiras para quem quiser ver o show sentado. Se for ao Cambridge, não deixe de dar um pulo no banheiro. **Vá lá:** Av. [illegible] 216, [illegible] 3[illegible]04 9103

MISTURA BOA DE UM POUCO DE TUDO O QUE MAIS GOSTAMOS

Edição **Renata Leão** Fotos **Rafael Quintino**

O banheiro do Cambridge Hotel, que mistura peças dos anos 50 com toques moderninhos, é uma atração à parte em uma das melhores baladas do centro paulistano

FETICHE

SURFISTAS URBANAS

[illegible] as vitrines das lojas para inspirar sua ousadia

1. Bermuda Osklen: R$ 167
2. Sandália Francesca Giobbi: R$ [illegible]
3. Bolsa Onbongo: R$ 115,80
4. [illegible] NK Store: R$ [illegible]
5. Bermuda Hang Loose: R$ [illegible]
6. Tênis Christian Dior: R$ 1320
7. Meinha de crochê Cavalera: R$ 90
8. Bolsa [illegible]: R$ [illegible]
9. Bermuda Onbongo: R$ [illegible]
10. Sandália plataforma Schutz: R$ 164
11. [illegible]
12. Lenço de paetês Accessorize: R$ 82
13. Bermuda Rusty: R$ 79,90
14. Alpargatas P Scarpe para [illegible]
15. Carteira Daniella Zylbersztajn: R$ [illegible]
16. Pulseira Cavalera: R$ 120

[illegible] Carolina [illegible] Andrei

[illegible] Accessorize: (11) 3812 6110, Cavalera: (11) [illegible], Christian Dior: (11) [illegible], Daniella Zylbersztajn: (11) [illegible], [illegible], Francesca Giobbi: (11) [illegible], Hang Loose: (11) [illegible], TF: (11) [illegible], NK Store: (11) [illegible].

PRATAS DA CASA

PEQUENOS, GRANDES ACHADOS

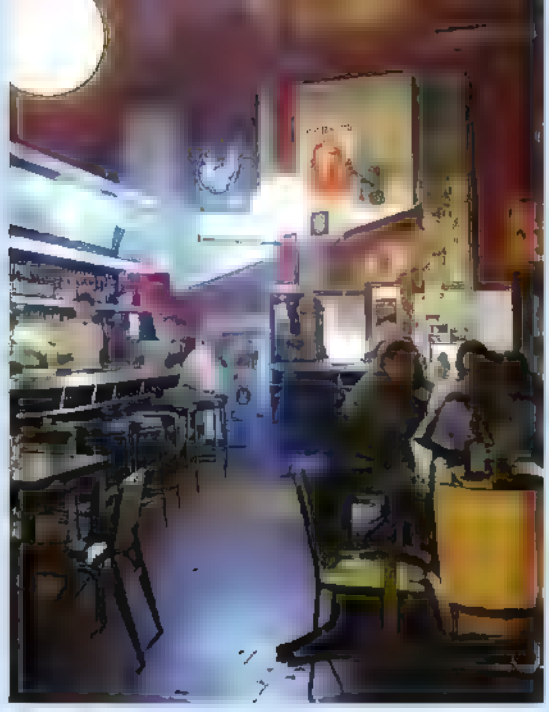
Nesta nova seção você descobre o que o povo da *Tpm* andou fuçando no último mês. Confira o que foi aprovado com honra

Iggy Pop no centro paulistano

O Bar do Rock, também conhecido como Bar do Porcão (apelido de um dos três sócios) ou Casa Belfiori (o oficial), espanta de cara amantes da MPB e bitolados do bate-estaca. Lá você vai ouvir de Iggy Pop a Pavement. Localizada fora do circuito Jardins–Vila Madalena–Itaim, a casa marca ponto porque contribui para o revival do centro. Instalado num casarão numa rua tranqüila da Barra Funda, o bar tem pinta de pub, mas não encerra as atividades com o último metrô. O cardápio traz várias comidinhas gostosas, como o farto chili com carne e o suculento Burgão, um hambúrguer supertemperado, preparado no capricho pelo chef Diego Beida. Há poucos meses, o segundo andar ganhou uma lojinha com CDs de selos independentes, camisetas e até calcinhas com nomes de bandas estampados (a do David Bowie é um sonho).

(**Fernanda Mena** repórter da *Folha de S. Paulo* e amiga da *Tpm*)

Vá lá. *R. Souza Lima, 67, Barra Funda, (11) 3822 1364. Dicas: Guiness (R$ 12 o pint), chili com carne (R$ 11), Burgão (R$ 11)*



Acima, os habitués do Bar do Rock; ao meio, os donos do Diva, Jorge Zambotti (à esq.) e Gil Gomes (à dir.), com a repórter Renata Leão; abaixo o visual do salão de beleza

Ioga milagrosa

Comecei a praticar ioga no início do ano por orientação de minha fisioterapeuta de R.P.G. Uma amiga que pratica há muito tempo me indicou o Espaço Surya, na Vila Madalena. Dei a largada com a ashtanga, uma aula superdinâmica, a mesma que a Madonna faz. Logo na primeira, achei o máximo. Em pouco tempo, sumiram minhas dores nas costas e o torcicolo matinal. Além disso, fiquei superalongada, respiro melhor e já faço posições que achava impossíveis no início – o que é bem divertido. Meus músculos estão mais tonificados e definidos, e meu peso ficou mais bem distribuído pelo corpo. Todos falam que emagreci, mas o peso continua o mesmo, sinal de que perdi gordura e adquiri músculos. Estou mais conectada com meu corpo e sinto mais prazer em tudo, até no sexo. Recomendo.

(**Veronica Campos**, produtora da *Tpm*)

Vá lá. *R. Laboriosa, 89, Vila Madalena, (11) 3812 7072. Aula avulsa (R$ 30), duas vezes por semana (R$ 186) e quatro vezes por semana (R$ 330). Mais informações: www.suryayoga.org*

Dia de diva

Há um mês, andava pelas ruas da Vila Madalena quando me lembrei do salão de beleza que uma amiga sempre recomendava. Era um lugar gostoso, onde as manicures usavam esmaltes de marcas classudas com cores incríveis. Como passei bem em frente ao dito-cujo e estava com tempo livre, decidi experimentar. O ambiente do Diva é chique sem ser arrogante, moderno sem ser hype e descontraído sem ser bicho-grilo. A Diva, melhor manicure que já cuidou das minhas unhas, não reclama da vida nem faz fofoca. Mas de frio mesmo é quando ela me pede para escolher o esmalte. Só tem marca boa difícil de achar nos salões tradicionais como M.A.C e OPI. Meu dia predileto para ir ao Diva é sábado, por causa do brunch com bolos e chás. Os donos do salão são um detalhe fundamental. Lindos, sempre perguntam se você está gostando do atendimento. Jorge Zambotti, um dos sócios, era lutador de jiu-jítsu e fez curso de cabeleireiro no Senac porque a mãe queria que ele tivesse "uma profissão de verdade". Virou destaque da classe, foi pupilo do consagrado Mauro Freire durante cinco anos e hoje dexa qualquer mulher que entra em seu salão com cara de diva. (**Renata Leão**)

Vá lá. *R. Harmonia, 462, Vila Madalena, (11) 3032 6775. Dicas: mãos e pés com a Diva (R$ 15 e R$ 20), corte de cabelo com o Jorge (R$ 95), sessão com o podólogo Ezequiel Rocha – o mesmo do prestigiado Diva da Silva (R$ 50)*

AS BELAS DA NOITE

Toda mulher guarda no armário um cosmético especial para dar aquele upgrade antes de sair pra balada. Confira quatro dicas supimpas que vão te deixar pronta para cair na noite **Produção Carol Sganzerla**

1. Lip Gloss Juicy Tubes, Lancôme, R$ 49

"Este gloss com cheiro de framboesa é grosso e, por isso, não sai da boca com facilidade. Gosto de usar na balada porque aí não preciso ficar retocando a toda hora. Ótimo pra quem não curte batons cremosos e ultra coloridos, como eu, que prefiro deixar os olhos em evidência em vez da boca. Dá pra encontrar de outros sabores, tipo melão ou cereja, mas o de framboesa é campeão." **Erika Brandão, 33,** diretora do programa *Amp*, da MTV

2. Sweet Kit, PUPA, R$ 132,19

"Minha prima me deu este estojo de presente quando voltou da Itália, e eu adorei porque, além de divertido, é prático. Tem maquiagem pro rosto todo (sombra, blush, brilho e gliter), com várias opções de cor. O kit facilita a vida de gente como eu que, por não ter o hábito de andar maquiada, não possui em casa um arsenal de cosméticos. Tudo o que preciso pra ficar com o rosto pronto pra noite está neste estojo."

Maria Fernanda Chakur, 19, recepcionista da Trip

3. Sombra Electric Eel Satin, M.A.C, R$ 63

"Uso sombra apenas à noite. Gosto muito das da M.A.C, que têm grande variedade de cor e ótima qualidade. Minha preferida é a azul, que realça o rosto e valoriza toda a maquiagem. Quando vou sair, gosto de misturar uma roupa discreta e um acessório que combine com a cor da sombra, como um sapato ou um colar." **Fernanda Giorgis, 31,** executiva de contas da revista *Dasty*

4. Terracotta Poudre Bronzante Hydratante nº 3, Guerlain, R$ 132

"Não sou expert em cosméticos, mas desde que conheci o pó da Guerlain, virei adepta. O produto deixa o rosto com um bronzeado reluzente lindo, daqueles de quem passou uma semana na Bahia. E é prático porque dispensa a dobradinha base e pó facial. Outra vantagem do Terracotta é o brilho, já que o pó comum às vezes deixa a pele da gente chapada. Perfeito para tirar o pálido deste inverno paulistano e ir pra balada iluminada."

Elisa Biagi, 25, designer de interiores

Vá lá: *Guerlain 0800 170 506 Lancôme 0800 701 732 M.A.C 0800 2828 998 PUPA 0800 119 013*

SUPERPODEROSAS

As meninas do Chicks on Speed aterrissam este mês em São Paulo para tocar no sonarsound. A italiana Misstress Barbara, 28, considerada a melhor DJ de tecno do mundo, deu um rasante por aqui no mês passado. A pedido da *Tpm*, as quatro escolheram seis CDs que você não deve deixar de fora da sua coleção

Por **Ariane Abdallah** e **Carol Sganzerla**

Quando sobem ao palco, as garotas do Chicks on Speed chamam atenção porque se vestem como se fossem uma banda de glam rock. Mas o som é marcado pela batida seca do eletro. A nova-iorquina Melissa Logan e a australiana Alex Murray-Leslie, ambas de 33 anos, se tornaram amigas enquanto cursavam arte na Akademie der Bildenden Kuenste Munich, em Munique, em 95. Dois anos depois, num bar próximo à faculdade, conheceram a loca Kiki Moorse, 38, na época editora de moda da revista *Miss Vogue*. Juntas desde então, produzem muito mais que música. São elas que fazem as roupas que usam e as capas dos CDs da banda. Quando sobra tempo, fazem ilustrações para revistas. Também publicaram um livro, *Chicks on Speed – It's a project!*, um diário cheio de desenhos. O próximo CD do trio, *Push the Space Bar*, deve sair em novembro. De Barcelona, elas falaram com a gente por telefone. Disseram que estavam empolgadíssimas para conhecer pessoas com a energia do Brasil. De quebra, elegeram os três CDs que mais influenciaram o último disco da banda, o crônico *99 Cents*.

Em sentido horário: Melissa Kiki e Alex, do Chicks on Speed

1. *THE SHAGGS* – The Shaggs (Rounder/Pgd)

"Esta banda americana, formada por quatro irmãs, nunca foi reconhecida pelo rock'n'roll que tocou entre 1969 e 1975. Dizem que a música delas é ruim, mas a gente acha que é de primeira qualidade, uma das melhores coisas que já ouvimos. É que, como a gente, elas faziam música sem seguir os padrões impostos."

2. *COMPILED 1981/1984* – Malaria! (Moabit)

"Era uma banda brilhante, com cinco garotas alemãs que faziam um ótimo som new wave. Pena que só durou três anos. A música era incrivelmente criativa. O jeito que elas tocavam bateria e sax beirava a perfeição: muito brutal, mas extremamente verdadeiro."

3. *THE PEEL SESSIONS* – The Slits (Strange Fruit UK)

"O que mais nos influenciou nesta banda inglesa foi o jeito que eles tocavam rock no palco, porque faziam como queriam, sem dar bola pra essa coisa de ter um rosto ou uma voz bonita. Também durou pouco, de 1976 a 1981."

Vá lá: *todos os CDs podem ser encontrados no www.amazon.com. The Shaggs (US$ 13,95), Compiled 1981/1984 (US$ 16,98) e The Peel Sessions (US$ 21,98). O sonarsound São Paulo acontece entre 8 e 12 de setembro. O show do Chicks on Speed será no dia 10. O livro Chicks on Speed – It's a project também pode ser encontrado na Amazon por US$ 57,82.*

Misstress Barbara elege os três CDs mais legais que comprou nos últimos tempos

4. *BODY LANGUAGE* – Kylie Minogue (EMI Music)

"Ouvindo pela primeira vez o último álbum da australiana, a impressão que fica é a de um disco bem comercial, estilo Britney Spears. Mas aí você ouve de novo e percebe que é muito bem produzido e divertido. Sobretudo a faixa sete, 'Chocolate'."

Vá lá: *R$ 40,90, www.fnac.com.br*

5. *PATIENCE* – George Michael (Sony Music)

"O mais novo CD do George Michael, *Patience*, é muito melhor que seu trabalho anterior, *Older*. Tive que ouvir algumas vezes até aprender a gostar, mas agora estou amando e recomendo para todos os amigos."

Vá lá: *R$ 40,90, www.fnac.com.br*

6. *SHOOT FROM THE HIP* – Sophie Ellis Bextor (Universal)

"Comprei o CD da britânica Sophie de cara, apesar de só conhecer uma música. É que confio nela e não sou o tipo de pessoa que baixa músicas pela internet."

Vá lá: *$ 39,90, www.saraiva.com.br*

Isabelle Tuc-Ibanu

UMA E O GATO

UMA **MULHER** UM **GATO** E O DOCE TÉDIO DA **VIDA A TRÊS**

Uma parou na calçada do cinema, onde um gato comia carne moída sobre o jornal de ontem. Tinha mania de fazer amizade com os gatos de rua. Sentia mais pena dos gatos de rua do que dos meninos de rua – ou de mim. O bicho se esfregou na parede, desconfiado. Tinha bom senso. Uma insistiu e ganhou um arranhão no braço. Nem assim desagradou. No dia seguinte voltou e deu ração. "Aquilo não é comida que preste, tadinho!" E quis levar o bicho pra casa. Não falei nada. Acabou se instalando aqui dentro. Minha presença virou um comentário entre os assuntos do gato.

Ainda assim, todo dia Uma me espera pro jantar. Se esforça, mas cozinha muito mal. Desiste e compra congelado. Entro em casa e Uma me beija a boca. Estico os lábios e Uma já está de costas, a caminho da cozinha. Pergunta como foi o meu dia. "Resolveu os problemas no trabalho? E a conta, pagou?" Respondo o que Uma quer saber, tiro as calças, camisa, gravata, jogo tudo sobre uma cadeira no quarto, chuto os sapatos dentro do armário e sento no sofá. Ligo a TV. Uma põe a mesa e, quando vou sentar, reclama que estou sem camisa. "Onde já se viu sentar à mesa de cueca?" Não sei bem, mas acho que a maioria das frases que Uma me dirige são perguntas. Até as minhas perguntas Uma responde com perguntas.

Elogio a comida congelada de Uma (é como elogiar um peito de silicone), pergunto sobre seu dia – e parece ter sido melhor do que o meu. Uma volta pra casa mais cedo, por isso faz o jantar. Antes de mim, alimenta o gato. Vamos deitar, e Uma coloca uma camisola preta. Mesmo depois de todos os anos, ainda gosto de ver Uma tirar a roupa. Toda vez que abre o zíper e abaixa as calças, me arrepia a nuca. Concentro toda a minha libido em Uma. No início é complicado, mas aprendo a fazer isso. A coxa de Uma já foi mais grossa. Uma não engorda, como temem as outras mulheres. Ao contrário, sua bunda e peitos murcham, como que sugados pela vida. Ou por mim.

Estou na cama lendo um livro quando Uma se troca, levanta o lençol e ajeita seu corpo perto do meu. Penso que estou feliz, que é bom estar casado com Uma, que, apesar de tudo, amo Uma. Talvez mais até do que a mim mesmo. Amo Uma flácida, de mau hálito, calcinha suja, sem saber cozinhar. Amo os cheiros bons e ruins de Uma. Acho que não sei mais como é meu cheiro sem Uma. Amo até o maldito gato. Amar Uma deixou de ser opção há algum tempo, e eu gosto disso.

"AMO OS CHEIROS BONS E RUINS DE UMA. ACHO QUE NÃO SEI MAIS COMO É MEU CHEIRO SEM UMA. AMO ATÉ O MALDITO GATO. AMAR UMA DEIXOU DE SER OPÇÃO HÁ ALGUM TEMPO, E EU GOSTO DISSO"

Começo a beijar o pescoço de Uma, sua orelha, atrás da sua orelha (ela adora ali). Pego sua cintura e pressiono meu corpo duro contra Uma que gente alguma coisa, se vira pra mim e, quieta, vai se deixando levar. Beijo Uma com mais intensidade, agora na boca. Jogo minha língua dentro da boca de Uma. Subitamente, Uma pára de me beijar. Estende os braços ao longo do corpo. "Amor, vamos dormir que tá tarde?" Apaga a luz e deita de costas pra mim. Pega minha mão e dormimos abraçados. Por um bom tempo ainda fico de olhos abertos e pau duro. O gato sobe na cama e se aninha aos meus pés.

Depois durmo e sonho que sou uma criança que não consegue olhar pro céu.

* João Paulo Cuenca, 26 anos, é autor de *Corpo Presente* (www.corpopresente.com.br). Seu e-mail é cuenca@terra.com.br

Isabelle Tuchband

UM VARÃO EM MINHA VIDA

NOSSA COLUNISTA CONTA COMO O **NASCIMENTO** DO **IRMÃO TRANSTORNOU** SUA EXISTÊNCIA

Quando ele nasceu, eu tinha 6 anos. Tempo suficiente para não ter certeza se ser presenteada com um outro irmão era bom negócio. Adriana e Nininha vieram entre mim e ele e já faziam barulho demais. Mas meu pai queria um homem a todo custo. Não havia necessidade: eu jogava futebol e torcia, como ele, desesperadamente pelo Fluminense. Mas não: uma filha que parecia um menininho não dava conta do recado; era preciso mais, era preciso um macho. E então, em 28 de agosto de 73, chegava mais um e, ali entre as pernas, a confirmação: era, finalmente, o varão. Brindes, comemorações, algazarra. Para deixar tudo ainda mais previsível, deram ao moleque o nome do pai: Arnaldo.

E, ao varão, todos os mimos. Enquanto Adriana, Nininha e eu nos espremíamos em um mesmo quarto, o rei tinha um cômodo só para ele. E com televisão. Assim ele cresceu, paparicado por todos – menos, claro, pelas irmãs. Quando meus pais se distraíam, aproveitávamos para sussurrar em seus ouvidos que ele era adotado, para acordá-lo no meio da noite gritando que já era dia e que ele ia perder o ônibus da escola (e ele, um gênio, sempre acreditava), para obrigá-lo a fazer favores como pegar água e biscoito na cozinha sempre que bem entendêssemos. Quando o despertador tocava às 5h30 da manhã para que o moleque fosse para a aula de natação, todas nós púlávamos em seu pescoço dizendo que, se ele queria ser alguém na vida, era bom que se esforçasse. Ele saía sonolento para a piscina gelada, e nós voltávamos para a cama rindo. Foi tudo sempre muito divertido, até que o pequeno cresceu. E ficou maior e mais forte do que todas nós.

Com tanta superioridade física, não havia mais como tripudiar dele. Foi nessa época que o moleque começou a apresentar desvios comportamentais preocupantes, como passar o dia assistindo no vídeo a uma série que se chamava *As Faces da Morte* – ao que consta, cenas reais de pessoas morrendo. Ali tive certeza de que criávamos em casa um serial killer, embora até os 7 anos ele jurasse a meus pais que queria ser lixeiro. Mas a vocação do varão não era nenhuma dessas.

No começo dos anos 90, ele chega em casa com a notícia de que havia entrado na faculdade: medicina da USP. Pronto, era o que meus pais precisavam para eleger oficialmente o moleque o homem mais capaz do planeta. Macho, filho exemplar e médico. Quando minha mãe me ligou para dizer que o caçula ia ser doutor, tive uma crise de choro.

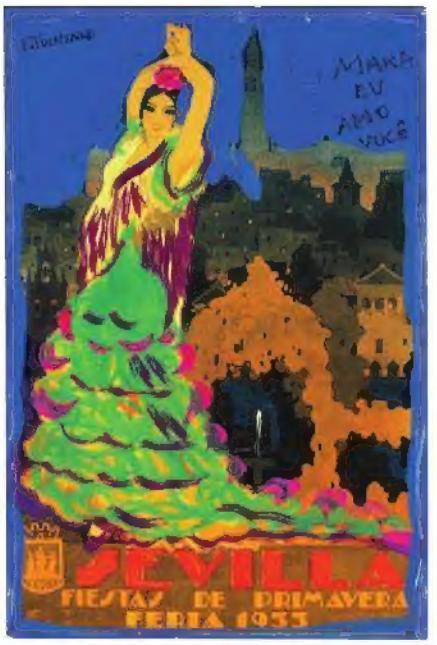
De uma maneira ou de outra, Adriana, Nininha e eu nunca deixamos de ser duras e cruéis com o moleque. O que ele talvez não saiba é que, como mães-substitutas, o que sentimos por ele é orgulho – e que foi por isso que eu chorei tanto quando soube que ele ia ser médico. Orgulho por ele ter sobrevivido a nossa chatice, por ele ter se transformado em um nadador fenomenal, em um sujeito sensível e carinhoso, em um homem, como sonhavam meus pais, raro. Raro a ponto de aceitar minha homossexualidade da forma mais natural e menos inquisitiva possível. Até hoje, sua reação diante das palavras "eu sou gay" foi para mim a mais sublime de todas.

Kiko, como é conhecido meu irmão, é um homem de sorte. Tem a seu lado o pior e o melhor dos mundos: muitas mulheres que o amam. O duro é que o amor de tantas fêmeas às vezes se manifesta intempestuosamente. Mas o moleque, hoje um médico de 32 anos, está aprendendo a se deixar amar.

"O MOLEQUE PASSAVA O DIA ASSISTINDO NO VÍDEO A UMA SÉRIE QUE SE CHAMAVA *AS FACES DA MORTE*: CENAS REAIS DE PESSOAS MORRENDO. ALI TIVE CERTEZA DE QUE CRIÁVAMOS EM CASA UM SERIAL KILLER"

*A carioca Milly Lacombe, 37 anos, é jornalista. Seu e-mail: milly@trip.com.br

Material chroniony prawem autorskim



Isabelle Tuchband

VOTEM MARA!

NOSSA COLUNISTA **TETRAPLÉGICA** SE MEXE MAIS UMA VEZ: AGORA ELA É **CANDIDATA A VEREADORA**

Mais uma vez minha mãe veio com alguma idéia estapafúrdia e conseguiu fazer com que algo muito distante e avesso às minhas idéias se tornasse meu próximo objeto de desejo. Outro dia ela inventou que eu deveria ir à casa do Lula conversar com ele. Achei que ela estava louca, mas insistiu tanto que acabei despencando no meio da multidão na portaria da casa do presidente, e os seguranças me colocaram para dentro em menos de 5 minutos – a aventura virou tema de uma das minhas colunas *[Tpm # 21]*. É assim: toda vez que ela inventa alguma maluquice e eu vou atrás, os fatos se desenrolam com sucesso.

Agora, mais uma. Por acompanhar meu trabalho na ONG PPP (Projeto Próximo Passo) e saber como tem sido difícil levantar recursos para projetos que contribuam para melhorar a qualidade de vida de portadores de deficiência, ela resolveu acreditar que exercendo um cargo público eu teria mais possibilidades de interferir positivamente na vida dessas pessoas.

E o pior (ou melhor) é que ela tem razão. O primeiro problema que o deficiente enfrenta no processo de reintegração social acontece quando sai de casa para encarar as calçadas, o transporte coletivo e os estabelecimentos comerciais, que estão pouco preparados para nos receber. Isso sem falar na dificuldade em conseguir cadeiras de rodas, próteses e outros equipamentos básicos para a locomoção. A minha indignação é ver que muitas vezes o deficiente é tratado como se já tivesse morrido e, tomando por base o fogo que eu tenho para viver, sei a quantidade de vida que pode ser irradiada pelo segmento em questão. Imagine no que deu tudo isso somado à trip da minha mãe: sou candidata a vereadora por São Paulo.

E muita coisa já começou a mudar na minha vida. Se tem algo que sempre abominei foi o horário eleitoral gratuito. Você acredita que no dia que escrevi esta coluna tinha ido gravar o meu? O pior é que fiquei com aquela expressão meio desbotada que, a meu ver, todo político do horário eleitoral tem. Tive 15 segundos para passar a minha mensagem – nunca falei tão rápido. E os santinhos? Não conseguia imaginar minha cara naquele papelzinho com número, partido e slogan (que o Paulo Lima, comandante da editora Trip, gentilmente me ajudou a criar). O mais inusitado, entretanto, é que comecei a abordar as pessoas nas ruas explicando a elas a importância da minha candidatura. Quanto mais eu falo, mais significado vejo na atitude. E o louco é que eu estou adorando!

"UM DIA PENSEI QUE, SE SOFRESSE UM ACIDENTE E TIVESSE ALGUMA SEQÜELA, PREFERIRIA MORRER. ACONTECEU: NÃO MEXO UM MÚSCULO DO PESCOÇO PRA BAIXO E NUNCA ENTREI EM DEPRESSÃO "

Um dia pensei que, se sofresse um acidente e tivesse alguma seqüela significativa, preferiria morrer. Aconteceu: não mexo um músculo do pescoço pra baixo. Mas nunca entrei em depressão por causa disso. Quantas águas imprevistas já não bebi? E quantas outras ainda vou beber? É por isso que peço:

Vote Mara Gabrilli
Um Passo à Frente
45177 – PSDB

Me ajudem a divulgar a candidatura, pois campanha sem dinheiro só pega no boca a boca. E eu preciso de 35 000 votos.

*Mara Gabrilli, 36 anos, é publicitária e psicóloga. Dirige a ONG Projeto Próximo Passo (PPP), ligada à qualidade de vida do deficiente físico – ela é tetraplégica e foi *TRIP* Girl na *TRIP* #82. Seu e-mail: maragab@uol.com.br

Material chroniony prawem autorskim

misssixty.com

Rua Oscar Freire, 1.035 :: São Paulo
Show Room: 11 3060 9660

Você acha que esse carrinho de pelúcia só agrada seus filhos. Até descobrir que ele pode colocar um Fox novinho na sua garagem.

Promoção Soluções Premiadas Volkswagen. Por apenas R$ 20,00, faça um check-up de 30 itens no seu carro, leve um carrinho de pelúcia e concorra a um Fox 0 km equipado com acessórios Volkswagen Tech®.

IBAMA PROCONVE HOMOLOGADO

Corra para um Concessionário Volkswagen para deixar seu carro novo de novo. Faça um check-up de 30 itens no seu carro, que inclui regulagem dos faróis, do freio de estacionamento e troca do aditivo para limpador de pára-brisa. E não é só isso. Você pode escolher entre três modelos de pelúcia do mascote das Soluções Originais® Volkswagen para levar para casa. E, no final, ainda recebe um cupom para concorrer a um Fox 0 km.

Soluções Originais® Volkswagen

Serviços e Peças Originais, para deixar seu carro novo de novo.

VOLKSWAGEN TECH

Rede Autorizada

www.vw.com.br Promoção válida de 1º de agosto a 16 de outubro de 2004. Você pode completar sua coleção comprando os outros modelos por R$ 25,00 cada. Não está incluído no check-up o custo para eventuais trocas de peças que se verifiquem necessárias, bem como o custo da mão-de-obra para substituí-las. A distribuição e venda dos carrinhos de pelúcia serão válidas enquanto durarem nossos estoques. Imagem do prêmio meramente ilustrativa. Para mais informações, consulte o regulamento completo da promoção no site da Volkswagen ou nos Concessionários Volkswagen. Cert. Aut. CEF: 6-0308-2004.